

ANTES

O MUNDO NÃO EXISTIA

Umusi Pārōkumu e Tōrāmũ Kēhīri

DESANA KEHİRIPŌRĀ



Página anterior: desenho de Luiz Gomes Lana, **Tōrãmũ**
Ke híri, destinado a ilustração do artigo *Chuvvas e conste-*
lações: calendário econômico Desana escrito por Luiz Lana
e Berta Gomes Ribeiro, publicado na revista *Ciência Hoje*,
v. 6, nº 36, em 1987.

Antes o mundo não existia

MITOLOGIA
DESANA-KEHÍRIPÕRÃ

NARRADA POR
UMUSĨ PĀRÕKUMU (FIRMIANO ARANTES LANA)
E TÕRĀMË KEHÍRI (LUIZ GOMES LANA)



primeira edição: Livraria Cultura Editorial. São Paulo, 1980

segunda edição revista: UNIRT/FOIRN (Amazonas, 1995)

terceira edição revista © Dantes Editora, 2019

© **Tōrāmũ Kehíri** (Luiz Gomes Lana)

www.dantes.com.br

edição: Anna Dantes

revisão geral: Cesar Baumann

ilustrações: **Tōrāmũ Kehíri** (Luiz Gomes Lana)

preparação de originais, introdução e notas da primeira edição: Berta G. Ribeiro

revisão de originais e notas da segunda edição: Dominique Buchillet / ORSTOM-
-IRD, *Institut de Recherche pour le Développement* (França)

U48a

Antes o mundo não existia : Mitologia Desana-Kêhíripõrã / Umusĩ Pãrökumu (Firmiano Arantes Lana), Toramu Kehiri (Luiz Gomes Lana); ilustrações Toramu Kehiri. 3. ed. rev. e ampl.– Rio de Janeiro: Dantes Ed., 2019.

224 p. : il. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-86488-56-6

1. Mitologia indígena. 2. Mitologia Desana. 3. Narrativas indígenas.
4. Cosmogonia. 5. Amazonas. I. Título. II. Lana, Firmiano Arantes.
III. Lana, Luiz Gomes.

CDD 398.20981

NOTA EDITORIAL

A memória está em tudo e garante que nada se esqueça do que é. Seríamos um amontoado de elementos se o código genético não nos organizasse. A memória é o DNA. É também a continuidade das coisas, da pedra que é pedra, das marcas sobre a pedra, da água, da luz. A memória é o tempo, uma liga que sincroniza e aglutina a vida. A memória pode ser o que nunca acaba ou a lembrança de algo que não existe mais. A memória também é transformação. O mundo em que vivemos foi planejado no invisível, contam os Desana ou *Ũmũkomahsã*, “Gente do Universo”. Muitos se esquecem de onde vêm; os narradores sabem.

Umusĩ Pãrõkumu, ou Firmiano Arantes Lana e seu filho *Tõrãmũ Kêhíri*, ou Luiz Gomes Lana, pertencem a um dos grupos de descendência dos Desana, os *Kêhíripõrã* ou “Filhos (dos Desenhos) do Sonho”. *Umusĩ Pãrõkumu* era tuxáua e não falava português. Quando tinha 30 anos, *Tõrãmũ Kêhíri* resolveu passar para um caderno as histórias que seu pai sabia. Foi incentivado pelo padre Casemiro Beskta, que lhe entregou mais cadernos. Escreveu em desana e português. Enviou os originais para uma editora que nunca respondeu.

Em 1978, Berta Gleizer Ribeiro, durante uma viagem ao Rio Negro para pesquisar o trançado indígena, teve notícia de que dois índios Desana haviam escrito a mitologia de seu povo. Berta foi ao encontro deles no Rio Tiquié. Durante um mês e meio trabalharam juntos. Berta datilografou, revisou e reescreveu o texto desse livro. Ela conta essa história na introdução da primeira edição de 1980, reproduzida em parte na página 207.

Passados alguns anos, já sem exemplares do livro, *Tõrãmũ Kêhírii* manifestou seu desejo de publicá-lo novamente. Em 1995, com aprovação da FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro), *Antes o mundo não existia* é novamente editado, tornando-se o ponto de partida da coleção Narradores Indígenas do

Rio Negro, publicada pelo ISA – Instituto Socioambiental, e destinada prioritariamente ao público indígena da região. Organizada e revisada pela antropóloga francesa Dominique Buchillet em conjunto com Luiz Lana a partir do manuscrito original, a segunda edição inspirou-se na *Proposta para uma Grafia da Língua Tukano* elaborada por professores Tukano e a linguista Odile Lescure.¹

Alguns motivos foram essenciais para que a Dantes se tornasse editora deste livro: o aprendizado com o trabalho, desde 2011, junto ao povo Huni Kuĩ; a fotografia de Berta Ribeiro em 1947 com índios Kadiweu; e a leitura desta narrativa sobre o princípio dos tempos e a canoa da transformação. O povo Huni Kuĩ ensina sobre a floresta. A fotografia nos apresentou Berta e consequentemente sua imensa produção etnológica. Além disso, o título e a narrativa da obra guardam profunda relação com o próprio nome e a logomarca da editora, uma nave chamada Dantes sobre o símbolo do infinito (uma cobra).

Em 2018 convidamos Tōrāmũ Kēhíri, hoje com 74 anos, para vir ao Rio de Janeiro. Através de longas conversas estabelecemos algumas alterações referentes às edições anteriores. Substituímos os seguintes termos: *firmamento* por *céu*, *trevas* por *escuridão*, *demurgo* por *espírito*, *indolente* por *preguiçoso*, *cigarro* por *tabaco* ou *cigarro de tabaco*, *mágicas* por *espirituais*, *balão* por *esfera*, *torre* por *pico*, *pátio* por *terreiro*, *graus* ou *níveis* por *camadas*, *navio* por *canoa*, *comandantes* por *chefes*, *embarcação* por *canoa da transformação*, *ancestral* por *vovô* e *descendentes* por *filhos*. Retornamos também à opção da primeira edição quanto ao uso da palavra *enchente* no lugar de *dilúvio*.

Tōrāmũ Kēhíri criou novas ilustrações, respeitando integralmente a narrativa pictórica anterior. Ele desconhecia o paradeiro

1. Cf. Dominique Buchillet: “Ao longo do tempo, professores indígenas da região elaboraram outras propostas, introduzindo mudanças na grafia das várias línguas tukano orientais, incluindo a língua desana.”

das ilustrações anteriores (aquelas redesenhadas por Rodolfo Tadeu Burgos que posteriormente localizamos no acervo de Berta Ribeiro no Memorial Darcy Ribeiro em Brasília, e onde também encontramos o desenho *homem vestindo pele da onça*, pág. 54). Com a intenção de facilitar o percurso da leitura, inserimos as novas ilustrações ao longo do texto e não mais no final como nas edições anteriores. Tōrāmũ Kēhíri realizou ainda novos desenhos, págs. 37 a 39. Dessa forma excluímos as legendas das edições anteriores.

Diante de palavras e nomes que aparecem tanto em desenhos quanto no texto, optamos pela grafia dos desenhos para que sejam melhor identificadas.

Decidimos, também, terminar o livro com a *História de ãgãmahsãpu, seguida da História dos Diroá e dos Koáyeyá*, como na primeira edição. Não mantivemos as três histórias incluídas na edição de 1995. Considerando que essas histórias não são acompanhadas de ilustrações e que, de qualquer forma, o livro não contempla toda a mitologia Desana, entendemos que elas podem abrir o caminho para que Tōrāmũ Kēhíri faça um novo livro.

Eliminamos, por solicitação de Tōrāmũ Kēhíri, alguns poucos parágrafos onde ele tentava sincretizar os mitos com a moral e a religião católicas.

Quanto as notas são, em sua maioria, as mesmas da segunda edição, selecionadas, por sua vez, entre aquelas publicadas por Berta Ribeiro (1980). As notas de nomes científicos de plantas e animais mencionados em desana que na primeira edição aparecem numa lista ao final do livro, nesta encontram-se ao longo do texto.

Cabe a nós agradecermos a todos os que trouxeram esta memória aos dias de hoje: a Digo Fiães, à Fundação Darcy Ribeiro, a Ana Luisa Chafir, à FOIRN e ao ISA, e, especialmente, a Beto Ricardo e Aloisio Cabalzar.

Convidamos, agora, leitores e leitoras para embarcarem na canoa da transformação.

SUMÁRIO

Origem do mundo e da humanidade, 11

Primeira parte: ORIGEM DO MUNDO, 11

 COMO ELA APARECEU, 12

 A CRIAÇÃO DO UNIVERSO, 14

Segunda parte: ORIGEM DA HUMANIDADE, 16

 COMO FIZERAM A HUMANIDADE, 16

 COMO APARECEU UM OUTRO SER, 18

 A CRIAÇÃO DO SOL, 20

 A CRIAÇÃO DA TERRA, 20

 COMO APARECEU A HUMANIDADE, 24

 O NASCIMENTO DE GAHPIMAHSŪ E A ORIGEM DAS LÍNGUAS, 34

 COMO SAÍRAM PARA A SUPERFÍCIE DA TERRA, 44

Terceira parte: A VIAGEM POR TERRA DOS PAMŪRĪMAHSĀ, 48

Quarta parte: AS ANDANÇAS PELO MUNDO DE UMŪKOAMHSŪ BOREKA, 51

Quinta parte: A DIVISÃO DOS UMŪKOMAHSĀ, 62

 GRUPO DE BOREKA, 62

 GRUPO DE UARI NĀMIYOARIRU, 63

 GRUPO DE DŪBAYARU, 63

 GRUPO DE TŌRĀMŪ KĒHIRI, 63

 GRUPOS DE UMUKOMAHSŪ DUSEBERI

 UARI PAYA E KISIBI YEPURI WARIRU, 64

 OS AVÓS DE BOREKA, 65



Sexta parte: HISTÓRIA DE ʘMʘKOMAHSĀ BOREKA

NO TEMPO DOS PORTUGUESES, 67

Sétima parte: A DISPERSÃO DOS ʘMʘKOMAHSĀ

E A LOCALIZAÇÃO DOS TŌRĀMŬ KĒHÍRIPŌRĀ, 69

História da origem da noite, 74

História dos três cataclismos, 81

O CATACLISMO DE ʘHRAMŬYE, 81

NŬGŬYE E O SEGUNDO CATACLISMO DE FOGO, 90

A ENCHENTE DE SĒPĪRŌ, 94

O roubo das flautas sagradas pelas mulheres, 100

Três histórias sobre Buhtari ʘŏmŭ

o espírito preguiçoso, 104

História da origem da mandioca, 141

História de ʘĩpayã e a origem da pupunha, 153

História de ʘgãmahsãpu, seguido da

História dos Diroá e dos Koáyea, 162

HISTÓRIA DE ʘGĀMAHSĀPH, 162

EXPLICAÇÃO DA HISTÓRIA DE ʘGĀMAHSĀPH, 179

HISTÓRIA DOS DIROÁ E DOS KOÁYEA, 180

OS ÍNDIOS DAS ÁGUAS PRETAS, Berta G. Ribeiro, 207

NOTA LINGUÍSTICA, Dominique Buchillet, 222

MAPA DA ALDEIA DE S. JOÃO..., 223

Origem do mundo e da humanidade



Primeira parte:
ORIGEM DO MUNDO

Antes o mundo não existia. A escuridão cobria tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio da escuridão. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto estava aparecendo, ela cobriu-se com seus enfeites e fez como que um quarto. Esse quarto chama-se *Ἐτῆβοιο τὰριβυ*, o “Quarto de Quartzo Branco”. Ela se chamava *Yebá Buró*, a “Avó do Mundo”, ou também “Avó da Terra”.





COMO ELA APARECEU

Havia coisas misteriosas para ela criar-se por si mesma. Havia seis coisas misteriosas: um banco de quartzo branco, uma forquilha para segurar o cigarro de tabaco, uma cuia de ipadu¹, o suporte desta cuia de ipadu, uma cuia de farinha de tapioca e o suporte desta cuia. Sobre essas coisas misteriosas é que ela se transformou por si mesma. Por isso, ela se chama a “Não Criada”.

Foi ela que pensou sobre o futuro mundo, sobre os futuros seres. Depois de ter aparecido, ela começou a pensar como deveria ser o mundo. No seu Quarto de Quartzo Branco, ela comeu ipadu, fumou tabaco e se pôs a pensar como deveria ser o mundo.

1. Ipadu = coca, em Língua Geral. *Ahpĩ* em desana.

Arbusto (*Erythroxylum coca* var. *ipadu*) cujas folhas são tostadas e socadas em pilão especial (*ahpĩdeariru*). São misturadas às cinzas de uma espécie de embaúba (*ahpĩmoa* “sal de ipadu”). O pó é mascado e engolido.



A CRIAÇÃO DO UNIVERSO

Enquanto ela estava pensando no seu Quarto de Quartzo Branco, começou a se levantar algo, como se fosse uma esfera e, em cima dela, apareceu uma espécie de pico. Isso aconteceu com o seu pensamento. A esfera, enquanto estava se levantando, envolveu a escuridão, de maneira que esta toda ficou dentro dele. A esfera era o mundo. Não havia ainda luz. Só no quarto dela, no Quarto de Quartzo Branco, havia luz. Tendo feito isto, ela chamou a esfera de Umuko wi “Maloca do Universo”. Ela o denominou como se fosse uma grande maloca. Este é o nome que ainda hoje é o mais mencionado nas cerimônias.

Depois ela pensou em colocar pessoas nessa grande Maloca do Universo. Voltou a mascar ipadu e a fumar tabaco. Todas essas coisas eram especiais, não eram feitas como as de hoje. Ela tirou então o ipadu da boca e o fez transformar-se em homens, os “Avós do Mundo” (Umukoñehkūsuma). Eles eram Trovões. Esses Trovões eram chamados em conjunto Uhtābhowerimahsā , quer dizer, os “Homens de Quartzo Branco”, porque eles são eternos, eles não são como nós. Isso ela fez no Quarto de Quartzo Branco, no lugar onde apareceu. Em seguida, ela saudou os homens por ela criados, chamando-os Umukosurã , isto é, “Irmãos do Mundo”. Isto é, saudou-os como se fossem os seus irmãos. Eles responderam, chamando-a Umukosurãñehkō , “Tataravó do Mundo”, quer dizer que ela era avó de todo ser que existe no mundo.

Feito isso, ela deu a cada um deles um quarto nessa grande maloca que é a Maloca do Mundo. Os Trovões eram cinco. Nós os chamamos “Avós do Mundo”. O primeiro, como primogênito, recebeu o quarto de chefe. O segundo recebeu o quarto da direita, acima do primeiro. O terceiro recebeu o quarto no alto do “jirau do jabuti”, no lugar onde se costumava guardar o casco de jabuti tocado nos dias especiais de dança. Assim era também na Maloca do Mundo. O quarto Trovão recebeu o quarto da esquerda, acima

do primeiro e em frente ao segundo quarto. Por fim, o quinto recebeu o quarto bem na entrada, perto da porta, onde dormem os hóspedes.

Como disse antes, o mundo terminava em forma de pico. Na ponta do pico, havia um sexto quarto onde estava um morcego enorme que se parecia com um grande gavião. O lugar onde ele estava chama-se “Funil do Alto” (Umusudoro), quer dizer, o “Fim (os confins) do Mundo”.

Cada um recebeu assim o seu quarto nessa grande Maloca do Mundo. Esses mesmos quartos tornaram-se malocas, que se chamam Umuko w'iri “Malocas do Mundo”. Cada Trovão ficou morando em sua própria maloca. Ainda não havia luz no mundo: Só nessas malocas havia luz, do mesmo modo como na maloca de Yebá Bũró. No resto do mundo tudo era ainda escuridão.

Segunda parte:
ORIGEM DA HUMANIDADE

COMO FIZERAM A HUMANIDADE

Yebá Buró disse aos Trovões:

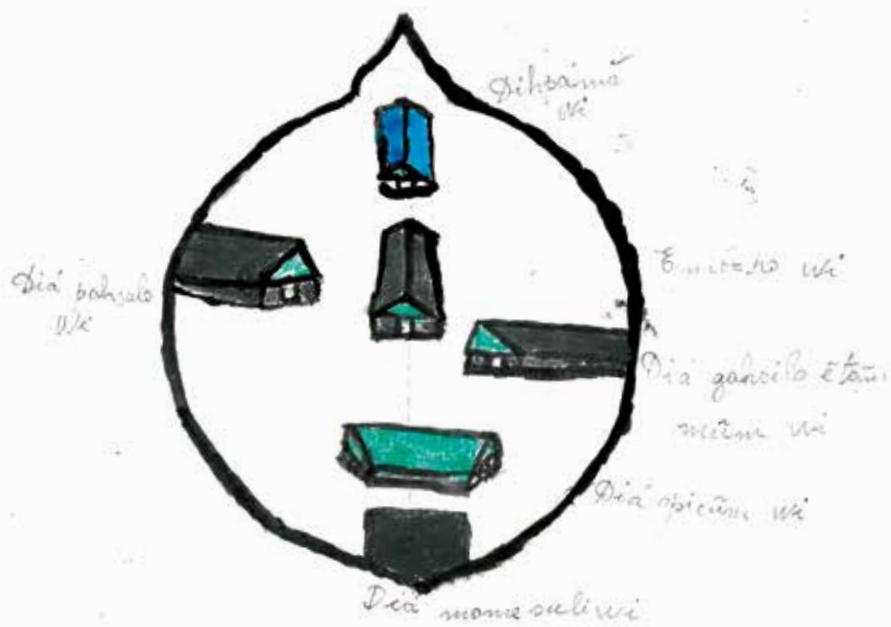
“Gerei vocês para criarem o mundo. Pensem agora como fazer a luz, os rios e a futura humanidade”. Eles responderam que assim o fariam. Mas nada fizeram! Cada qual ficou na sua própria maloca e nem se lembraram do que a Avó do Mundo lhes havia pedido.

As malocas dos cinco Trovões tinham nomes. A do primeiro chama-se Diá *apikũm wi* “Maloca de Leite” e fica no sul. A do segundo chama-se Diá *gahsilo ẽtaũn mũm wi* “Maloca da Cachoeira da Casca” e fica no leste, em Tunui cachoeira, no Rio Içana. A maloca do terceiro chama-se *Umusĩ wi* “Maloca de Cima” e fica no alto. Esta é a que tinha as riquezas: diversos adornos usados nas danças rituais. Todas estas coisas eram especiais, espirituais. Tudo isto viria a formar a futura humanidade. Foi ao terceiro Trovão que a Avó do Mundo deu todas essas riquezas, assim como o poder de guardá-las. A maloca do quarto Trovão chama-se Diá *pahsalo wi*² e fica no oeste, no Rio Apaporis, na Colômbia. A maloca do quinto chama-se Diá *dihapãmã wi* “Maloca da Cabeceira” e fica no norte. O Trovão desta maloca era o último e se chamava *Abepõwehku* “Anta do Brinco do Sol”. Ele brilhava por si mesmo.

O mundo estava ainda escuro. Vendo que não cumpriram as suas ordens, a Avó do Mundo disse:

“Eu não mandei vocês ficarem parados! Mandei-os fazerem a luz, os rios e a futura humanidade e vocês não fizeram nada”.

2. Palavra intraduzível em português.



Os rios, eles já haviam criado. Só lhes faltava fazer a luz e a futura humanidade. Ouvindo isto, os Trovões resolveram criar a futura humanidade. Realizaram então um grande *dabucuri*³ das frutas da palmeira miriti⁴ com a participação de *Yebá Buró*. Isto aconteceu na Maloca de Leite. A Avó do Mundo, vendo o que eles iam fazer, veio para guiá-los. Mas a bebida servida, o *caapi*⁵, era forte demais e, mesmo com a ajuda de *Yebá Buró*, os Trovões não conseguiram criar a futura humanidade. Um deles saiu da maloca para tentar. Mas ele já estava tonto pela bebida e não podia mais aguentar. Ele saiu vomitando pelo oeste. Aí mesmo, o Trovão endureceu e transformou-se numa grande montanha com todos os seus enfeites.

Vendo que não dava certo, a Avó do Mundo disse:

“Esses não têm jeito mesmo, eles não sabem fazer”.

E voltou outra vez para o lugar dela, na Maloca de Quartzo Branco, também chamada *Diá momesuli wi*, “Maloca dos Favos de Mel”.

COMO APARECEU UM OUTRO SER

Voltando ao seu lugar, a Avó do Mundo disse:

“Não está dando resultado”.

Pensou então em criar um outro ser que pudesse seguir as suas ordens. Tomou *ipadu*, fumou tabaco e pensou como deveria ser. Enquanto estava pensando, da fumaça mesmo formou-se um ser misterioso que não tinha corpo. Era um ser que não se podia tocar, nem ver. *Yebá Buró* pegou então o seu *pari* de defesa

3. *Dabucuri*: uma oferta de alimentos.

4. *Buruti* (*Mauritia flexuosa* Mart.).

5. Bebida alucinógena preparada a partir do cipó *Banisteriopsis* sp., plantado antigamente nas roças. O cipó era socado num pilão próprio (*gahpipamõrõ*) e o pó resultante, dissolvido na água, era coado numa *cumatá* (peneira de crivo fino) chamada em *desana* *siruriye* e servido num pote ou *camuti* (*gahpisoro*).



(wereimikaru) e nele o envolveu. Ela estava agindo como as mulheres quando dão à luz. Depois de tê-lo pego com o seu pari, ela o saudou, dizendo $\text{U}\mu\text{u}\text{k}\text{o}\text{s}\text{u}\text{r}\tilde{\text{a}}\text{p}\text{a}\text{n}\text{a}\text{m}\text{i}$ “Bisneto do Mundo”, ao qual ele respondeu $\text{U}\mu\text{u}\text{k}\text{o}\text{s}\text{u}\text{r}\tilde{\text{a}}\text{n}\tilde{\text{e}}\text{h}\text{k}\tilde{\text{o}}$ “Tataravó do Mundo”. Isto ela fez no Quarto de Quartzo Branco.

O nome dele era $\text{Yeb}\tilde{\text{a}}\ \text{G}\tilde{\text{o}}\tilde{\text{a}}\text{m}\tilde{\text{u}}$, quer dizer o “deus da Terra (ou do Mundo)”. Este, que foi criado por $\text{Yeb}\tilde{\text{a}}\ \text{B}\text{u}\text{r}\tilde{\text{o}}$ no Quarto de Quartzo Branco, não tinha corpo. Era espírito. A Avó do Mundo disse-lhe:

“Eu mandei os Trovões do Mundo fazerem as camadas da terra, fazerem a futura humanidade, mas eles não souberam fazê-lo. Faça-o você. Eu hei de guiá-lo”.

Ele respondeu que iria fazer. Aceitou a ordem da $\text{Yeb}\tilde{\text{a}}\ \text{B}\text{u}\text{r}\tilde{\text{o}}$. De lá mesmo, do Quarto de Quartzo Branco, onde havia aparecido, ele levantou o seu bastão cerimonial, que se chama em desana $\text{yew}\tilde{\text{a}}\text{i}\text{g}\tilde{\text{o}}\tilde{\text{a}}$ “osso de pajé”, e o fez subir até o cume do Pico do Mundo. Era a força dele que subia. Ali, ele parou.

A CRIAÇÃO DO SOL

A Avó do Mundo, vendo que o bastão estava erguido, cumpriu a sua palavra de guiar o seu bisneto. Ela enfeitou a ponta do bastão com penas amarradas, enfeites próprios deste bastão, masculinos e femininos, e esse adorno ficou brilhando com diversas cores: branco, azul, verde, amarelo. Enfeitou-o ainda com um tipo de brincos ou pingentes, de feição masculina e feminina. Ela fez isso no cume da Pico do Mundo. Com esses enfeites, a ponta do bastão ficou brilhando. Aí, transformou-se, assumindo um rosto humano. E deu luz onde havia escuridão até os confins do mundo. Era Abe, o Sol, que acabava de ser criado. Assim apareceu o Sol. O Sol gira por si mesmo. Na astronomia dos Antigos estes já sabiam que o Sol girava por si mesmo. Isso é a criação do Sol. Feito isso, Yebá Buró cobriu o Sol com um tapume de penugem de arara (mahãweayuhst).

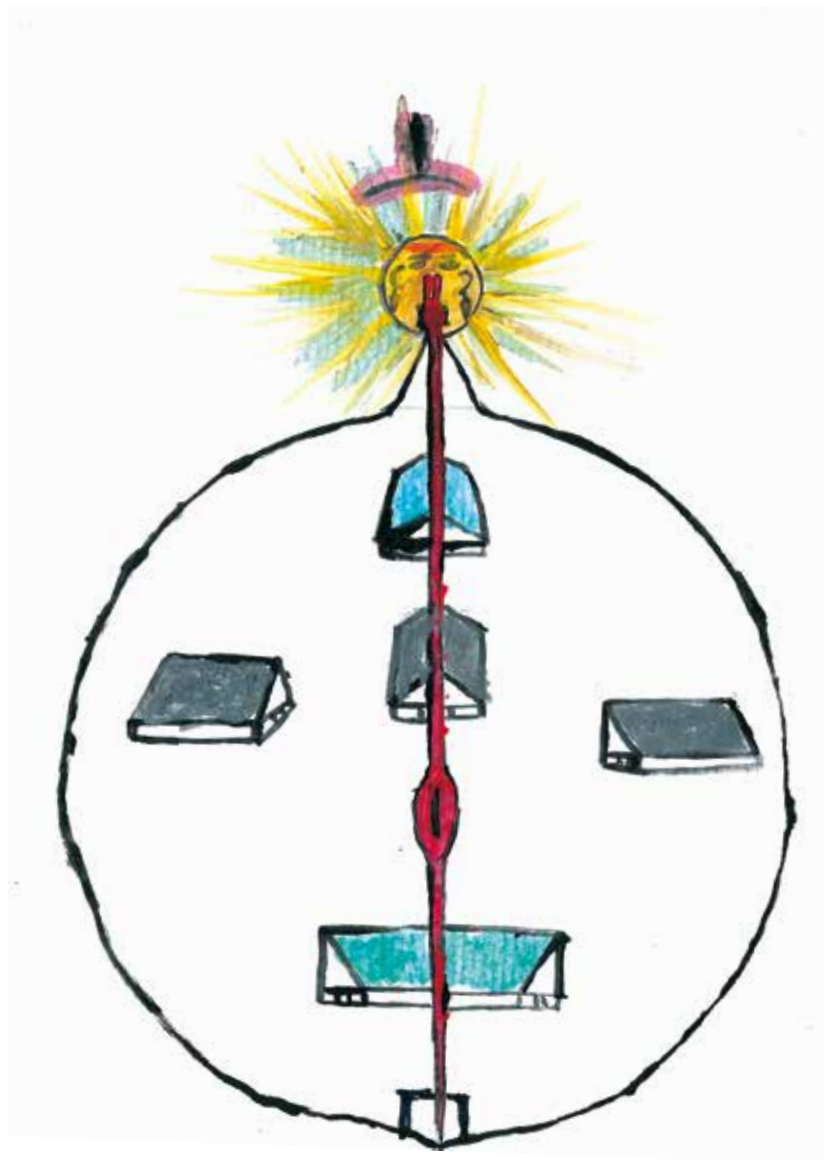
A CRIAÇÃO DA TERRA

Vendo o trabalho do Bisneto do Mundo, os Trovões ficaram enciumados, comentando entre si:

“Nós que somos Homens de Quartzo Branco, nós que fomos os primeiros a ser criados, não conseguimos fazer isto! Como é que esse aparecido, esse espírito que não tem corpo, como é que ele consegue fazer isto? Faremos de sorte que ele não conseguirá!”

Por inveja, queriam destruir o trabalho dele. Só Умуркоӧеһкӧ não teve inveja do trabalho do Bisneto do Mundo, isto é, o terceiro Trovão. Amansou então os seus irmãos com o alimento deles, que era ipadu e tabaco. Somente disso é que eles viviam! Comendo ipadu, fumando tabaco, eles se amansaram, não ficaram mais com inveja e não incomodaram mais o trabalho do Bisneto do Mundo.

Esse bastão não era como o de nossos dias: ele era especial,



invisível. Todas, as coisas nessa época eram invisíveis: a gente não podia vê-las nem tocá-las. Desde o princípio dessa história, todos os materiais eram invisíveis: o ipadu, o cigarro de tabaco, o bastão cerimonial e todas as outras coisas que eu citei eram invisíveis.

Nesse bastão, chamado “osso de pajé”, ele subiu até a maloca do terceiro Trovão. Antes de subir, porém, ele criou vários paris: o pari de urucu de miriti (*nemohsãimikaru*), o pari de frutas pequenas de miriti (*nemuh̄tãĩimikaru*), o pari de miriti meio amarelo (*nebohoimikaru*), o pari de talos de caraná (*ñapũd̄thkaimikaru*). Sustentando-se em cima desses paris que ele criara, subiu no espaço.

Enquanto isso, *Yebá Buró* tirou do seio esquerdo sementes de tabaco, grãos minúsculos, e os espalhou em cima dos paris. Depois tirou leite, também do seio esquerdo, que ela derramou por cima dessas esteiras. A semente de tabaco era para formar a terra, e o leite, para adubá-la.

O Bisneto do Mundo estava subindo para a Maloca de Cima, cortando e dividindo o espaço em várias camadas. O mundo foi assim dividido em camadas (ou graus) sobrepostos, como o ninho da caba está dividido em vários níveis. O Sol feito por ele já estava iluminando todas essas camadas. Ele estava em cima, bem no alto. Se ele estivesse perto de nós, ele nos queimaria a todos! Portanto, o mundo ficou dividido em graus, em camadas sobrepostas como disse antes. O quarto da Avó do Mundo ficou debaixo de todos esses graus: é o primeiro quarto ou “Quarto de Quartzo Branco” (*Uhtãbohōtaribu*). O segundo quarto, acima do primeiro, chama-se “Quarto de Pedras Velhas” (*Uhtãbuhutaribu*). Não se sabe exatamente o que nele existe. O terceiro nível chama-se “Quarto de Tabatinga Amarela” (*Bahsibohōtaribu*). É nesse nível que vivemos nós, assim como toda a humanidade. O quarto andar chama-se “Andar dos Brincos do Sol” (*Abepōtaribu*). É este grau que os Antigos chamavam “Nível dos Santos” ou, ainda, “Nível dos Espíritos”. Isso é a história dos Antigos. Acima desse nível está a Maloca de Cima, a do terceiro Trovão. Este é o guardião dos enfeites de penas e dos diversos adornos que os Antigos usavam



para as danças. O Bisneto do Mundo, criando as camadas da terra, estava subindo no espaço, dirigindo-se para a maloca do terceiro Trovão, porque a Avó do Mundo lhe havia dado a ordem de ir lá pedir os enfeites de penas que viriam a ser a futura humanidade.

Quando chegou à maloca do terceiro Trovão, encontrou-a fechada. A maloca era toda de quartzo branco, inclusive a porta, e ninguém podia entrar. Chegando lá, *Umukõñehkũ* começou a acalmar tudo e só então abriu a porta. Se não tivesse feito assim, ele seria morto. No momento em que ele abriu a porta, apareceu *Umukomahsũ Boreka*, o chefe dos Desana. *Boreka* era como o irmão do Bisneto do Mundo. Ingressaram juntos na maloca. Ao entrar, o Bisneto do Mundo exclamou: “Sów!” É uma saudação de quem chega ao dono da maloca. E continuou dizendo:

“*Umukõñehkũrẽ mahsãkarimahsũ*”, isto é, “Eu sou o homem que veio visitar o Avô do Mundo”.

O terceiro Trovão respondeu:

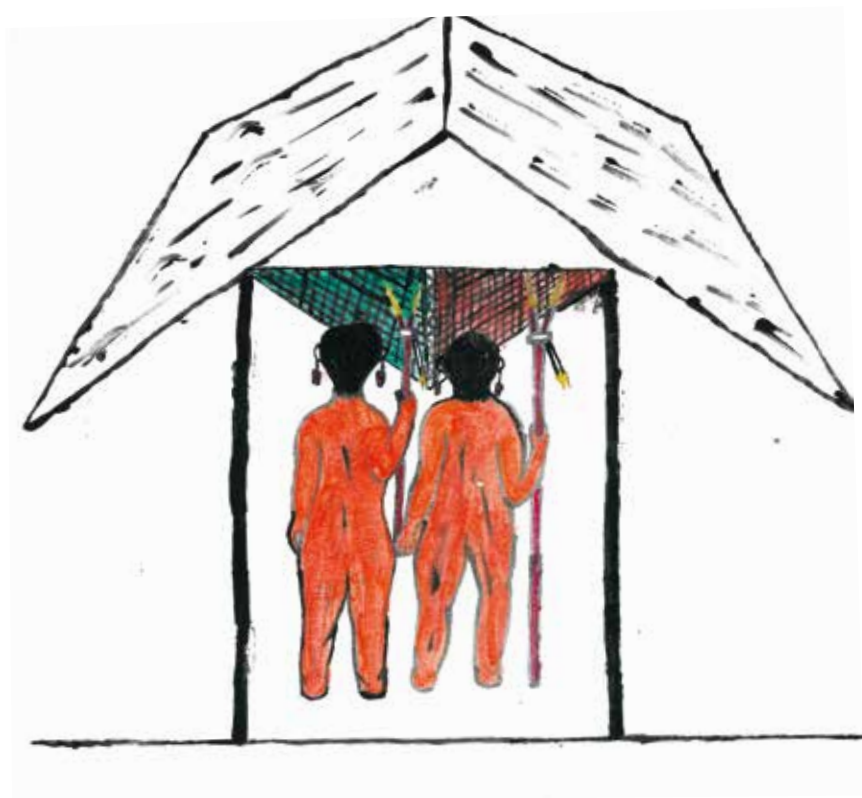
“Sim, Bisneto do Mundo!”

Ele respondeu do fundo da maloca, não veio até a porta para saudá-los. Em primeiro lugar veio o seu cigarro de tabaco, a seguir o ipadu e, em terceiro lugar, o ipadu feito com tapioca. Essas coisas vieram por si mesmas para cumprimentar o Bisneto do Mundo. Vieram uma por uma, chegaram à presença dele, pararam um pouco e voltaram ao quarto do Trovão.

COMO APARECEU A HUMANIDADE

Depois que o cigarro de tabaco e o ipadu voltaram, *Umukosurãpanami* ficou olhando. Viu muitas riquezas: penas e diversos adornos dos Antigos. A maloca do Trovão lhe pareceu como se fosse um museu! Enquanto ele estava olhando, o Trovão veio cumprimentá-lo. O Bisneto do Mundo disse-lhe então:

“Eu vim aqui porque *Yebá Buró* me mandou pedir-lhe as suas riquezas, ó Avô do Mundo. Por isso é que eu vim aqui!”





O Trovão respondeu:

“Muito bem, meu Bisneto! Eu tenho aqui as riquezas que você quer!”

Dito isto, desceu ao seu quarto, pegou um pari usado como defesa do quarto de chefe e voltou para perto do Bisneto do Mundo. Estendeu então o pari no chão e, com a mão, apertou a sua barriga. Saíram-lhe então pela boca diversas riquezas, que caíram sobre o pari. Eram acangataras e outros enfeites de penas, colares com pedra de quartzo, colares de dentes de onça, placas peitorais, forquilhas para segurar o cigarro de tabaco. Ele fez isso na vista do Bisneto do Mundo. Quando acabou de despejar tudo, o Trovão disse:

“Eis as riquezas, meu Bisneto! Quando voltar lá, você faça assim mesmo!”

E ensinou-lhe os ritos que deveria realizar.

No mesmo instante, todas as riquezas transformaram-se em gente. Eram homens e mulheres que encheram a maloca do terceiro Trovão. Deram uma volta dentro da maloca e tornaram a transformar-se em riquezas. Essas riquezas viriam a ser a futura humanidade. O Trovão disse então:

“Procedam dessa forma quando forem colocar as Malocas de Transformação para criar a futura humanidade”.

E colocou todas as riquezas na mão do Bisneto do Mundo. Na frente da maloca do terceiro Trovão havia um pé de ipadu. O Trovão disse, mostrando-o:

“Aí está um pé de ipadu. Tirem cada um de vocês uma folha nova e engulam-na. Quando sentirem dor de barriga, acendam o seu turi⁶, deixem cair as cinzas do turi dentro de uma cuia de água e, depois, bebam esta água. E tratem de vomitar num só buraco no rio”.

Tiraram então a folha de ipadu e a engoliram. Quando começaram a sentir dor de barriga, eles fizeram como lhes fora dito. Ao vomitar, aí mesmo, apareceram duas mulheres. O seu vômito era como um parto e, dele, surgiram as primeiras mulheres. O Bisneto do Mundo disse ao seu irmão Boreka:

“Puxe-as para fora da água!”

Umukomahsã Boreka pegou então as duas mulheres pela mão e puxou-as para fora da água, chamando-as “minhas filhas!” Levaram-nas para a maloca do Terceiro Trovão para mostrá-las. O Avô do Mundo disse:

”Muito bem! Façam assim!”

Ele viu que fizeram as coisas direito. O terceiro Trovão disse a Umukosurãpanami:

“Eu também vou com vocês levar as minhas riquezas”.

Prometeu ir com eles para ajudar a formar a futura humanidade. Feito isso, o Bisneto do Mundo voltou para o Quarto de Quartzo Branco, onde ele tinha aparecido, com todas as riquezas que havia encontrado no alto e que o terceiro Trovão lhe dera.

Depois ele subiu à superfície da terra para formar a humanidade. Levantou-se num grande lago chamado Diá ahpikōdih̄taru, isto é, “Lago de Leite”, que deve ser o Oceano. Enquanto ele vinha subindo, o Terceiro Trovão desceu nesse grande lago na forma de uma jibóia gigantesca. A cabeça da cobra se parecia com

6. *Muhpūrīmihi* em desana, madeira ignígera (*Licania* sp.).

a proa de uma canoa. Para eles, parecia uma grande canoa que se chama *Pamūrĩgahsiru*, isto é, “Canoa da Futura Humanidade” ou “Canoa de Transformação”.

Umukosurãpanami e *Umukomahsũ Boreka*, o chefe dos Desana, vieram como chefes dessa cobra-canoa. Chegaram à maloca do primeiro Trovão, no Lago de Leite. Entraram e agiram segundo as instruções de *Umukoñehkũ*. Aí, repetiu-se o que havia acontecido na Maloca de Cima: os enfeites tornaram-se pessoas, que fizeram um desfile. Deram uma volta dentro da maloca e, depois, voltaram a ser enfeites.

Essa Maloca de Leite está na beira de um grande lago que se chama Lago de Leite, ou seja, o lago de onde surgiu a futura humanidade. As malocas da beira do Rio de Leite (Díá *ahpikun*) foram colocadas pelo Bisneto do Mundo junto com *Boreka*. Essas malocas chamam-se *Pamūrĩwĩri* “Malocas de Transformação”.

Na frente desse grande lago, na frente da Maloca de Leite, ao seu lado direito, há uma outra maloca que se chama *Wihun wi* “Maloca de Paricá”⁷. Esta maloca foi feita por *Umukomahsũ Boreka* ao surgir com seu irmão nesse grande lago. Foi ele que pensou



7. O paricá, em Língua Geral, é uma espécie de rapé extraído da cortiça de uma árvore chamada *gahsirihõgu*, a qual é raspada, cozida e, depois de decantada, secada ao sol. A essas rasps junta-se o pó vermelho de caraiuru (*gũrũyã* em desana). Colocado em pequenas cuias ou no oco da noz de tucum, esse pó era cheirado durante as cerimônias dos pajés. No dia em que cheiravam o paricá, os pajés tomavam um caapi especial, chamado *waigahpi* “caapi de peixe”.



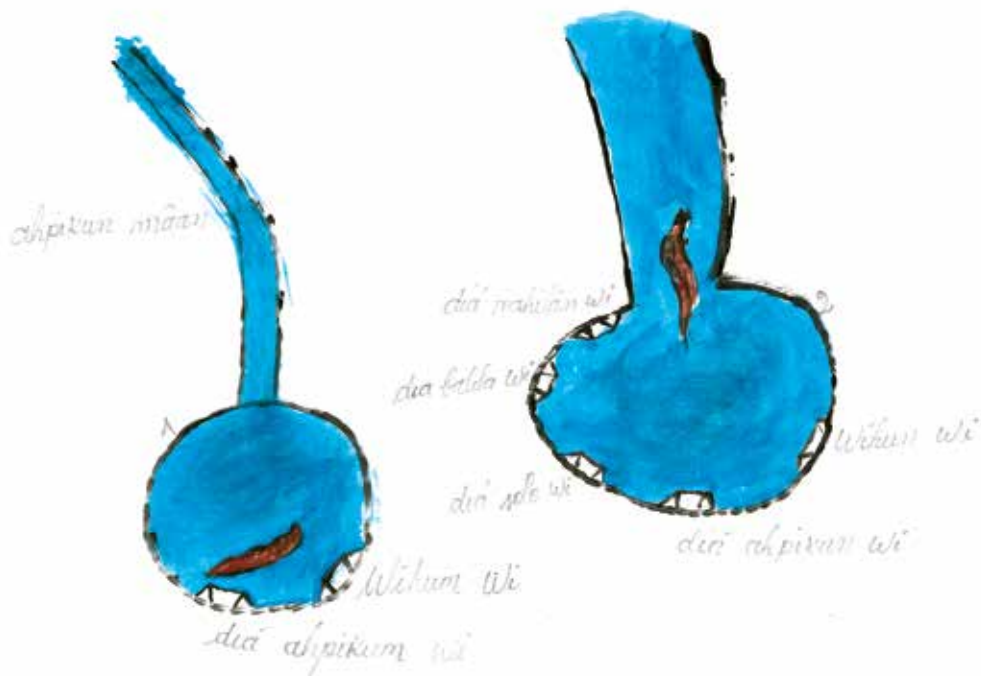
em criar essa grande maloca. Essa maloca é de paricá. Boreka ia se tornar um grande pajé, por isso é que ele a criou, mesmo vindo com seu irmão. Por essa razão, a Maloca de Paricá é dele.

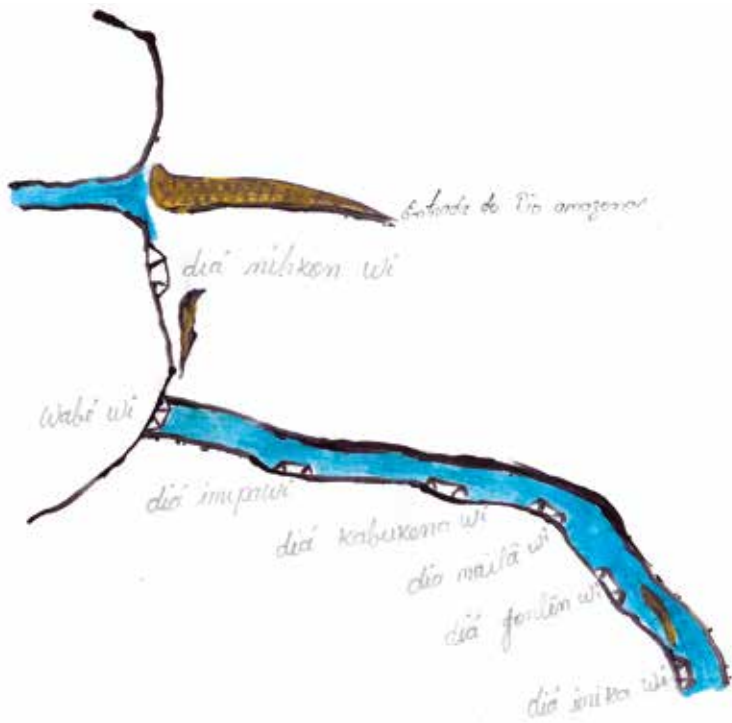
Como disse antes, tendo entrado na Maloca de Leite, ele fez como o Avô do Mundo lhe tinha ensinado na Maloca de Cima. Ao sair dessa maloca, o Bisneto do Mundo embarcou de novo com as riquezas na grande Canoa de Transformação. Esta grande Canoa de Transformação era o Terceiro Trovão mesmo, que vinha trazendo as riquezas que viriam a ser a futura humanidade. Umukosurãpanami veio de pé, na proa da Canoa de Transformação, com o seu bastão cerimonial. Umukomahsã Boreka estava no centro, dentro da Canoa de Transformação. Os dois eram chefes dessa grande Canoa de Transformação, trazendo as riquezas. Eles subiram pelo lado esquerdo do lago criando Malocas de Transformação. Ao chegarem a uma maloca, eles encostavam, saíam da Canoa de Transformação levando as riquezas e faziam as suas cerimônias. E, em cada maloca, acontecia a mesma coisa: as riquezas transformavam-se em pessoas, com corpo humano, e estavam crescendo.

As primeiras malocas estão na beira do Lago de Leite, em cima da Maloca de Leite. As outras malocas estão localizadas no grande rio que é o Rio de Leite (*Ahpikun māan*), outras estão nas costas do Brasil, no Rio Amazonas, no Rio Negro, no Rio Uaupés e, por fim, no Rio Tiquié. De um certo ponto, baixaram outra vez, e continuaram subindo pelo Rio Uaupés até a saída por terra em Ipanoré.

Subindo acima da Maloca de Leite, a Canoa de Transformação chegou à maloca que se chama *Diá solo wi* “Maloca do Redemoinho”. Aí, ela encostou e os dois fizeram uma cerimônia com as riquezas. Esta maloca foi criada por *Umukomahsurāpanami* e por *Umukomahsū Boreka*. Subindo acima dessa maloca, eles colocaram uma maloca que se chama *Diá balita wi* “Maloca dos que Engatinham”. A futura humanidade tornava-se gente e crescia maloca por maloca, assim como a criancinha cresce ano por ano. Assim mesmo acontecia com eles.

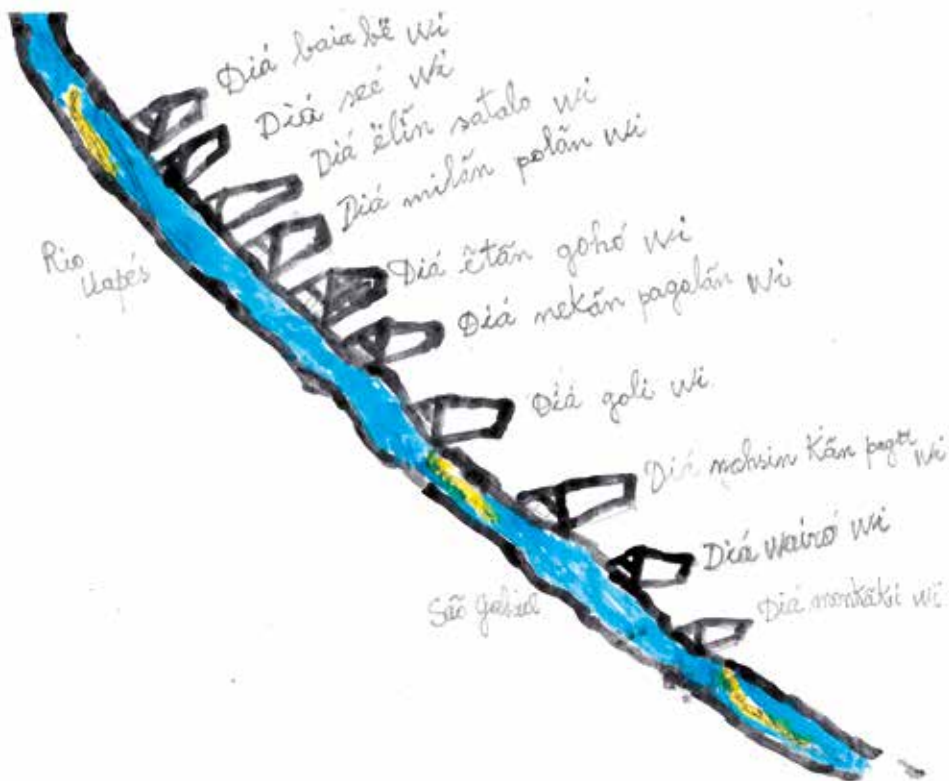
A Canoa de Transformação vinha debaixo da água, como submarino. As malocas também estão debaixo das águas. Tanto é que a humanidade veio como *Waimahsā* “Gente de Peixe”. Chamamos





hoje em dia *Waimahsã* aqueles que ficaram nessas malocas. Subindo mais acima, colocaram a maloca que se chama *Diá mahilan wi* “Maloca de Olhar Para Trás”. Aí, fizeram cerimônias, como de costume. Essas quatro malocas estão na beira do Lago de Leite, no seu lado esquerdo. Daí subiram o Rio de Leite e chegaram à maloca que se chama *Diá tauwi* “Maloca da Barragem”. Daí subiram e chegaram à 6ª maloca *Diá imika wi* “Maloca dos Paris”. Daí subiram e chegaram à 7ª maloca *Diá gõlẽ wi* “Maloca de Caju”. Daí subiram e chegaram à 8ª maloca *Diá mailã wi*⁷. Daí subiram e chegaram à 9ª maloca *Diá kabukēnã wi* “Maloca do Borbulho na Água”. Daí subiram e chegaram à 10ª maloca *Diá imipawi* “Maloca de Areia”. Daí subiram e chegaram à 11ª maloca *Diá wabé wi* “Maloca dos Escudos”. Os velhos contam que essa maloca está na costa do Brasil. Daí subiram e chegaram à 12ª maloca *Diá nihkon wi* “Maloca da Terra”. Também ela está na costa do Brasil.

Continuando a subir, entraram no Rio Amazonas. Chegaram

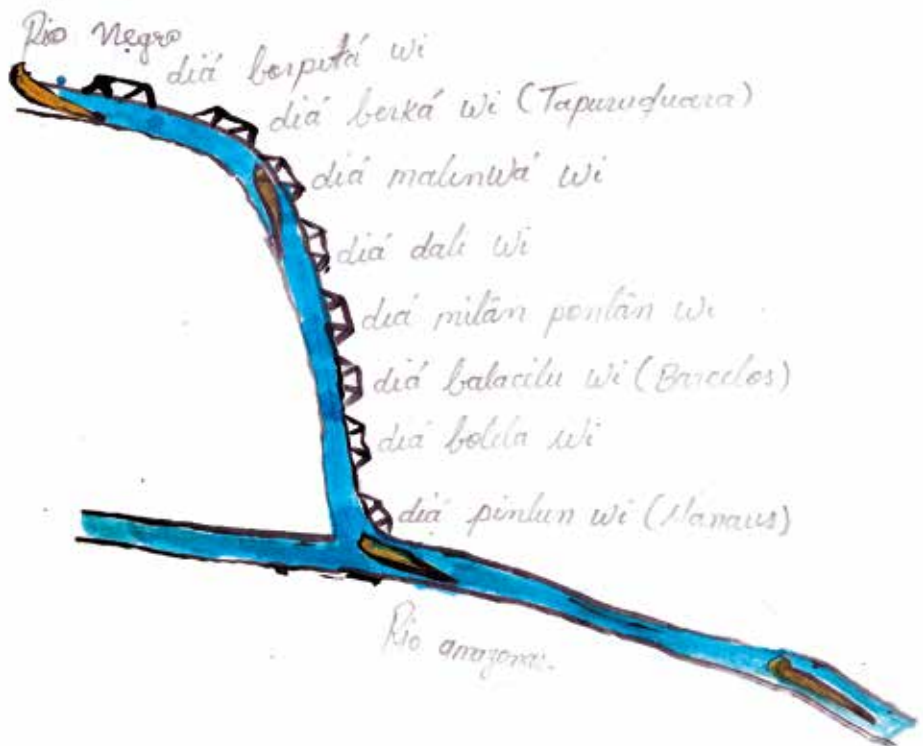


à 13ª maloca Diá pintun wi “Maloca da Cobra”. Os velhos dizem que esta maloca se encontra onde está hoje Manaus. Daí entraram no Rio Negro e chegaram à 14ª maloca chamada Diá botela wi “Maloca de Branqueamento”. Daí subiram e chegaram à 15ª maloca Diá baracetu wi “Maloca de Baracelu”, isto é, Barcelos. Daí subiram e chegaram à 16ª maloca Diá milãñ pontãñ wi “Maloca das Flautas Sagradas”. Daí subiram e chegaram à 17ª maloca Diá dali wi “Maloca das Frutas Uira-pixuna”. Daí, subiram e chegaram à 18ª maloca Diá matinwá wi⁸. Daí subiram e chegaram na 19ª, que se chama Diá behka wi “Maloca dos Tapurus”. Os velhos contam que esta maloca é Tapuruquara. Daí subiram e chegaram na 20ª maloca Diá borpitá wi⁹.

8. Palavra intraduzível em português.

9. Palavra intraduzível em português.

Daí subiram e chegaram à 21ª maloca Diá monkãkũ wi “Maloca do Sêmen”. Daí subiram e chegaram à 22ª maloca Diá wairó wi “Maloca do Cacuri”. Daí subiram e chegaram à 23ª maloca Diá nahsin kãn pagã wi “Maloca do Grande Camarão”. Estas malocas nºs 21, 22 e 23 estão em São Gabriel da Cachoeira. Daí vieram subindo e chegaram à 24ª maloca Diá goli wi “Maloca das Flores”. É a atual Ilha das Flores, no Rio Negro. Daí vieram subindo e chegaram na 25ª maloca chamada Diá nekãn pagãlãn wi “Maloca das Grandes Estrelas”. Daí subiram e chegaram à 26ª maloca Diá êtãn gohó wi “Maloca dos Desenhos Rupestres”. Situa-se em Itapinima, já no Rio Uaupés. Daí subiram e chegaram à 27ª maloca chamada Diá milãn potãn wi “Maloca das Flautas Sagradas”. Daí subiram e chegaram à 28ª maloca Diá êlĩn satato wi “Maloca da Muda de Pupunha”. Daí subiram e chegaram à 29ª maloca Diá seé wi “Maloca dos Bancos”.



A humanidade já estava formada. Vimos que ela passou por muitas malocas, entrando nelas, transformando-se. Por isso, ela já estava grande.

A Canoa de Transformação continuou a subir e chegaram na 30ª maloca, chamada *Diá baia be wi* “Maloca dos Cantos”. Esta maloca é a principal. Antes de chegar a esta maloca, *Umukosurāpanami* disse:

“A humanidade já está formada. Encontramos-nos na metade da viagem e é tempo de fazê-la falar”.

Ó NASCIMENTO DE GAHPIMAHSŪ E A ORIGEM DAS LÍNGUAS

Umukomahsū Boreka já havia ultrapassado a Maloca dos Cantos. O Bisneto do Mundo chegou depois dele. Para se comunicar com ele, mandou o seu bastão invisível que tem o nome de “osso de pajé”. O bastão atravessou pelo rio, na frente de *Boreka*. Vendo-o, este baixou para participar da grande cerimônia que o Bisneto do Mundo ia fazer para dar a cada um a sua própria língua: Desana, Tukano, Pira-tapuyo, Tuyuka, Siriano, Barasano, Baniwa, Brancos. Cada um ia receber uma língua própria.

Nessa mesma maloca é que apareceu um ser misterioso chamado *Gahpimahsū*, o Filho do Caapi. Quando *Umukosurāpanami* chegou à Maloca dos Cantos, juntamente com o seu irmão *Boreka*, fizeram um rito com cigarro de tabaco e *ipadu* para as duas primeiras mulheres que o Terceiro Trovão criou com o vômito deles. Uma delas mascarou o *ipadu* e a outra fumou o tabaco. Aquela que fumou o tabaco deu à luz *Gahpimahsū*. A que mascarou *ipadu* deu à luz as araras, japus e as outras aves que têm penas coloridas. Assim todos poderiam ter bonitos enfeites de penas.

A primeira mulher, a que fumou o tabaco, teve o filho no dia em que *Umukosurāpanami* distribuiu as línguas às várias tribos. Ao sentir as dores do parto, suas pernas tremeram. Seu tremor



passou às pernas dos homens que se encontravam na Maloca dos Cantos. A seguir, sentiu o arrepio do parto e este atingiu a humanidade que estava naquela maloca. Para esquentar-se, ateou o fogo. Esse calor foi igualmente transmitido a eles. Colocou no chão, onde ia receber a criança, trançados de arumã¹⁰ de diversos desenhos. Tais foram: *bowwuhukoregahsiro* “esteira de arumã de fartura”, *moãweheruwuhukoregahsiro* “esteira de arumã do sapo *moãweheru*¹¹”, *õsuwuhukoregahsiro* “esteira de arumã de massa de mandioca”, *dehkowuhukoregahsiro* “esteira de arumã de água” e, por fim, *piřõwuhukoregahsiro* “esteira de arumã de cobra”.

A visão da multiplicidade das cores desses trançados penetrou nos olhos da humanidade que se encontrava na Maloca dos Cantos. Enquanto tomavam *caapi*, o *baya* ou mestre dos cantos, o *kumu*, sábio ou rezador, e os dançadores viam os desenhos dos trançados das esteiras que apareceram quando *Ġahpimahsũ* nasceu. O *kumu* recitava um por um os nomes dos desenhos para que fossem lembrados. Tais eram: *arũgohsori* “quartos de beijus”, *wahtĩyãduhkupu* “joelho do diabo”, *biãñahkõrĩ* “cabinho de pimenta”, *bianwhtũrĩ* “semente de pimenta”, *pikaru* (losango, sem tradução), *wahsũduhpuri* “galhos da árvore *wahsũ*¹²”.

Antes de *Ġahpimahsũ* nascer, a mãe perdeu sangue. O vermelho desse sangue impregnou os olhos da humanidade. Ao nascer a criança, ela cortou o seu cordão umbilical. Na visão dos homens, o cordão umbilical apareceu como pequenas cobras. Depois, a mãe foi lavar o filho, que estremeceu de frio. Esse tremor também alcançou os homens. A seguir, pintou o rosto de *Ġahpimahsũ* com a tinta vermelha extraída do *caraiuru*¹³, e também com tabatinga branca, vermelha e amarela. Na visão dos homens apareceram as cores da pintura de rosto da criança.

10. *Wuhu* em desana (*Ischnosiphon ovatus* Kecke).

11. Não identificado.

12. Fruta de uma árvore que parece seringueira da terra firme.

13. *Ġũrũyã* (*Bignonia chica* Verlot).



arūgohsori



biāñahkōrī



wahtiyāduhkupu



bianñhtūrī



pikaru



wahsūdñpuri



Ao cabo disso, ela levou o seu filho para a maloca onde se encontrava a humanidade, isto é, a Maloca dos Cantos. Quando *Ḡahpimahsũ* entrou, as visões eram tantas que ninguém enxergava mais nada. Não podiam reconhecer-se uns aos outros. Neste preciso momento, *Ḡmukosurãpanami*, que era o representante dos Tukano, chamou pela primeira vez *Ḡmukomahsũ Boreka* de “*meokũ*”, isto é, “primo-cunhado”, embora fossem irmãos. E estabeleceu a lei de que Desana podia casar com Tukano e Tukano com Desana. Isto é, uma pessoa podia casar com os filhos da tia, irmã do pai, que, por sua vez, só podia ter filhos com homem de outra tribo, e esses pertenceriam a esta última. Ou então, com um filho da tia materna, ou seja, irmã de sua mãe, que, sendo casada com homem de outra tribo, os filhos seriam desta.



Quando *Umukomahsã Boreka* vinha subindo na Canoa de Transformação, escolheu os Siriano para serem seus primos-cunhados. Mas Wauro, o chefe dos Tukano, que, como veremos, tomou o lugar de *Umukosurãpanami* como seu representante na terra, confundiu as línguas, tornando siriano parecido com desana. Chamou os Siriano de “primos-cunhados” para que os Tukano pudessem casar-se com suas mulheres. Mas a gente de *Boreka*, os *Umukomahsã*, isto é, “Gente do Universo”, também pôde casar-se com mulheres Siriano porque *Boreka* os havia chamado de primos-cunhados.

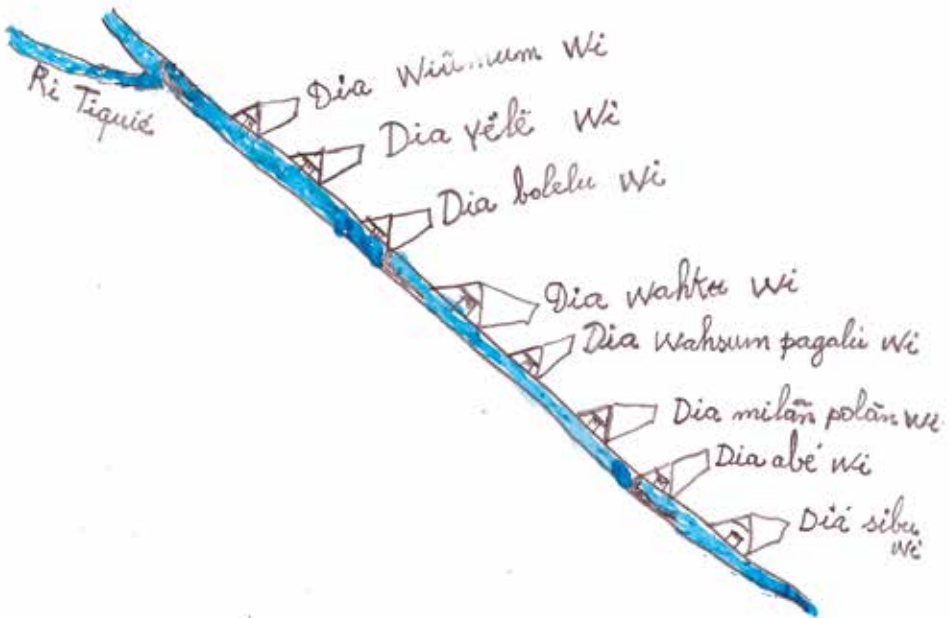
Como vimos, na Maloca dos Cantos toda a humanidade ficou sob os efeitos do caapi, tendo visões. Ninguém entendia nada, devido a essa multiplicidade de visões. Por isso, cada qual começou a falar uma língua diferente. Feito isto, eles continuaram

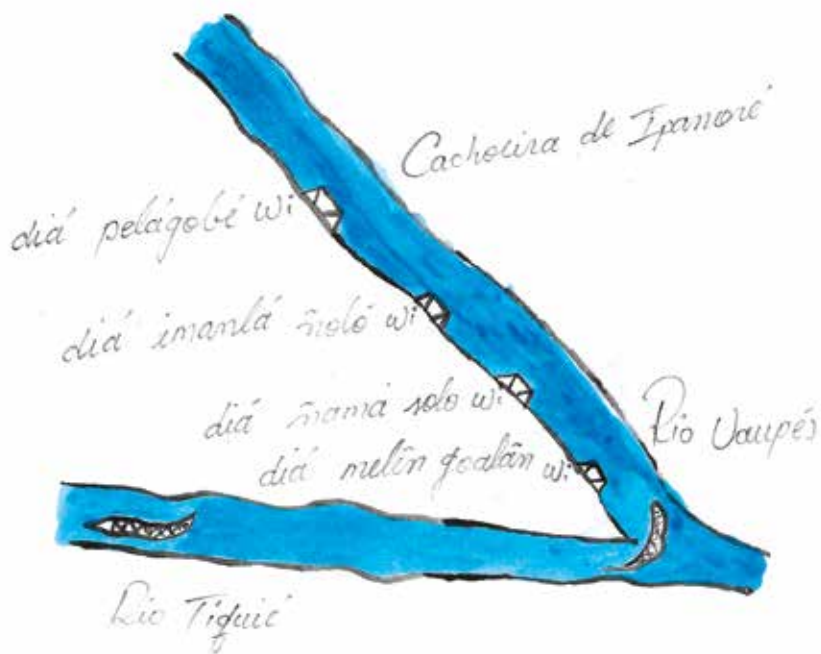


a viajar Rio Uaupés acima. Chegaram assim na 31ª maloca Diá sibu wi “Maloca da Urupema”¹⁴. Mais adiante, chegaram na 32ª maloca Diá *abe* wi “Maloca da Lua”. Daí subiram e chegaram na 33ª maloca Diá *milãñ pōlan* wi “Maloca das Flautas Sagradas”. Daí prosseguiram até a 34ª maloca Diá *wahsün pagalu* wi “Maloca da Fruta Grande *Wahsü*”. Daí vieram subindo até a 35ª maloca Diá *wahku* wi “Maloca do Bastão de Ritmo”. Subindo chegaram à 36ª maloca Diá *botelu* wi “Maloca da Tabatinga Amarela”. Daí subiram e chegaram até a 37ª maloca Diá *yêlê* wi “Maloca dos Desenhos Fechados”. Daí subiram e chegaram até a 38ª maloca Diá *wiũmun* wi “Maloca de Paricá”.

14. Urupema, em Língua Geral, é uma peneira de crivo aberto.

A humanidade, dentro da Canoa de Transformação, entrou no Rio Tiquié e chegou na 39ª maloca, chamada Diá gamãlã wi “Maloca dos Gaviões”. Subindo mais acima, chegaram à 40ª maloca Diá wehlá pagá wi “Maloca da Tapioca Grande”. Foi nessa maloca que as primeiras mulheres tiveram a sua primeira menstruação. O Bisneto do Mundo deixou-as nessa maloca, cercando-as com parís. E somente os homens prosseguiram a viagem. Mais acima, entraram na 41ª maloca Diá wahsu bogali wi “Maloca dos Açóites”. Subindo mais adiante, entraram na 42ª maloca Diá wahsu wi “Maloca dos Aventais de Dança de Tururi” e, mais acima, na 43ª maloca Diá dipu mulan wi “Maloca dos Piolhos”. Subindo mais adiante, entraram na 44ª maloca Diá wahsu bogali wi “Maloca dos Açóites”. Daí subiram e chegaram na 45ª maloca Diá poali etu wi “Maloca da Serra do Cabelo”. Daí subiram e chegaram na 46ª maloca Diá milã pōlã wi “Maloca das Flautas Sagradas”. Daí subiram e chegaram à 47ª maloca que se chama também Diá milã pōlã wi “Maloca das Flautas Sagradas”. Nesse local, situa-se a povoação Uira-poço, no Rio Tiquié. Prosseguindo, chegaram à 48ª maloca Diá wahka wi “Maloca do Bastão de Ritmo”. Subindo mais adiante, entraram na 49ª maloca Diá uga wi “Maloca dos Adornos de Nuca”.



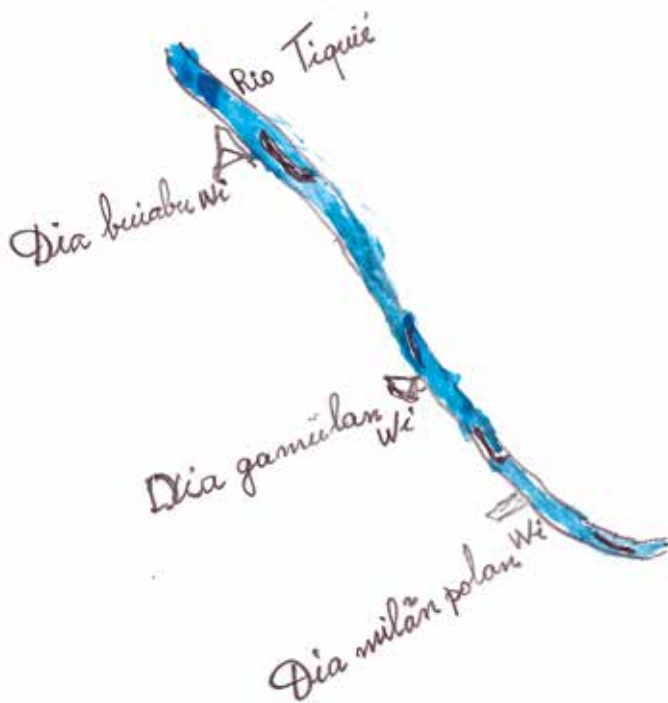


Depois entraram na 50ª maloca chamada Diá *milã pōlã wi* “Maloca das Flautas Sagradas”. Subindo mais acima, entraram na 51ª maloca Diá *gamũlã wi*, “Maloca dos Gaviões”. Subindo mais adiante, entraram na 52ª maloca chamada Diá *buyabu wi* “Maloca dos Enfeites”. Conta-se que esta maloca está nas cachoeiras de Pari. Até aqui chegou a Canoa de Transformação.

Ḥmukosurãpanami deixou neste lugar os Barasana, Kaviria, Yepámahsã, Micura e várias outras tribos. Essas tribos prosseguiram a viagem sozinhas, colocando as suas malocas ao longo do rio. Elas saíram por terra na Cachoeira Comprida, que fica acima da Cachoeira de Pari. Da Maloca dos Enfeites para cima, somente elas conhecem o nome das malocas.

A Canoa de Transformação baixou outra vez e, com ela, foram os Tukano, os Desana e mais outras tribos. Baixaram até a Maloca da Tapioca Grande (40^a), onde o Bisneto do Mundo tinha deixado as mulheres. A Canoa de Transformação encostou e subiu de novo com elas até a Maloca dos Piolhos (43^a), onde ele cortou os cabelos delas. Por isso, temos este costume de cortar os cabelos da mulher quando esta tem a primeira menstruação. Porque também os cabelos dessas mulheres eram brancos; E a Canoa continuou subindo até a Maloca da Serra do Cabelo (45^a), onde o “Bisneto do Mundo” deu para a humanidade outros cabelos, de cor preta, como são os nossos. Aqui acaba a viagem pelo Rio Tiquié.

Recomeçando a subir o Rio Uaupés, eles chegaram e entraram na 53^a maloca, que se chama Diá melên gõãlãn wi “Maloca da Formiga de Ingá”, onde fica atualmente a Missão de Taracuá. Daí chegaram à 54^a maloca Diá ñama solo wi “Maloca das Raízes de Veados”. Subiram mais adiante e entraram na 55^a maloca, que se chama Diá imantá ñotó wi “Maloca da Ponta das Larvas de Borboleta”.





COMO SAÍRAM PARA A SUPERFÍCIE DA TERRA

Daí chegaram à 56ª maloca Diá *pelá gobé wi*¹⁵. Esta maloca está na grande Cachoeira de Ipanoré. Aí, pisaram na terra pela primeira vez, porque antes eles vinham debaixo da água com a Canoa de Transformação. O Bisneto do Mundo ia dividindo-os à medida que estavam saindo para a superfície da terra. Eles saíram por si mesmos. Por isso, na Cachoeira de Ipanoré veem-se os buracos da sua saída, na laje de pedra. A Canoa de Transformação ficou no fundo da água, não veio à tona. Somente eles é que saíram à superfície da terra.



15. Palavra intraduzível em português.

Cada um saiu acompanhado de sua mulher. Colocaram-se em filas, na terra. O primeiro a sair foi o chefe dos Tukano, que se chama *Doethiro*, sendo mais conhecido como Wauro. Ele é o chefe de todos os Tukano. Ele era como o Deus da Terra. O Deus da Terra, ou Bisneto do Mundo, gerou *Doethiro*, que significa “Traíra de Cabeça Chata”. O Bisneto do Mundo baixou com a Canoa de Transformação.

Em segundo, saiu *Umukomahsũ Boreka*, o chefe dos Desana. Foram esses dois que levaram as riquezas que o Bisneto do Mundo tinha pedido ao Avô do Mundo na Maloca de Cima.

Como foi dito no começo, a humanidade estava dentro das riquezas, dentro dos adornos, como a galinha está dentro do ovo. Quando a galinha sai, ela deixa a casca. Pois a mesma coisa aconteceu com eles! Já vimos que a humanidade foi se transformando de maloca em maloca. Sabemos que eles estavam crescendo e que eles saíram de dentro das riquezas, como o pintinho saiu do ovo. Por isso, as riquezas são deles, porque eles cresceram nelas. E é por isto que Wauro e *Boreka* tomaram para si essas riquezas, chamadas agora *Pamãibuya* “Enfeites de Transformação” e depois as distribuíram. Wauro distribuiu as dele para a sua geração, mas nem para todos os Tukano, só para alguns. Sobre isto, somente os Tukano sabem. *Umukomahsũ Boreka*, o chefe dos Desana, também distribuiu as riquezas que lhe couberam apenas para alguns Desana. Essas riquezas são eternas.

O terceiro a sair para a superfície foi o Pira-tapuyo. O quarto foi o Siriano. O quinto foi o Baniwa. Este saiu com arco e flecha e logo retesou o arco para experimentá-lo. Por isso, esse grupo é conhecido por ser bravo. O sexto a sair foi o Maku.

A todos esses, o Bisneto do Mundo disse:

“Dou-lhes o bem-estar, dou-lhes as riquezas das quais vocês nasceram”.

Dizendo isso, ele estava dando-lhes o poder de serem mansos, de fazerem grandes festas com danças, de se reunirem com muita gente, de conviverem bem com todos, isto é, de não fazerem

guerras. Isso tanto é verdade que os nossos Antigos nenhuma vez fizeram guerras, porque o Bisneto do Mundo lhes deu esse poder.

O sétimo a sair para a superfície foi o Branco, com a espingarda na mão. O Bisneto do Mundo disse-lhe:

“Você é o último. Dei aos primeiros todos os bens que eu tinha. Como você é o último, deve ser uma pessoa sem medo. Você deverá fazer a guerra para tirar as riquezas dos outros. Com isso, encontrará dinheiro!”

Quando ele acabou de dizer isto, o primeiro Branco virou as costas, deu um tiro com a espingarda e seguiu para o sul. Ele baixou, entrando nas malocas, por onde ele já havia passado enquanto estava subindo na Canoa de Transformação. Entrou na 21ª maloca, situada em São Gabriel, e aí mesmo fez a guerra. Numa pedra que existe nesse lugar, veem-se figurinhas parecidas com soldados, com capacete e espingarda, todos ajoelhados e dando tiros. Foi assim porque o Bisneto do Mundo deu-lhe o poder de fazer a guerra! Para ele a guerra é como uma festa. Por isso é que os Brancos fazem guerras!

O oitavo a sair foi o Padre com um livro na mão. O Bisneto do Mundo mandou que ele ficasse com o Branco. Os nossos avós sabiam que existia Padre, porque conheciam essa história! Tanto é verdade que os Padres chegaram assim como os Brancos!

Já vimos que saiu da Canoa de Transformação muita gente. Saíram e ficaram conversando uns com os outros, todos contentes. Enquanto isso, ouviram um barulho atrás deles. Era um ser que estava surgindo. Ouvindo o barulho, perguntaram:

“Quem é aquele ali?”

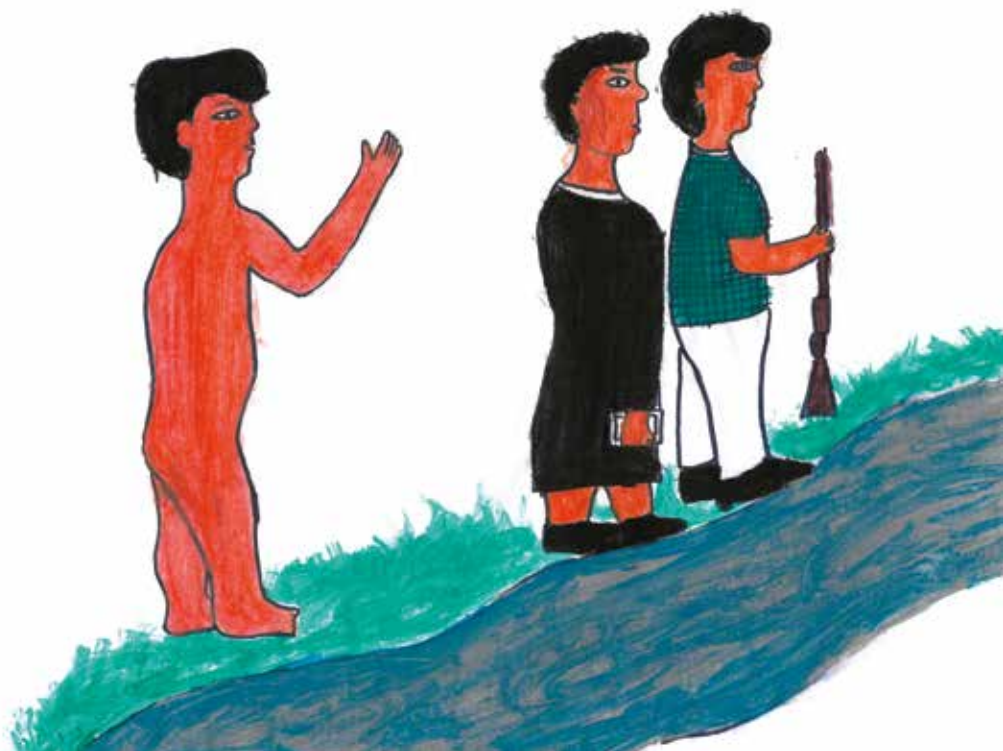
A maior parte disse:

“*Wahṭĩ!*” (um espírito do mato).

Por isso, ele recebeu o nome de *Wahṭĩ*. Ele existe na mata. Se tivessem dito “é gente que está lá!”, ele teria saído como Maku, um índio do centro do mato!

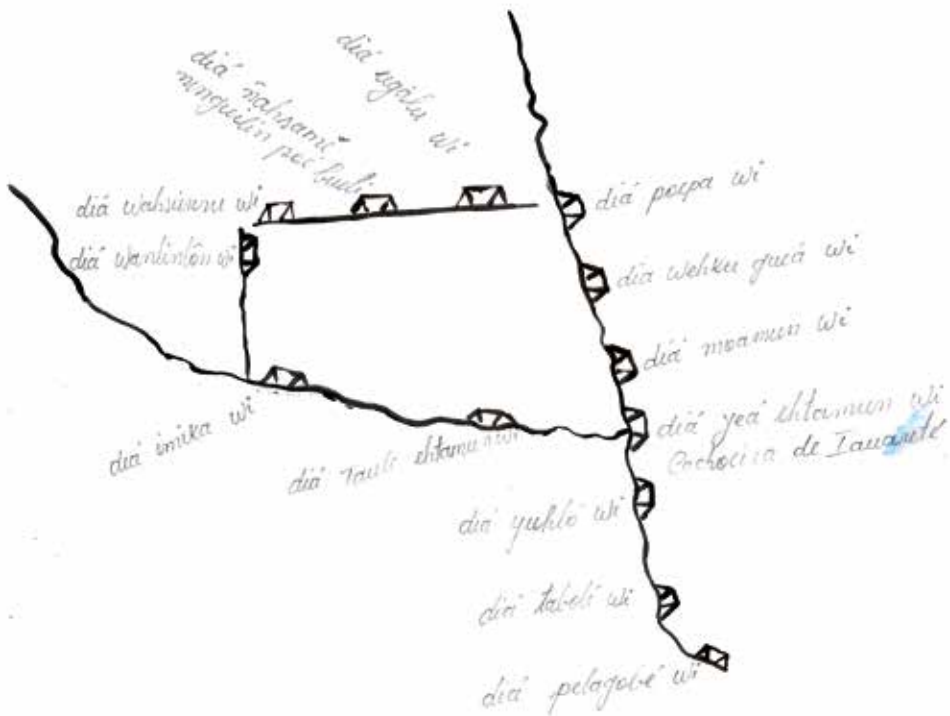
Feito isto, *Umukosurãpanami* deu-lhes a ordem de continuar a sua viagem. A Canoa de Transformação, que era o terceiro

Trovão, por sua vez, baixou novamente. O Bisneto do Mundo baixou com ela até o Lago de Leite. $\Theta\mu\alpha\kappa\omicron\tilde{\eta}\eta\kappa\tilde{\alpha}$, que era o terceiro Trovão, subiu na maloca dele, na Maloca de Cima, e o Bisneto do Mundo também subiu.



Terceira parte:
A VIAGEM POR TERRA DOS PAMŪRĪMAHSĀ

Os PamŭrĭmahsĀ, “Gente de Transformação”, prosseguiram a sua viagem. Eles não subiram mais de Canoa. Subiram por si mesmos, com sua própria força. Como dissemos antes, o Avô do Mundo mandou Wauro (ou Doethiro) representá-lo junto aos Tukano. *UmukomahsĀ Boreka* ficou como o chefe dos Desana e prosseguiu a viagem. Por isso, depois da sua saída para a superfície da terra, na Cachoeira de Ipanoré, eles conduziram os PamŭrĭmahsĀ. Subindo, eles entraram na 57ª maloca chamada Diá *tabolé wi* “Maloca do Capim Branco”. Depois de saírem dessa maloca, já não faziam tantos rituais como anteriormente. Já eram gente madura, adulta. Ao subir acima dessa maloca, entraram na 58ª maloca, que se chama Diá *yuhló wi* “Maloca do Estreitamento”. Ao subir acima, chegaram na 59ª maloca Diá *yeá ehtāmun wi* “Maloca da Cachoeira das Onças”. Esta maloca está localizada em Iauareté, na frente da boca do Rio Papuri. Aí, eles entraram no Rio Papuri. Subindo-o, eles entraram na 60ª maloca chamada Diá *taule ehtāmun wi* “Maloca da Cachoeira do Anteparo”. E prosseguiram a viagem. Subindo, entraram na 61ª maloca Diá *imika wi* “Maloca dos Paris”. Esta maloca está em Terezita, na Colômbia. Subindo, eles entraram no Rio Macucu, cuja desembocadura fica acima de Terezita. Subindo esse rio, bem na cabeceira, eles entraram na 62ª maloca, Diá *wāntintlôn wi* “Maloca do (peixe) Acará”. Depois dessa maloca, eles adentraram no mato, colocando novas malocas. Entraram na 63ª maloca, que se chama Diá *wahsŭnru wi* “Maloca da (fruta) *Wahsŭ*”. Essa maloca fica no meio da mata. Indo mais adiante, eles chegaram na 64ª maloca Diá *ñahsamenĩnguĩlĩn poé buli wi* “Maloca das Capoeiras dos Cabaceiros de Maracás”. Eles estavam andando debaixo da terra, porque tinham o poder de fazer isso. Indo mais adiante, entraram na 65ª maloca, Diá *ugalu wi* “Maloca do Adorno de Nuca”.



Atravessando pela mata onde ficam essas malocas, eles chegaram de novo no Rio Uaupés. Aí, ingressaram na 66ª maloca, que se chama Diá *poepa wi* “Maloca das Roças”. Essa maloca fica na altura da atual povoação de Santa Cruz de Aracapuri, no Rio Uaupés, fronteira com a Colômbia, acima da foz do Rio Querari. Depois dessa maloca, vieram descendo o Rio Uaupés e chegaram na 67ª maloca, que se chama Diá *wehku geá wi* “Maloca do Jirau de Pesca de Anta”. Baixando mais ainda, chegaram na 68ª maloca, chamada Diá *moamum wi*, “Maloca do Caruru¹⁶ de Cachoeira”. Conta-se que essa maloca está na grande Cachoeira de Caruru, acima de Iauareté. Baixando mais ainda, entraram outra vez na 59ª maloca, a “Maloca da Cachoeira das Onças” (Diá *yeá ehtāmun wi*). Passaram de novo nas 58ª e 57ª malocas. Descendo mais abaixo, chegaram à maloca da saída por terra, isto é, em Diá *pelagobé wi*, a 56ª maloca. Assim, eles voltaram ao lugar onde pisaram a terra pela primeira vez: a Cachoeira de Ipanoré.

16. Alga que cresce nas cachoeiras, da qual se extraía o sal antigamente.

Esta é a história da criação da humanidade. Porém, essa história é somente o início de muitas outras. Com cerimônias especiais, cada maloca tem um nome e um significado particulares. É assim que falavam os Antigos.

O trabalho de $\Theta\mu\kappa\omicron\sigma\upsilon\rho\tilde{\alpha}\nu\alpha\mu\iota$ não durou para sempre. Houve três grandes cataclismos: dois incêndios e uma enchente que fizeram, a cada vez, desaparecer a humanidade. Assim, $\Theta\mu\kappa\omicron\tilde{\eta}\kappa\tilde{\alpha}$ teve que renovar, repetidas vezes, o seu trabalho. Sumiram três grupos da humanidade! O quarto grupo, o que existe atualmente, somos nós. Antes de nós, desapareceram três grupos! Adiante falaremos sobre esses grupos desaparecidos. Depois de ter feito o quarto grupo, $\Theta\mu\kappa\omicron\tilde{\eta}\kappa\tilde{\alpha}$ disse:

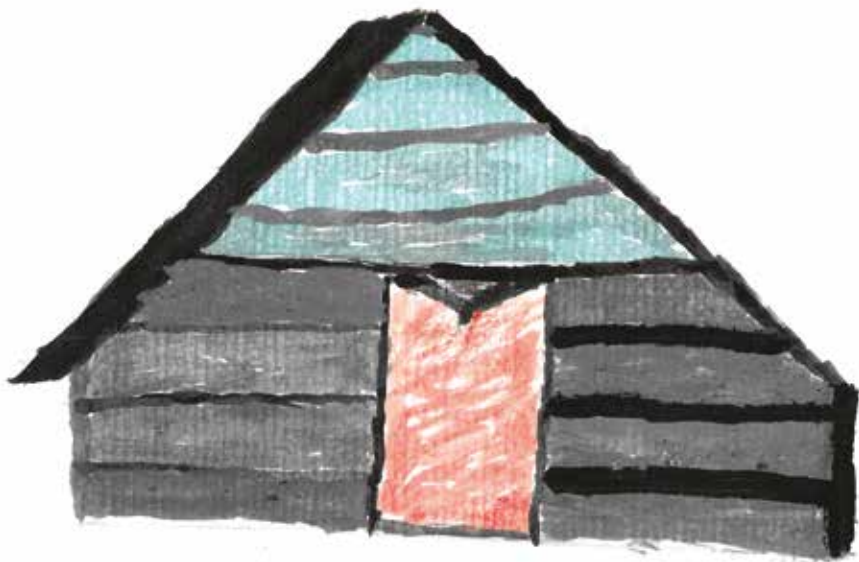
“Está dando muito trabalho recomeçar tudo de novo”.

E, dirigindo-se ao quarto grupo, que somos nós, ele complementou:

“Agora, eu os deixo em paz. Não vou mais castigá-los”.

Quarta parte:
AS ANDANÇAS PELO MUNDO DE ʘMUKOMHSŪ BOREKA

Sabemos que ʘMUKOMHSŪ Boreka, o chefe dos Desana, e os próprios Desana, chamados ʘMUKOMHSŪ, isto é, “Gente do Universo”, foram entrando no Rio Macucu. Nas cabeceiras desse rio, bem no centro da mata, construíram uma grande maloca. Pouco a pouco, foram se multiplicando e enchendo a grande maloca. Diante disso, Boreka decidiu dividi-los em grupos menores. Antes disso, Boreka quis ensinar e distribuir os seus poderes entre eles. A primeira coisa que ele repartiu foi o paricá (wihõ), também chamado *abeyeru*, isto é, “Pênis da Lua”. O paricá mais forte que existe no mundo era esse dos ʘMUKOMHSŪ. Para ser pajé é preciso cheirar o paricá, como fez Boreka, o maior pajé do mundo desde o início.



Esse paricá tinha o poder de fazer um homem virar onça. Depois de tê-lo dado à sua geração, **Boreka** tirou fibras de tucum da Maloca do Universo, da **Umukowi**. Essas fibras de tucum¹⁷ chamavam-se **Umusĩñahkãsumidari**, isto é, “fibras de tucum do universo”. Ele tirou esse tucum para tecer as peles de onças. Cada um fazia a sua pele, conforme eles queriam. Além do tucum, **Boreka** tirou um espinho do pé de tucum da Maloca do Universo. O espinho tinha uns 15 centímetros de comprimento. Os Desana enfiaram o espinho na pele de onça que lhes serviria de escudo, para tirar a medida de sua grossura. Fizeram isso para que as flechas dos inimigos não atravessassem a pele, atingindo sua carne. Por isso, a pele de onça tinha a grossura de mais de um palmo. Cada um escolheu a cor da sua pele.

Boreka fez a dele mais escura, pintada de preto nas costas e de branco na barriga. Ele disse:

“Eu vou aparecer como (o peixe) uaracu”.

Aí, ele recebeu esse nome de **Boreka**. O peixe uaracu parece assim mesmo! Por isso, ele se chama **Umukomahsũ Boreka**.

Umukomahsũ Tõramũ Kẽhĩri “Gente do Universo (dos Desenhos) do Sonho”, o nosso vovô maior, disse:

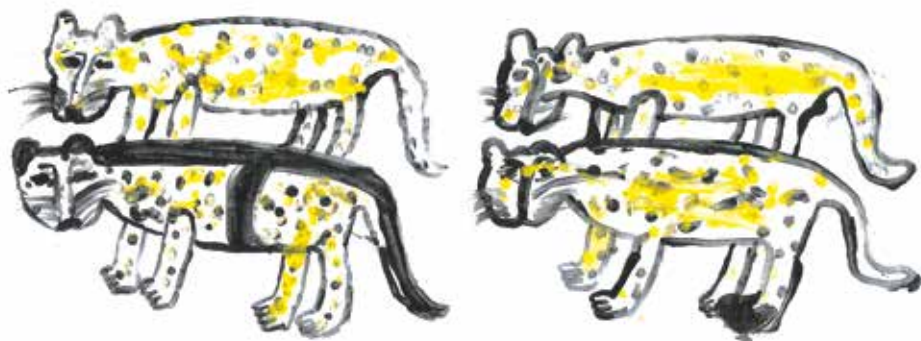
“Eu vou fazer minha pele de onça branca”.

E ele recebeu o nome de **Yebore** “Onça Branca”. A sua pele não era branca assim como cal, era branca como o dia. Assim foi que transmitiu à sua gente todo o seu conhecimento. Esse nosso chefe era o mais feroz de todos, o que mais gente matou. Por isso, a sua geração é brava e sábia. Porque ele era um sábio! Os seus filhos se chamam **Tõramũ Kẽhĩripõrã**, isto é, “Os Filhos (dos Desenhos) do Sonho”.

Umukomahsũ Uari Dihputiro “Gente do Universo de Cabeça Chata”, disse por sua vez:

“Eu vou fazer a minha pele de onça pintada e com cabeça chata”.

17. Palmeira Tucumã *Astrocaryum aculeatum*



Por isso, ele recebeu o nome de *Dihputiro* “Cabeça Chata”. Seus filhos chamam-se *Dihputiropõrã* “Filhos da Cabeça Chata”.

Uari Gãmĩsērõ “Orelha Dobrada” disse:

“Eu vou fazer a minha axadrezada e com orelha dobrada”.

Por isso ele recebeu esse nome que significa “a onça parece ter quatro orelhas”. Seus filhos chamam-se *Wahsũpũpõrã* “Filhos do Cunuri”, que é o seu nome profano.

Gurabebore “Cu Branco” disse:

“Eu vou fazer a minha pele preta e colocar branco só no cu”.

E recebeu esse nome. Seus filhos chamam-se *Gurabeborenapõrã*, isto é, “Filhos dos Cus Brancos”.

Uari Durũ “Rugidor” tomou esse nome porque o seu berro foi ouvido no mundo inteiro. Os seus filhos chamam-se *Durũrã* “Rugidores”. Esses seis primeiros grupos dos Desana foram os mais afamados.

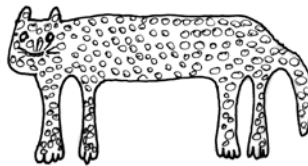
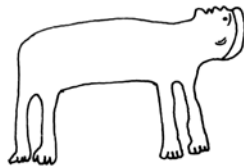
Quando terminaram de tecer as suas peles de onça, **Boreka** perguntou:

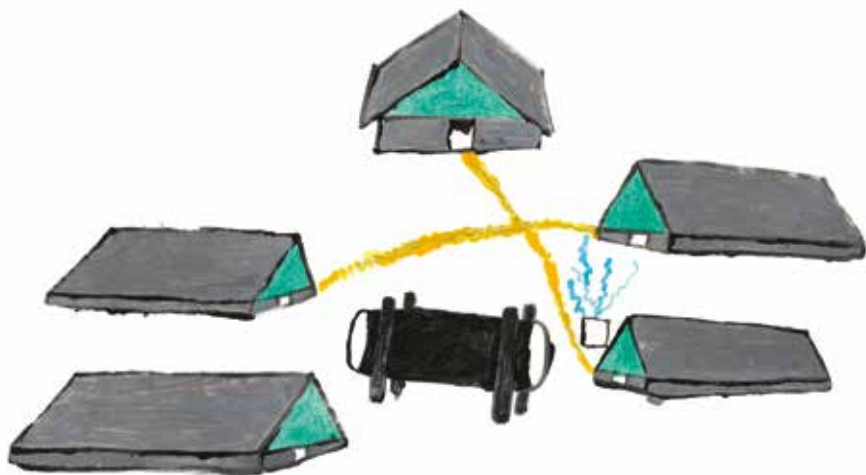
“Já aprontaram?”

Eles responderam que sim. Então, ele disse:

“Olhem bem como eu vou fazer, estejam atentos”.

E mostrou-lhes a maneira de vesti-las. A pele não foi envergada como camisa. Bastava tocá-la e ela entrava dentro da pessoa. O primeiro a vestir a sua pele foi **Boreka**, o chefe supremo dos Desana. Sua barriga ficou nas costas da onça e suas próprias costas na barriga da mesma. A cabeça ficou sendo a cabeça da própria onça. Suas pernas ficaram sendo as pernas traseiras da onça. A pele não era muito grande. Na verdade, era como um fino algodão. Ao penetrar nelas é que aumentava de tamanho. Entrando nelas, doía muito, porque tinham que virar o corpo ao contrário. Ao gritarem de dor, já não gritavam mais como gente. Rugiam como onça. Finda sua transformação, eles experimentaram rugir. Entre todos, o que rugiu mais alto foi **Umukomahsū Uari Duru**, o Rugidor.

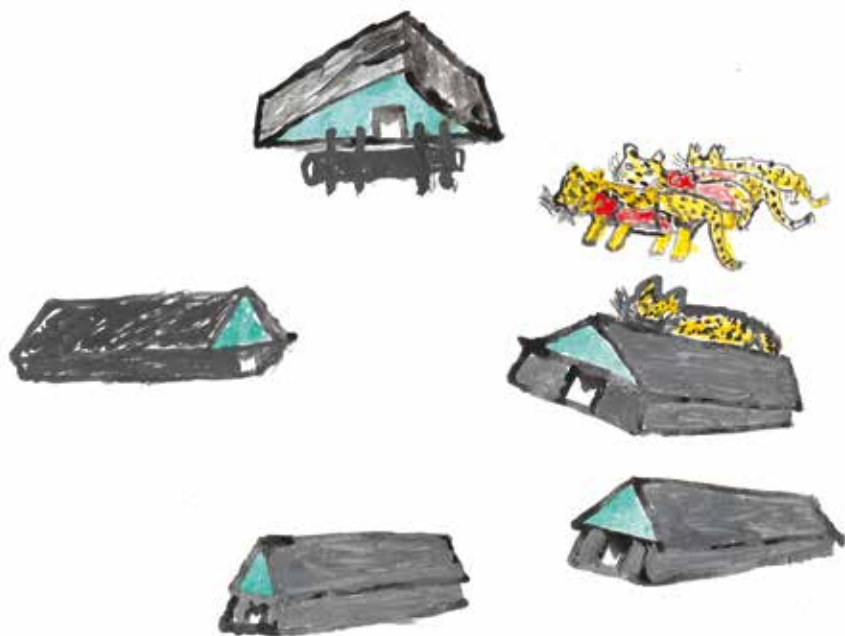




Ao cabo dessa lição, *Umukomahsũ Boreka* abriu caminhos invisíveis no mundo e, em primeiro lugar, a sua morada original, a Maloca de Paricá. Retirou daí um fio emplumado invisível (*wih-tõda*) e o estendeu rumo ao norte, até a Maloca do Norte (*Dih-pamahawi'i*). Ele estava traçando os caminhos do universo, através do espaço, para poder viajar. Depois disso, ele estendeu um outro fio emplumado que atravessou o centro do universo, desde as Malocas do Universo (*Umukowi'iri*) do leste até as do oeste. Assim, ele pôde andar sobre esses caminhos no espaço enquanto transmitia os seus conhecimentos.

Na linha do Equador, onde se encontrava, ele não pretendia fazer mal a ninguém, porque viviam aí os seus irmãos. Eles iam estudar nos quatro cantos do mundo antes de voltar para a Maloca de Paricá. Ao iniciar esse estudo, *Boreka* deixou o seu trocano de paricá (*wihõtõatore*), que era um grande tambor invisível, na Maloca de Paricá, a fim de guiá-lo, já que esse trocano tocava sozinho. Ouvindo o trocano, saberia onde se situava a sua maloca. Depois ele deixou nesse mesmo lugar seu outro poder, um tipo de espelho chamado em desana *umukodiuru* “espelho do universo”, um espelho resplandecente invisível, que serviria também para guiá-lo, porque, enquanto percorria o mundo, o espelho soltava faíscas como raios ao refletir a luz.

Nessa peregrinação, *Umukomahsũ Boreka* teria de matar muita gente e precisava de onças selvagens para devorá-las. Para isso, ele abriu quatro malocas. Abriu a 65ª maloca, a “Maloca do Adorno de Nuca” (*Diáugaruwi*) e mais outras três chamadas: *Wagarowi* “Maloca do Aracuã”; *Diáhtãbohovi* “Maloca de Quartzo Branco”; e *Diáyuhkudthkawi* “Maloca das Frutas”. Somente a primeira era uma Maloca de Transformação. Esta já lhe pertencia, e aí ele guardou as peles de onça que ele e os seus irmãos haviam tecido. As outras três malocas são malocas da terra. Aí estavam as onças mais ferozes que comiam gente e que passariam a ser os seus soldados durante o estudo que ele estava realizando.



Saíram muitas onças dessas malocas. O mundo ficou infestado de onças. Com elas, saíram também muitos *Wah'ti*, espíritos do mato. O universo escureceu. Em certos lugares, chuvejou um pouco. Ninguém podia ir longe. Quando *Umukomahsũ Boreka* acabou de abrir as quatro malocas, ele passou a dar lições para os seus irmãos. Só então é que ele começou o seu estudo. A primeira parte do universo onde ele fez os seus ensinamentos foi o leste. Ele se fez acompanhar de todas as onças selvagens. Aí, ele começou a ensinar aos seus irmãos como matar gente. Mas eles não comiam gente. Matavam e jogavam-nas para as verdadeiras onças comerem. Suas armas eram um poder invisível chamado em desana *yohokadwhta*, isto é “cabo de enxó”. Dele se serviam como se fosse espada e terçado. Com ele, cortavam cabeças humanas que jogavam em seguida para as onças selvagens.

Voltando ao centro do mundo, ao Equador, *Boreka* dirigiu-se para a Maloca de Paricá onde estavam o trocano e o espelho mágico que o vinham guiando e chamando. Depois, ele tomou o rumo do oeste, levando os seus irmãos e ensinando-lhes a fazer a mesma coisa. Depois, foi para o norte, agindo do mesmo modo. Por toda parte existiam onças. Os lugares onde morreu muita gente são aqueles por onde ele andou ensinando para os seus irmãos. Vendo que ele estava ficando muito perigoso, alguns homens sábios, os *kumua*, disseram:

“Ele pensa que, tendo nascido do paricá, pode fazer o que bem entende. Vamos procurá-lo”.

Após essa fala, fizeram seus rituais com breu para que ele errasse o caminho de volta à sua maloca. Com esses rituais de breu, eles tiraram o trocano de paricá da Maloca de Paricá, bem como o espelho do universo, e os colocaram na Maloca do Norte (*Dihpamahaw'i*). Assim, mudaram a posição da maloca, que estava no sul, a fim de confundi-lo.

Boreka não pôde mais voltar à Maloca de Paricá. Não encontrou o caminho. O trocano e o espelho não sinalizavam mais nada. Ele passou então pelo maior perigo: as onças, que eram seus

soldados, descontroladas, comiam mais e mais gente. Ao mesmo tempo, começou a se espalhar o rumor de que **Umukomahsã Boreka** estava perdido e que alguns **kumua** haviam confundido o seu caminho. Por isso, ele matava cada vez mais e, dessa forma, acabaria com toda a humanidade. O perigo aumentava. Ninguém podia mais sair de casa. No meio disso tudo, uma velha foi tinguijar num igarapezinho. Ela estava pensando:

“Sou velha, já vi o mundo, vivi muito tempo. Se a onça me comer, não me importo”.

Enquanto ela estava tinguijando e apanhando peixinhos, ouviu o rugido de uma infinidade de onças que vinham em sua direção. Ao vê-las se aproximando, a velha pressentiu que ia perder a vida. Pensou então:

“Todo mundo está dizendo que **Boreka** está errante, que ele perdeu o seu caminho. Vou perguntar-lhe se é verdade. Ele vai me ouvir”.

Quando as onças estavam bem próximas, ela gritou:

“Meu neto, não me coma, eu sou a sua avó! Por que é que você anda comendo gente sabendo que é gente? O que está acontecendo com você?”

Ouvindo isso, as onças se afastaram. Depois, apareceu um homem todo enfeitado. Era o próprio **Boreka**. Ele saudou a velha e contou que estava perdido, porque os **kumua** haviam confundido o seu caminho. Perguntou-lhe onde ficava a sua maloca, a Maloca de Paricá. Como a velha não sabia, indicou o rumo errado. Somente os homens é que sabiam. **Boreka** só perguntou isso e despediu-se da velha. Ele tomou a direção que a velha assinalou, mas não encontrou a Maloca de Paricá.

Pouco tempo depois, um homem foi para a roça. No meio da estrada, encontrou-se com homens que vinham voltando, seguidos de muitas onças. Era **Boreka** acompanhado dos seus irmãos que haviam vestido as suas peles de onça. Cansados de ter a pele de onça por dentro, retiraram-na e jogaram-na sobre os seus ombros. O homem dirigiu-se ao primeiro da fila, que era **Boreka**, e perguntou:

“Aonde vai?”

Boreka respondeu:

“Vou andando por aí porque desapareceu o meu caminho”.

O homem prosseguiu:

“Você é aquele de quem todo mundo está falando?”

“Sou eu mesmo”, respondeu **Boreka**.

Então, o homem contou-lhe o que os **kumua** fizeram para atrapalhá-lo. E, em seguida, mostrou-lhe onde ficava a Maloca de Paricá. **Boreka**, por sua vez, perguntou ao homem onde ele morava. Só isso é que ele queria saber. O homem mostrou a direção da sua maloca. Aí mesmo despediram-se e foram embora. **Boreka** e os seus acompanhantes vestiram de novo a pele de onça e, finalmente, ele encontrou a sua morada. Ao chegar à Maloca de Paricá, **Boreka** percebeu o que os **kumua** tinham feito e consertou tudo. Assim, ele terminou seu estudo. Ele fechou as quatro malocas que havia aberto no mundo e, na 65ª maloca, a Maloca do Adorno de Nuca, ele deixou sua veste de onça e aquelas dos seus acompanhantes. Por isso, essa maloca é importante: é a guardiã das peles de onça de **Boreka** e dos seus irmãos.

Nessa mesma maloca, está **Umukoye**, a onça invisível do universo. Ela está aí amarrada e só pode soltar-se quando se cheira o paricá chamado **abeyeru**. Por isso, desde aquele tempo, ninguém mais cheirou desse paricá. Esses caminhos que **Umukomahsū Boreka** traçou ficaram para sempre. Ainda hoje, poderosos pajés invisíveis andam por eles, cortando o espaço, durante a estação chuvosa. O resto do tempo eles vivem na Maloca de Paricá, isto é na Maloca do Sul. Quando aparecem, começa a relampejar. É sinal de que eles estão passando. Dirigem-se à Maloca do Norte. Depois, eles voltam novamente à Maloca de Paricá. Chamam-se **Ĩmahsãyea**. Esses pajés invisíveis existem em todo o universo.

Por isso, os grandes **kumua** fazem seus ritos com breu e tabaco quando pressentem a sua vinda. Com a reza de breu, escondem suas malocas e renovam o fio emplumado invisível para que os pajés invisíveis pisem sobre ele e não deixem cair os raios sobre

as malocas. Com a fumaça do cigarro de tabaco, eles se escondem a si mesmos para que os *ĩmahsãyea* não os vejam. Isso se faz quando os *kumua* sabem que esses poderosos pajés estão por vir, antes da sua ida e vinda à Maloca do Norte. Na sua ida, os *kumua* fazem a reza do breu e do tabaco. E, na sua volta, um mês mais tarde, apenas a do tabaco. Esses pajés invisíveis do universo dividem-se em três grupos, um dos quais é mais forte e atrevido. Ele se chama *Nahsĩwikurikuru* “Grupo do (peixe) Pirapucu”. Ainda hoje, os *kumua* continuam fazendo os seus ritos para que os pajés invisíveis não se desviem do seu caminho e cometam erros, como aconteceu com *Boreka*.



Boreka acompanhou o Bisneto do Mundo na sua peregrinação. Foi um grande pajé e finalmente ele subiu para morar nas malocas que colocou no espaço. A principal delas, a Maloca de Paricá, fica no sul. Além dessa, há muitas outras espalhadas no céu, também chamadas Malocas de Paricá (*Wihōwi'iri*). Boreka tornou-se Gente de Paricá (*Wihōmahsũ*). Ele é eterno. Ali, nessa terra, ficou o seu filho, que tem o mesmo nome. Esse filho de **Boreka** morreu e foi enterrado aí, nessa terra. Ele também foi um grande pajé e transmitiu os seus conhecimentos aos seus filhos primogênitos, e estes aos seus filhos e aos filhos dos seus filhos, e isso em cada geração.



Quinta parte:
A DIVISÃO DOS ʘMUKOMAHSĀ

Como foi dito anteriormente, os ʘMUKOMAHSĀ se multiplicaram muito. Já vimos como BOREKA repartiu o paricá, que era o seu maior poder, primeiro a seus irmãos e depois a seus filhos, para torná-los mais poderosos.

O primeiro grupo era constituído pelo próprio ʘMUKOMAHSĀ BOREKA. O segundo grupo foi formado pelo seu irmão ʘMUKOMAHSĀ UARI NAMIYOARIRU. O terceiro grupo foi o de ʘMUKOMAHSĀ DUBAYARU, o quarto o de ʘMUKOMAHSĀ TŌRĀMŪ KĒHĪRI. O quinto grupo foi o de ʘMUKOMAHSĀ DŪSEBERI, o sexto grupo o de ʘMUKOMAHSĀ UARI PAYA e, por fim, o sétimo grupo foi o de ʘMUKOMAHSĀ KISIBI YEPURI WARIRU. Estes sete grupos são todos grupos de chefes. Eles são irmãos de BOREKA e quase tão importantes quanto ele. O chefe do grupo dos avós chamou-se ʘMUKOMAHSĀ UARI DIHPUTIRO.

GRUPO DE BOREKA

O chefe do primeiro grupo foi ʘMUKOMAHSĀ BOREKA, cujos filhos chamam-se BOREKAPŌRĀ. Seu primeiro irmão foi UARI DURU, cujos filhos têm o nome de DURURĀ. O seu segundo irmão foi TŌRĀMŪ ŪGEI, sendo os seus filhos chamados ŪGERĀ. O terceiro irmão foi AŌYUHKUDEU, cujos filhos foram chamados AŌYUHKUDEARĀ. Este foi o cantor de BOREKA, o BAYARU. Todos eles viveram numa mesma maloca com BOREKA. São igualmente chefes, eles fazem parte do grupo de BOREKA. Dentro desses quatro grupos, há um outro que não é um grupo à parte. Chama-se BUGUYERIPŌRĀ. Ele recebeu esse nome porque era muito baixinho.

Boreka tinha dois avós (ÑEHKŪSUMA). O primeiro, que tinha por nome Porabau, era o preparador do ipadu. O segundo, de nome desconhecido, cujos filhos chamavam-se SEKEĀ, era o preparador do cigarro de tabaco.

Os empregados (*poromahana*) de *Boreka* chamavam-se *Ūyoa*. Eles eram os seus pescadores. Qualquer serviço que ele lhes mandava, eles faziam. Eram eles que traziam e cuidavam do mastro de breu nos dias de dança. Todos eles viviam numa só maloca, junto com *Ūmukomahsũ Boreka*.

GRUPO DE UARI ÑAMIYOARIRU

Este grupo tinha como apelido *Sũmẽperupõrã*, isto é, “Filhos do Caxiri de Uacu”. A este, *Boreka* deu ordem de ficar numa outra maloca. É o segundo grupo de chefes e ele dividiu com ele os seus avós, bem como os seus empregados. Não conhecemos os nomes dos seus empregados, a não ser o de um deles, que se chamava *Gawa*.

GRUPO DE DUBAYARU

Este era o grupo dos mestres de cerimônia, dos mestres dos cantos. Ele também viveu numa outra maloca e não teve avós nem empregados. É o terceiro grupo de chefes e o nome dos seus filhos é “*Mẽmẽrĩpõrã*”.

GRUPO DE TÕRÃMŪ KĒHÍRI

Este foi um chefe importante. *Boreka* deu-lhe ordem de viver numa outra maloca e concedeu-lhe muito poder, quase tanto quanto ele. Deu-lhe um par de cintos de dentes de onça chamados em desana *koayeaguikari*, o trocano (*toatore*), ensinando-lhe os ritos que dão força ao trocano e muitos outros bens. A este chefe, *Boreka* disse:

“Você também é meu irmão, por isso lhe confiro o poder de ter o trocano”.

Deu-lhe também avós, empregados, bem como um cantor chamado *Wiribayaru* ou, ainda, *Duseberi*. Embora o grupo de *Tõrãmũ Kĕhĩri* seja o quarto grupo de chefes, ele recebeu muitos poderes de *Boreka*.

Os nomes dos componentes deste grupo são:

1. *Tōrāmũ Kēhíri*, cujos filhos chamam-se *Kēhírípōrã*;
2. *Kisibi yesuriro*, cujos filhos chamam-se *Yeseropōrã*;
3. *Umusĩ pãrōkumu*, que não teve filhos;
4. *Umusĩ bohōtaribuari*, cujos filhos chamam-se *Āgãñē-gārīpōrã*.

O grupo de *Tōrāmũ Kēhíri* tinha como cantor ou *bayaru Duseberi*. Este morreu sem deixar filhos. Por isso, este grupo desapareceu. *Duseberi* tinha dois irmãos que lhe serviam de ajudantes, chamados, respectivamente, *Uari Paya*, cujos filhos foram chamados *Payatearã*, e *Kisibi Yepuri Wariru*, cujos filhos são chamados *Yepuriwarirua*.

A princípio, todos esses grupos viviam numa mesma maloca, a de *Boreka*. Atualmente, estão espalhados por diversas povoações.

Os avós de *Tōrāmũ Kēhíri* tinham o nome de *Uari Diapoañii* e *Kisibi Waberopera*. Eram chamados em conjunto *Yedirirã* e preparavam o *ipadu* e o cigarro de tabaco para *Tōrāmũ Kēhíri*.

Os empregados, ou “secretários” de *Tōrāmũ Kēhíri*, chamavam-se, respectivamente, *Buyassu*, *Mahāgubu*, *Mahākore*, *Mimigubu*, *Ārĩmiru* e *Umusĩ Searokumu*. Estes eram os nomes dos seus seis pescadores. Eram também aqueles que traziam o breu e cuidavam do mastro de breu nos dias de dança. Eles eram do grupo de *Tōrāmũ Kēhíri*.

Cada um desses homens teve as suas gerações. Todos esses de que eu dei o nome tiveram as suas gerações. Perguntando-se o nome, fica-se sabendo a qual geração cada qual pertence. Os homens cujos nomes citei até agora são os avós dos avós dos meus avós, ou seja, os meus trisavós.

GRUPOS DE UMUKOMAHSŪ DUSEBERI UARI PAYA E KISIBI YEPURI WARIRU

Não conhecemos a composição destes três últimos grupos de *Boreka*.

OS AVÓS DE BOREKA

O grupo dos avós de Boreka, os *Umukomahsãñehkūsūma*, isto é, os “Avós do Universo”, tinha como chefe, como já vimos, *Uari Dihputiro*. Este não teve pai conhecido. Ele é o filho de uma empregada desana de Boreka, mas ninguém sabe quem foi o seu pai verdadeiro. Na hora do parto, a própria mulher de Boreka cuidou dela. Quando a criança nasceu, ela foi logo avisar Boreka. Este disse então:

“Aqui não há outra gente, aqui somente há os meus filhos, os meus sobrinhos, os meus avós e os meus empregados. É somente isso que eu posso fazer para a minha criada. Traga este menino aqui! Farei dele o avô dos meus filhos!”

Ouvindo isso, a mulher de Boreka foi buscar a criança e a sua mãe. Quando o menino se tornou grande, Boreka deu-lhe o poder de ficar como chefe do grupo dos seus avós. Ele lhe deu um par de brincos que havia tirado da Maloca do Universo e também dois pares de um tipo de colar de miçangas, chamado em desana *dasiri*, que se costumava usar no dia de dança. Também esse tipo de colar foi tirado da Maloca do Universo. A *Uari Dihputiro*, o chefe dos avós, ele deu também o poder de ter o trocano, bem como outros poderes. Aquele que não recebeu o poder de ter o trocano, não podia tê-lo. E Boreka ensinou-lhe muitas coisas, tais como os cantos dos mestres de cerimônias (*bayakumūrī*), as cerimônias do (alucinógeno) *caapi* (*gahpibayiri*), a feitiçaria de âmbito coletivo (*birari*) e muitas outras coisas. Por isso, *Uari Dihputiro* é o chefe dos avós.

Os avós de Boreka eram os seguintes:

1. *Uari Dihputiro*, cujos filhos chamam-se *Dihputiropōrã*;
2. *Bihtiri niarī*;
3. *Uari Gōāmūpōrã*, também chamados *Sibia*;
4. *Yogu*, cujos filhos chamam-se *Yogupōrã*;
5. *Uari Gāmīsērō*, cujos filhos são chamados *Wahsūpōrã*;
6. *Toapiana*;

7. Toroy~~u~~hkuá;

8. Diáyarãpõã.

Como vimos, o terceiro avô também era chamado de Sibi porque ele era muito bom. Quando chegavam visitas, ele as recebia bem, todo contente. Ele nunca lhes mostrava cara feia. Sibi é o nome de um passarinho muito alegre¹⁸.

Do começo até aqui, todos os grupos de que eu dei o nome são Umukomahsã, ou seja, eles são todos Desana. Umukomahsã Boreka é o chefe deles, a cabeça deles. Eis a história dos Desana.

18. Não identificado.

Sexta parte:
HISTÓRIA DE UMOKOMASĀ
BOREKA NO TEMPO DOS PORTUGUESES

Como acabamos de ver, os Desana ficaram divididos em várias malocas onde viviam sossegados. Trabalhavam e faziam grandes festas, como a festa de oferta de bens (poori). Na maloca do filho de Boreka, também chamado Boreka, havia um tipo de boneco de que ele era o dono. Chamava-se Gōāmũ “espírito”. Ele morava dentro de uma grande cuia de um metro de altura, sustentada sobre um suporte de panela. Durante o dia, ele se parecia como uma cobra venenosa. Mas ele não mordida. De noite, no sonho, ele tinha relação sexual com a mulher de Boreka. Assim a mulher de Boreka contava para as outras mulheres! No sonho, ele lhe aparecia como um padre, às vezes como um Branco. Assim, não somente ele tinha vida, como também ele vivia no sonho com algumas outras mulheres da maloca de Boreka. Mas não com todas! Escolhia a mulher com quem ia viver no sonho. Ele não fazia isso com as solteiras, somente com as mulheres que já tinham marido, isto é, que pertenciam a outra tribo. Por isso, quando nascia uma criança da mistura do sêmen de Gōāmũ e do marido, já se sabia que, quando crescesse, ele seria inteligente, sábio e adivinho. Gōāmũ tinha relação sexual no sonho com cinco mulheres da maloca de Boreka que tinham marido.

Ele tinha um grande poder. Protegia Boreka, livrando-o de todos os males e de todos os perigos que dele se aproximassem. Enquanto viviam desse modo, chegaram os primeiros Brancos na região. De acordo com a história do Brasil, esses Brancos seriam os bandeirantes. Depois deles, chegaram os Brancos que agarraram a gente. Eles cercaram a maloca de Boreka, mas não conseguiram entrar nela. Suas pernas ficaram moles. Eles não tinham mais força para andar. Voltaram uma segunda vez, cercaram a maloca e aconteceu a mesma coisa. Tornaram a voltar e sucedia

o mesmo. Por isso eles perguntaram para os índios de outras tribos porque eles ficavam desse jeito quando tentavam entrar na maloca de **Bopeka**. Os outros contaram que **Bopeka** tinha na sua maloca um tipo de boneco que o defendia. Os Brancos perguntaram em qual lugar ele ficava guardado. Responderam que era bem no meio da porta do quarto de **Bopeka**. A porta chamava-se **Imikadihsi** “Porta dos Paris”. Ele estava sobre essa porta, em cima de um suporte de cuia.

Os Brancos ouviram tudo direito e foram outra vez para a maloca de **Bopeka**. Quando chegaram, a primeira coisa que fizeram foi derrubar **Gõãmũ** com um tiro de espingarda. Atiraram sem ver nada, porque sabiam onde ele se encontrava. A casa de **Gõãmũ**, isto é, a cuia, ficou totalmente despedaçada, mas ele subiu ao céu. Os Brancos cercaram então a maloca e agarraram **Bopeka**. O filho legítimo da Gente de Transformação foi assim preso pelos Brancos. O irmão de **Bopeka** conseguiu fugir e tomou o lugar dele como chefe supremo dos Desana. **Bopeka**, quando foi levado pelos Brancos, levou consigo a maior parte dos seus poderes. Não se sabe para qual lugar os Brancos o levaram. Talvez esteja na Bahia, no Rio de Janeiro ou em Portugal. Isso ninguém sabe. As riquezas restantes ficaram todas para a sua geração. Elas estão com os filhos de **Bopeka**, os **Bopekapõrã**. Entre outras, estão os **Pamũrĩbuya**, os “Enfeites de Transformação” e as outras coisas tiradas da Maloca do Universo.

Sétima parte:
A DISPERSÃO DOS ʘMUKOMAHSĀ
E A LOCALIZAÇÃO DOS TŌRĀMŪ KĒHÍRIPŌRĀ

Ao receber a ordem de ʘMUKOMAHSĀ BOREKA de viver em outra maloca, ʘMUKOMAHSĀ TŌRĀMŪ KĒHÍRI dirigiu-se às nascentes do Rio Cuiucuiu, afluente do Rio Papuri. Construiu uma maloca no lugar chamado PAMŌSURIWIARA, isto é, “Capoeira das Vestes de Tatu”. Aí, viveu por muito tempo com seus avós, irmãos e criados. Mudaram-se depois para a margem do Rio Cuiucuiu, num lugar chamado PORÁYURI “Paraná do Espinho”. Estando aí, foram pegos pelos Brancos. Mas somente três rapazinhos. Os outros conseguiram fugir. Um deles era o filho do chefe TŌRĀMŪ KĒHÍRI. O segundo era o seu primo-irmão, filho do irmão do seu pai. O terceiro, conhecido como WAUŌMĀ, era tio dos dois por ser irmão dos pais deles. Voltaremos a tratar deles mais adiante.

Antes da chegada dos ʘMUKOMAHSĀ, o Rio Tiquié era habitado por duas tribos chamadas WAYERĀ e KOAMANA. Os WAYERĀ e os KOAMANA eram cunhados entre si, tal como os Tukano e os Desana. Um grupo da tribo KOAMANA vivia junto da cachoeira MOAMŪ “Cachoeira de Sal”, conhecida hoje sob o nome de Cachoeira Caruru. Um grupo da tribo WAYERĀ morava próximo à Cachoeira SIRIBU “Cachoeira de MIRUPU”, atualmente chamada Pari Cachoeira. Junto a essa cachoeira existem duas pedras com desenhos rupestres: uma delas, chamada MIRUPU é dos Desana, a outra, chamada YEBASORA, é dos Tukano. Um grupo dos KOAMANA vivia na foz do igarapé Cucura chamado DIBURUYAPIRO “Foz do Igarapé da Cucura do Mato”. Outro grupo dos WAYERĀ vivia em WARUSERERU, onde hoje se situa a povoação de São José. Tal era a localização desses grupos. Todos acabaram sendo levados pelos Brancos e exterminados.

Juntamente com os Brancos que dizimaram os antigos habitantes do Rio Tiquié a que nos referimos andava um índio Tariano, que vivia numa maloca na Cachoeira de Iauareté, no médio Rio

Uaupés. Naquele tempo, ainda não havia a demarcação da fronteira entre o Brasil e a Colômbia. Esse Tariano, ao voltar para a sua maloca, contou que o Tiquié havia sido despovoado. Sabendo disso, começaram a vir para cá os primeiros Tukano. Em primeiro lugar, chegaram os do grupo *Turopõrã*, que se haviam estabelecido nas cabeceiras do igarapé Turi, acima da atual povoação de Santa Luzia no Rio Papuri. Daí, atravessaram a mata, fazendo roças, construindo tapiris e depois malocas, até descerem ao Tiquié. Assim, chegaram até a antiga maloca dos *Wayerã*, em *Warusereru*.

Na mesma época chegou outro grupo Tukano com seus irmãos chamado *Panisĩpõrã*. Estabeleceu-se no lugar antes ocupado por outro grupo *Wayerã*, em Siriribu. Juntamente com eles chegou o grupo dos *Kêhíripõrã*, trazidos como cunhados. Estes ficaram num lugar chamado Mirim *nuguron*, atual sítio de Luiz Gomes Lana *Tõrãmũ Kêhíri*. Depois desse grupo veio outro grupo Tukano chamado *Matagobepõrã*. Tinha vindo de *Mahãpĩgõrĩyeri* “Pedras dos Rabos de Arara”. Hospedou-se na maloca de *Panisĩ* em Siriribu. Tempos mais tarde, houve uma desavença entre os grupos *Panisĩ* e *Matagobe*, e este último arrasou todas as suas roças, construiu um grande batelão para levar todos os seus irmãos, carregando ainda mudas de mandioca e de outras plantas, farinha e todos os seus haveres. Ao despedir-se do tuxaua dos *Panisĩ*, *Matagobe* disse-lhe que iria a um lugar chamado em Língua Geral Uaracari, que fica abaixo de Barcelos, no Rio Negro. Esse tuxaua dos *Matagobe* conhecia o referido lugar por ter estado ali com os Brancos, trabalhando piaçaba.

Saiu à tarde de Siriribu e veio baixando o Tiquié. Parou para dormir à beira do rio. Os irmãos dele foram procurar folhas da palmeira bacaba para construir um tapiri a fim de aí pernoitar. Viram então que havia terra boa, igual à que tinham no Rio Papuri. Contaram isso ao seu tuxaua, que foi verificar pessoalmente se isso era verdade. Constatando que a terra era bastante fértil, resolveu construir aí mesmo uma maloca. Aí ficaram durante muitas gerações. O grupo *Panisĩ* passou a chamar essa localidade

de Uracarí. Fica abaixo da atual povoação de Santo Antônio e foi abandonada porque virou capoeira.

O tuxaua dos Matagobe, cujo nome em português era Adão, estando em Uracarí, soube do rapto de três rapazes do Rio Cuiucuiu. Disse a seus irmãos:

“Vou resgatar esses rapazes, porque são nossos sobrinhos. E aqui não temos primos-cunhados para casarem com nossas filhas”.

Mandou as mulheres prepararem farinha para a viagem e seguiu até a Cachoeira de Ipanoré.

Feitos prisioneiros pelos Brancos, os três rapazes foram levados até a Cachoeira de Ipanoré. Aí viviam suas tias Tukano, irmãs de suas mães, que se haviam casado com índios Tariano. Ao saberem que haviam aprisionados parentes seus do Rio Cuiucuiu, foram ver quem eram. Verificaram que eram seus sobrinhos, filhos de suas irmãs casadas com Desana. Os índios Tariano já eram documentados pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), por isso os Brancos tiveram que respeitá-los. A pedido de suas mulheres foram falar com os Brancos a fim de que libertassem os rapazes, no que os Brancos acederam. Passados dois dias, o filho do tuxaua *Tōrãmũ Kēhíri* voltou à sua maloca no Rio Cuiucuiu. Os dois outros rapazes ficaram morando nas casas de suas tias.

Chegando em Ipanoré, o tuxaua dos Matagobe conversou com essas mulheres, contou a viagem e o motivo de sua chegada até ali. Acabou trazendo os dois jovens, dando uma de suas filhas em casamento a um deles. Esse foi nosso tataravô. Isto é, dos Desana das povoações denominadas em desana *Bayagobe* e *Warusererukau*, ou seja, respectivamente, Santo Antônio e São João no Rio Tiquié. Junto com a sua filha, entregou a maloca e as plantações, construindo outra mais abaixo, num lugar chamado *Yahswariburu* “Morro do Frio”. Entregou também a esse genro a parte fronteira do rio, onde lhe cabia pescar, bem como o terreno equivalente, mata adentro.

Pouco tempo depois, o rapaz do Rio Cuiucuiu morreu, sem chegar a ver o filho que ia nascer. Mais aí ficaram os seus tios

Desana, que tinham ido visitá-lo. Morto o marido, a filha de Adão casou-se com um índio Siriano, das cabeceiras do Rio Papuri, do lugar chamado “Surubu”, acima da missão de Uacaricara, na Colômbia. Ainda grávida, mudou-se para lá, onde nasceu um menino que foi chamado *Tōrãmũ*. Quando estava com dois anos, os tios paternos, que haviam ficado em Uaracari, foram buscá-lo, porque eles próprios não tiveram filhos. Mas já não havia maloca. Todos viviam em casinhas pequenas. Quando *Tōrãmũ* estava com 17 anos, a mãe veio visitá-lo e o levou consigo a Surubu. Lá casou-se com uma mulher da tribo Karapaná e a trouxe de volta a Uaracari para conhecer os tios que o haviam criado. Suas primas-cunhadas (*bahsurinanome*) reclamaram dele ter se casado com uma Karapaná ao invés de escolher uma delas. Elas eram Tukano e ele Desana, que é o casamento preferido.

Tōrãmũ resolveu deixar a sua mulher Karapaná, que já estava grávida, na aldeia do seu padrasto, em Surubu, e voltou a Uaracari sozinho. Sua mulher Karapaná teve um menino que se chamou Mirupu. É o avô dos Desana de Santo Antônio.

Tempos depois, *Tōrãmũ* casou-se com uma moça Tukano do grupo *Buiberapõrã*. Ela teve um menino chamado Uari, morrendo logo depois do parto. Esse menino é o avô dos Desana de São João. Ficando viúvo, *Tōrãmũ* casou-se com uma moça do grupo Tukano *Turopõrã*. Mãe e filho morreram depois do parto. Desgostoso, ele foi embora com os Brancos. Passados cinco anos, voltou à antiga povoação de Uaracari que, como disse, havia virado capoeira. Casou-se então com uma mulher do grupo Tukano *Panispõrã*. Ela teve dois filhos homens. O primogênito chamava-se *Tōrãmũ* e o segundo *Kisibi*. *Tōrãmũ* é o pai de um dos autores deste livro, *Umusĩ pãrõkumu*, cujo nome português era José. Seu irmão, Miguel, é o avô do sobrinho de *Umusĩ*, Feliciano Lana.

Tōrãmũ casou-se com uma mulher Tukano do grupo *Panisi* e teve vários filhos, dos quais somente sobreviveu *Umusĩ*. Foi batizado com o nome de Firmiano. José foi *baya*, isto é, mestre de canto, e conhecia todos os ritos e costumes dos Antigos. Embora

não fosse o mais velho dos filhos, porque seu pai tinha tido outros dois casamentos anteriores, ficou sendo tuxaua, chefe de todos os seus irmãos.

José construiu sua maloca num local chamado *Mihiñaburu* “Morro do Açai”, à margem direita do Rio Tiquié, em frente à atual povoação de São João. Depois pediu a seu primo, tuxaua da maloca de Siriribu (Pari Cachoeira), chamado José Mentre, para transferir-se à margem esquerda, isto é, para *Warusererukax*, chamada São João em português. Ali morreu e deixou seus filhos.

História da origem da noite



No início do mundo, não havia noite. Era só dia. A humanidade ficou cansada de viver sempre de dia. Soube-se então que, pelo norte, havia um Ser chamado Ñami e que, no lugar onde morava, havia dois tempos: dia e noite. Por isso, os *Umukomahsã*, isto é, os Desana, ficaram observando pelo norte. A um certo ponto, viram uma nuvem preta que se levantava. Depois de várias horas, essa nuvem desaparecia. Depois de algumas horas, levantava-se outra vez, e assim fazia continuamente. Vendo isso, eles disseram para *Yebá Gõãm**, o deus da Terra:

“Nós também queremos ter a noite”.

Ouvindo isto, *Yebá Gõãm** disse:

“Então vamos conversar com ele, para ver o que ele diz”. *Yebá Gõãm** partiu com eles para fazer um trato com Ñami. Até que chegaram na casa do Dono da Noite. Ñami “Noite” era o nome dele. *Yebá Gõãm** o cumprimentou quando entrou pela porta:

“Sóou!”

Ninguém respondeu. Não havia ninguém. A casa estava vazia, sem gente. Ele repetiu mais uma vez a palavra:

“Sóou!” Ninguém respondeu. Repetiu mais uma vez. Já era a terceira vez. Aí, respondeu uma velha, a mulher de Ñami, lá atrás do quarto protegido com paris. Depois, ela veio cumprimentá-los e deu-lhes um lugar para sentar. Depois sumiu outra vez. O velho Ñami estava ainda roncando.

A velha fazia de tudo para acordá-lo, mas sem sucesso. Vendo que ele não acordava mesmo, ela esquentou um pedaço de camuti*

* Tipo de panela de barro.

no fogo e, depois, colocou o pedaço quente no peito dele. Só aí é que ele acordou. Começou a tossir baixinho, depois levantou-se da rede. Aí, a velha avisou que o neto dele tinha chegado. Ouvindo isso, ele se levantou e veio cumprimentar os visitantes. Ele era um velho muito feio. Depois, ele desceu até o quarto dele. Pouco depois, veio subindo de novo e disse:

“Fiquem aqui ainda, eu vou tomar banho por um momento”.

Eles ficaram esperando. Alguns deles foram atrás de *Ñami* para espiá-lo durante o banho. Quando ele chegou na beira do rio, levantou a mão até a sua cabeça, segurou com ela os cabelos e puxou para cima a sua pele. Por dentro, ele estava jovem. Ele se tinha vestido de velho para dormir.

Na volta do banho, ele não era mais velho: era moço mesmo: Depois que começaram a conversar, ele perguntou o motivo da visita. Aí, *Yebá Gõãmu* contou todas as dificuldades pelas quais a humanidade passava por não haver noite. E contou também que ele vinha pedir-lhe a noite. *Ñami* disse então:

“Eu te darei a noite, meu neto, é bom que tu tenhas vindo”.

Enquanto conversavam, o sol já estava se pondo. Quando chegou a hora de escurecer, *Ñami* disse para *Yebá Gõãmu*:

“Meu neto, tu vieste pedir o meu poder para ter a noite. Por isso, eu vou te mostrar: fica aqui observando todas as cerimônias que eu vou fazer”.

Dizendo isto, ele voltou ao seu quarto. E *Yebá Gõãmu* ficou sentado junto com os outros. *Ñami*, quando chegou dentro do seu quarto, começou logo a cerimônia. *Yebá Gõãmu*, junto com os outros, escutou um barulho como se alguém estivesse arrastando um grande peso no chão. Era *Ñami*, que estava trazendo a grande mala da noite. Lá dentro, ele fez a cerimônia com o chicote chamado em desana *wahsũboga*¹⁹, bateu por cima da mala da noite e, ao mesmo tempo, cantou o seguinte:

“*Titi titi*”.

19. Com que se açoitam os jovens no momento da iniciação masculina.

Assim ele fez no quarto dele, isto é, dentro do quarto protegido com parís. Depois, ele empurrou a mala com a ponta do pé, até a porta do quarto. Ao mesmo tempo, comeu ipadu e fumou tabaco. O ipadu e o tabaco eram de sono. No momento em que Ñami tomou isto, o sono começou a chegar nos olhos dos seus hóspedes, para Yebá Gõãmũ e seus colegas, que já estavam com muita vontade de dormir.

Yebá Gõãmũ estava sentado debaixo do esteio da entrada: estava todo enfeitado para olhar as cerimônias de Ñami. Os outros tinham-se deitado nas suas redes, também com o desejo de ver as cerimônias que o Dono da Noite iria fazer. O último irmão de Yebá Gõãmũ amarrou a sua rede de dormir num cantinho da parede e ficou também olhando as cerimônias de Ñami.

Quando chegou na porta do seu quarto, Ñami bateu duas vezes em seguida em cima da mala e, ao mesmo tempo, cantou duas vezes:

“Titi titi, titi titi”.

Já eram oito horas da noite. Aí, ninguém mais aguentou. Todos, menos um, adormeceram. Yebá Gõãmũ, o chefe deles, também ficou dormindo. Sentado, ele quebrou o enfeite yohokadũhũ “cabo de enxó” que havia no ombro. Depois, ele se levantou e foi se deitar na rede junto com os outros. Só o seu último irmão ficou olhando. A ele, o sono não atacou. O único a assistir a todas as cerimônias do início ao fim foi ele.

Ñami veio empurrando, novamente, a mala da noite com a ponta dos pés. A mala veio devagar, até que chegou na porta por onde ficava o forno nas grandes malocas. E parou aí. Ele bateu então três vezes em cima da mala e cantou três vezes:

“Titi titi, titi titi, titi titi”.

Já era meia noite. Depois, ele continuou a empurrar devagar a mala, até chegar debaixo da terceira coluna da casa, isto é, no espaço de dança da casa. E parou aí. Bateu outra vez e cantou:

“Titi titi”.



Cantou em seguida uma segunda frase:

“Sirá sirá”.

Já eram duas horas da madrugada. Daí, ele veio empurrando a mala da noite devagarzinho, até perto da porta. Aí parou, bateu outra vez e cantou duas vezes em seguida:

“Titi titi, sirá sirá, titi titi, sirá sirá”.

Logo, ao terminar de cantar, ele se virou e voltou ao seu quarto. A grande mala ficou aí mesmo.

Ñami não a havia ainda entregado para Yebá Gõãmũ. Mas este último acordou quando Ñami já estava para chegar ao seu quarto, bem como os seus companheiros. Quando acordaram, já eram cinco horas e meia da manhã. Estava amanhecendo. Nenhum daqueles que adormeceram sabia as cerimônias que Ñami fez quando estava trazendo a pesadíssima mala da noite. O Dono da Noite, quando chegou ao seu quarto, desenfiteou-se dos adornos de sono. Quando acabou de fazê-lo, ele voltou para perto de Yebá Gõãmũ para entregar-lhe a mala da noite. Chegando na presença dele, disse:

“Eis a mala da noite, meu neto. Leva-a até a tua casa. Quando chegar lá, manda preparar caxiri para o dia de dança. Neste dia é que deverás abrir a mala. Não abre a mala fora da lei, porque pode acontecer alguma coisa de ruim. Leva-a com todo cuidado, segundo a minha ordem”.

Yebá Gõãmũ respondeu que assim faria. Depois do mingau, eles saíram levando a grande mala da noite. Mas a mala pesava mesmo. Quando chegaram pela metade do caminho, começaram a falar:

“Esta mala é muito pesada. Vamos abrir para ver o que há dentro”.

Depois de conversarem muito, abriram a mala e logo fugiu o japu da noite (ñamiumu) que estava dentro da mala. Em seguida, escaparam os grilos da noite (ñamipígãrã). Voaram, causando um grande espanto. A mala ficou vazia. Aí escureceu mesmo, veio uma chuva como nunca. E eles, sem barraquinhas onde se protegerem, molharam-se assim mesmo.

O japu chegou até acasa de Ñami. Logo ao entrar, ele disse:
“Os ʘmʘkomahsã estão passando muito mal porque abriram a mala da noite”.

Ñami entristeceu-se ao ouvir essa notícia do japu.

Os ʘmʘkomahsã queriam fazer como Ñami tinha feito, mas nenhum deles sabia as cerimônias e as funções que ele tinha feito durante a noite. Nem mesmo o seu chefe as conhecia, porque também ele ficou dormindo. Experimentaram pronunciar algumas palavras inventadas por eles mesmos, mas não adiantou nada. Alguns disseram assim:

“Saia o dia, saia...”

Eram palavras inventadas mesmo. Yebá ʘõãmʘ, vendo que não adiantava, tirou o ipadu da sua boca e untou com ele uma árvore, uma vez para cima, outra vez para baixo. O ipadu se transformou num cogumelo grande, chamado em desana *dihtibugũẽ*, que se encontra às vezes no mato.

O irmão caçula de Yebá ʘõãmʘ, vendo que ninguém sabia as cerimônias que Ñami tinha feito na sua casa, disse:

“Mas por que vocês não sabem? Parece que vocês não viram mesmo nada? Por que será? Estão dizendo umas coisas à toa em cima da mala”.

Ele falou palavras muito duras para eles. Depois disso, ele preparou o açoite e começou a fazer como Ñami tinha feito. Cantou como ele próprio havia cantado. Aí, todos os grilos da noite que tinham rugido responderam. Ele fez todas as cerimônias que Ñami havia feito, até amanhecer.

Depois, os ʘmʘkomahsã continuaram a viagem, abandonando a mala. Ela ficou no Rio Caiari, ou Uaupés: pode-se ver, hoje em dia, um caixão de pedra, aberto. E a noite ficou para sempre, até os nossos dias.

Assim termina a história de origem da noite: é uma história dos Desana do grupo Kêhíripõã.

EXPLICAÇÃO DA HISTÓRIA DE ORIGEM DA NOITE

Esta história, os Antigos contavam aos seus filhos, netos, para que não considerassem os outros como seus inferiores. E, também, para respeitarem as ordens dos *kumua* ou sábios. *Ñami* tinha dado a ordem de não abrir a mala, a não ser no dia de dança. Mas eles não obedeceram à sua ordem. Aí, escureceram no meio do caminho. Ademais, ninguém ficou reparando as cerimônias de *Ñami*. O único que escutou e viu todas as cerimônias durante a noite inteira foi o menor de todos. Quem os libertou da escuridão foi ele, porque ele escutou as palavras de *Ñami*. Ele foi o mais sábio de todos. Por isso, os Antigos sempre recomendavam de não insistir na inferioridade de alguém, porque a sabedoria vai a qualquer um. A gente se engrandece com a sabedoria.

História dos três cataclismos



Como foi dito anteriormente, houve três cataclismos: dois incêndios e uma enchente.

O CATACLISMO DE ƒURAMŪYE

Como vimos, a humanidade veio subindo e entrando maloca por maloca. Vimos também que cada maloca tem um nome, que seis delas (n^{os} 16, 27, 33, 46, 47 e 50) têm o mesmo nome, e que elas, em conjunto, chamam-se *Diá milān pontān wi*, isto é, “Malocas das Flautas Sagradas”. Numa dessas malocas é que apareceu *ƒuramŭye*. Todavia, não se sabe exatamente em qual dessas seis ele apareceu. Talvez seja na maloca n^o 16, porque esta é a primeira. O meu velho pai, que está contando, diz que o seu pai não lhe disse em qual maloca *ƒuramŭye* nasceu. O seu pai falou que os missionários²⁰, quando chegaram nessa região, destruíram todas as malocas. Isso era do tempo das malocas. Os Padres diziam que as malocas eram “coisas do diabo”, de Satanás. Por isso é que o meu avô não contou direito para o meu pai. O meu pai diz que se esses Padres não tivessem chegado com essa ideia de nos fazer deixar para trás as coisas dos Antigos, ele seria como o finado pai dele, que era um grande sábio, um cantor, bem como

20. Da Ordem dos Salesianos.

um chefe de maloca. Ele sabia todas as coisas dos Antigos. Com essa obrigação dos missionários, o meu avô não quis ensinar tudo para o seu filho, por isso muitas coisas desapareceram. Todavia, mesmo assim, ele contou as histórias, as cerimônias dos assuntos que não existem mais, bem como as suas funções. Mas tudo isso desapareceu.

Os *Pamūrĩmahsã*, quando vinham subindo, queriam criar as *Milãn pontlãn wi*, isto é, as “Malocas das Flautas Sagradas”, mas não sabiam como proceder. Então, eles benzeram o tabaco e o ipadu para dar às duas primeiras mulheres. Essas mulheres são chamadas *Buhpupõrãnome*, “Filhas de Trovão”. São aquelas que *Umukosurãpanami* e *Umukomahsũ Boreka* encontraram no seu vômito, como já vimos. Depois de ter benzido o tabaco e o ipadu, deram-nos para as mulheres. Uma fumou o tabaco, a outra mascarou o ipadu. Na cerimônia, eles tinham dado a elas o poder de gerar filhos sem ter relação sexual com um homem: eles queriam criar *Suramũye*, ainda chamado *Milãn pontlãn mahsu*.

Aquela que fumou o tabaco ficou prenhe de *Gahpimahsũ*, como já vimos. A que mascarou o ipadu ficou prenhe de *Suramũye*. Naquele tempo, essas duas primeiras mulheres não tinham vagina²¹. Somente tinham o buraquinho de mijar. Por isso, *Suramũye* não tinha jeito de sair. Foram os homens que cuidaram de fazer o parto, não as mulheres!

Vendo que a criança não podia sair, *Umukomahsũ Boreka* pegou a sua forquilha de pegar cigarro chamada em desana *oreoyabu* ou ainda, *oreoduhpu*. Essa forquilha, nesse tempo, era invisível. Pegando-a, ele pôs os braços da forquilha em cima do buraquinho de mijar e, com eles, mediu a “porta do parto”. Depois, ele tirou o seu brinco *siyarimihi* que ficava pendurado na sua orelha e, com ele, cortou o lugar medido com a forquilha. Assim foi feito o canalzinho e o orifício da mulher por onde nasce o nenê. É a partir dessa época que as mulheres começaram a ter este canalzinho, a

21. *Mahsãporenihidihsi*, isto é, a “porta do parto”.

“porta do parto”, antes elas não o tinham! Feito isto, **Boreka** retirou a criança, **Buramüye**, de dentro da sua mãe. Enquanto isso, a mãe estava sem sentidos, de tanta dor. Os homens pegaram então a criança recém-nascida e a deixaram dentro de uma cuia que eles tamparam e levaram em seguida para a Maloca do Universo, isto é, para a maloca do Avô do Mundo.



A mãe não viu o seu filho. Os *Umukomahsã* o levaram através do céu e, ao chegarem no meio do caminho, destamparam a cuia para olhá-lo. Viram dentro da cuia um nenê lindo. Ele parecia uma linda rosa. Ele era mais lindo do que todo ser que existe no mundo. Quando destamparam a cuia para olhar, o nenê começou a chorar. O seu choro era muito belo, ele era forte como o som do trovão. Os *Umukomahsã* tamparam logo a cuia para que ninguém ouvisse o seu choro. Mas a mãe de *Guramũye* o ouviu e disse:

“Vocês não me mostraram o meu filho!”

Os homens, que estavam perto dela, disseram:

“Um dia ele vai voltar!”

Por isso, *Guramũye* não pode ser visto pelas mulheres, porque a própria mãe não pôde vê-lo. Pouco depois, os homens fizeram uma grande festa chamada *Gãmõyerinũ*, o “Dia do Iniciado”. É também denominada *Wahsũrĩparinũ*, o “Dia do Açoite”. Quando o menino alcançava a idade de 12, 13 ou 14 anos, era tempo de fazer essa cerimônia. Esses primeiros homens estavam instituindo essa cerimônia para a humanidade. É nesse dia que *Guramũye* chegou para cuidar da juventude. Os jovens que chegam nesse período, que passam pelo ritual do açoite e já podem ver as flautas sagradas, recebem o nome de *Gãmã*, isto é, “Iniciados”. *Guramũye* chegou para cuidar dos iniciados. Ele já era homem. Era bonito, simpático. Somente os homens o receberam.

As primeiras mulheres, antes dele chegar, saíram para fora para não vê-lo. A mãe desejava muito ver o seu filho, mas isso não era possível. Somente à noite elas poderiam vê-lo. Ele chegou de manhãzinha. Desceu da Maloca do Universo quando ainda estava escuro e, ao chegar, logo começou a executar os ritos. Ele zunia por si mesmo, zunia diversas músicas das flautas sagradas. As suas mãos, os seus pés, o seu corpo inteiro zuniam. Pode-se dizer que do seu corpo saíam músicas. Por isso, ele é chamado *Guramũye*, *Milãn pōlãn mahsu* ou, ainda, *Milãn pōlãn ye*. O rito do açoite durou o dia inteiro. As mulheres esperavam lá fora, sem poder entrar na maloca. Quando já estava escurecendo, *Guramũye* mandou



as mulheres entrarem. Ele ia dançar e se mostrar para a sua mãe. No momento em que elas estavam entrando, *Ḡuramũye* mandou o som dele para fora da maloca. Na maloca não havia mais música. Ele estava dançando junto com os outros homens. Foi então que a mãe viu pela primeira vez o seu filho já feito homem.

Depois, ele passou a cuidar dos iniciados, que tinham restrições alimentares muito severas. Só podiam comer maniuara²², beiju de tapioca, farinha de tapioca e espuma de manicoera. Não podiam comer nada de assado. Com *Ḡuramũye*, o jejum era muito duro. Ele cuidou de três grupos de iniciados. Somente três grupos aguentaram o jejum que ele lhes estava impondo. O quarto grupo não aguentou a fome. Um dia, ele foi com esse quarto grupo de iniciados no mato para colher frutas de uacu²³ para um *dabucuri*. Quando ele chegou no centro do mato, os iniciados viram um pé de uacu e o avisaram. Ele subiu na árvore para derrubar as frutas e mandou-os recolhê-las e descascá-las. Os iniciados ficaram recolhendo as frutas.

Os jovens estavam com muita fome de tanto jejuar. Não aguentavam mais. Por isso, acenderam um fogo e começaram a assar os uacu para comê-los. *Ḡuramũye* já estava percebendo o que eles estavam fazendo. A fumaça do uacu assado chegou até o seu nariz. Aí, ele ficou doido e começou a gritar:

“Vocês estão fazendo isso comigo, vocês vão passar pior do que eu!”

Dito isso, ele veio caindo em cima deles. Aí vieram chuva, trovão e o tempo escureceu. Ficou noite mesmo. Os iniciados não podiam fugir. Então, *Ḡuramũye*, no meio desta escuridão, começou a abrir o seu cu. O cu dele estava como um grande oco de pau. Aí, ele começou a chamar os iniciados:

“Ei vocês, por que estão apanhando tanta chuva? Entrem neste oco para não apanhar tanta chuva!”

22. Um tipo um cupim grande da terra.

23. *Sũmẽ* em desana (*Monopteryx uacu* Spar. et Benih.).



Ouvindo isto, os iniciados começaram a entrar no seu cu. Todos entraram, menos um. Depois de eles terem entrado no seu cu, ele o apertou e todos ficaram presos dentro da sua barriga.



Aí, ele subiu para a maloca do seu avô, isto é, para a Maloca do Universo. Não avisou os pais dos rapazes sobre o que havia acontecido. Voltou apenas aquele menino que não tinha entrado no seu cu. Foi ele quem contou para os pais dos desaparecidos tudo o que tinha acontecido. Ele contou que *Ḡuramũye* havia comido os seus filhos. Ouvindo isto, os pais ficaram muito zangados e disseram:

“Ele também vai morrer, nós também mataremos ele!”

Aí, eles começaram a chamá-lo, mas ele sempre se negava a vir. Vendo que ele não vinha, resolveram enganá-lo. Convidaram-no a vir tomar caxiri misturado com cana-de-açúcar. Mas ele disse:

“Eu já experimentei esse caxiri”.

Convidaram-no então a vir tomar um caxiri não misturado, mas ele respondeu que já havia também experimentado este. Depois o convidaram para vir tomar caxiri de fruta de pão. Mas ele respondeu que já o tinha experimentado. Disseram-lhe então que viesse tomar caxiri de abacate. Aí, ele respondeu:

“Esse sim, eu nunca experimentei. Vou tomar!”

Dessa maneira, eles o enganaram. O caxiri era, de fato, muito comum.

Quando ele chegou, eles o receberam bem, deram-lhe caxiri e ficaram conversando, deram-lhe muito caxiri até ele ficar bêbado. Vendo-o bêbado, eles perguntaram porque ele havia comido os seus filhos. *Ḡuramũye* respondeu que era culpa deles, que eles não haviam obedecido às leis dele. E acrescentou:

“Se vocês querem me matar por causa dos seus filhos, podem fazê-lo! Todavia, antes de me matar, vocês devem procurar quatro tipos de lenhas: *kĩgahsiripea*, *yabuborerupea*, *guisigarupea* e *porasĩgãrupea*. Com estas lenhas vocês poderão me queimar. É somente me matando que vocês precisarão jejuar menos”.

Ouvindo isto, eles foram procurar as lenhas que ele havia mencionado. Depois, eles tocaram fogo. Quando o fogo já estava forte, eles pegaram *Ḡuramũye* e o botaram dentro da fogueira. Ele estava com todos os seus enfeites e mesmo assim o queimaram. Na verdade, *Ḡuramũye* não queimou propriamente, ele subiu

para a Maloca do Universo. Somente queimaram os seus enfeites. Enquanto os enfeites estavam queimando, o fogo começou a queimar o capim, depois a terra, as árvores e, por fim, o próprio ar. O mundo queimou todo. A humanidade desapareceu. A terra demorou vários anos para esfriar. Quando esfriou, a humanidade ressurgiu de repente e encheu novamente a terra. Este foi o primeiro cataclismo de fogo.

No lugar onde *Ḡuramũye* foi queimado, começou a brotar um pé de paxiúba. Era o osso dele! Brotou na camada de terra chamada *Ḥhtābohōtaribu* e saiu no *Bahsibohōtaribu*, isto é, na superfície da terra. O osso de *Ḡuramũye*, isto é, o pé de paxiúba, foi distribuído a toda a humanidade. Os primeiros homens derrubaram esse pé. Hoje em dia, pode-se ver a marca nos lugares onde foi derrubado. Se vê isso nas pedras que ficam perto de algumas cachoeiras. Isso é uma lembrança de *Ḡuramũye*. Antes de queimar, ele havia dito que permaneceria dentro das flautas sagradas, que atualmente são feitas de paxiúba²⁴. Já que eram proibidas à vista das mulheres, elas não podiam saber nada a respeito. Os Antigos, antes de praticar o rito das flautas, faziam uma cerimônia com tabaco invocando *Ḡuramũye*. Por isso, as flautas zuniam bem. Zuniam como *Ḡuramũye*. Esta história é verdadeira. Aqui termina a história do primeiro cataclismo de fogo.



24. Palmeira *Iriartea exorrhiza*.

NŪGŪYE E O SEGUNDO CATACLISMO DE FOGO

Nŭgŭye “Pajé de Raiz” era um rapazinho órfão que vivia como criado na maloca de Abe, o Sol. Além dele vivia aí também a sua irmãzinha, de nove a dez anos de idade. Era miudinha e passava o dia carregando o filho de Abe. A mulher de Abe quase não dava comida para a menina. Antes de comer, ela sempre a mandava dar banho no seu filho e, enquanto a menina fazia isso, ela aproveitava para comer. Ela não guardava nada para a menina. À tarde, ela tirava a espuma de manicoera e mandava a menina ir ao porto para dar de comer ao filho e lhe dar outro banho. Ela fazia sempre assim. A menina, às vezes, sentia muita fome. Como ela era gente de gavião, quando levava o nenê para o porto ela sempre levava um pedaço de beiju, que comia com água e, para saciar a sua fome, chupava o cérebro da criancinha. Ela fazia isso porque a mulher de Abe não lhe dava comida alguma.

Pouco a pouco, a criança começou a definhar, a ficar amarela, sem sangue. A mãe falou para as outras pessoas que o seu filho estava ficando cada vez mais amarelo. Então, as outras lhe contaram que a sua criada estava chupando o cérebro do seu filho e que era por isso que ele estava ficando amarelo. Ouvindo isto, a mulher de Abe ficou muito aborrecida. Ela pegou a menina, quebrou-lhe os ossos e a jogou em seguida no forno onde fazia o beiju. A menina morreu queimada. O irmão, Nŭgŭye, não estava na maloca nesse momento. Encontrava-se na beira de um lago cheirando pimenta para embelezar o seu rosto. A alma da menina chegou até ele e desceu na água do lago, gritando:

“Meu irmão, meu irmão, a mulher de Abe me queimou no forno, ai, ai, ai, meu irmão”.

Nŭgŭye, vendo a alma da sua irmã, disse consigo mesmo:

“Nós somos órfãos, os nossos pais já morreram, por isso é que está acontecendo isso”.

Ao pronunciar estas palavras, ele pegou a alma da irmã, embrulhou numa folha e a colocou na sua bolsa.

Ele voltou de tardinha para a maloca de **Abe**. No meio do caminho, tirou o osso da sua coxa direita e o transformou num grande taquaral, desse de fazer as flautas **têreriru**, e continuou a viagem. Perto da maloca de **Abe** havia uma plantação de tabaco. Ele pegou uma folha, voltou a embrulhar nela a alma da menina, que ele deixou em cima da porta da maloca. Nessa mesma noite, um morcego mordeu a mulher de **Abe**. Era a alma da menina que estava castigando a mulher criminosa. No grupo de **Abe**, quando uma pessoa era mordida por morcego, os outros a jogavam num grande buraco. Isso era o costume deles. Foi isso que eles fizeram com a mulher de **Abe** que havia queimado a irmã de **Nügũye**. Foi para que acontecesse isso que o irmão da menina havia deixado a alma dela em cima da porta da maloca, a fim de que, transformada em morcego, ela mordesse a mulher criminosa.

Ao entrar na maloca, **Nügũye** fez como se não soubesse de nada. Não perguntou pela irmã e ninguém lhe contou nada. Ele entrou na maloca, amarrou a sua rede, deitou-se e começou a tocar a linda flauta, isto é, o seu osso que ele havia transformado na flauta **têreriru**. Tocando nela, ele estava, de fato, chorando a morte da sua irmã. Ele dizia através do som da flauta:

“Minha irmã, minha irmã, nós que crescemos órfãos acabamos assim, minha irmã, minha irmã”.

Por isso, a flauta **têreriru**, para quem a toca bem, tem um som triste, porque ele inventou essa flauta para chorar. Todavia, mesmo sendo triste, essa flauta tem uma música suave. Ouvindo a linda música, os filhos de **Abe** correram para perto de **Nügũye**, perguntando onde ele havia encontrado a flauta. Ele indicou o lugar. Eles perguntaram se tinha muitas e ele respondeu que sim, que ele somente havia tirado uma. Aí, eles disseram:

“Amanhã, você nos mostra onde é, nós também queremos ter uma flauta dessas!”

“Vamos amanhã”, ele respondeu.

Assim caíram no engano de **Nügũye**.

No dia seguinte, eles acordaram com muita vontade de ir

para lá. Depois do mingau, Nūgũye disse:

“Vamos todos agora, filhos de Abe!”

Todos os filhos de Abe foram com ele, não ficou nenhum na maloca. Nūgũye disse então:

“Vocês vão adiante, eu fico atrás com o caçula”.

Este era como se fosse seu afilhado e Nūgũye o amava como o seu próprio filho. Disse-lhes ainda:

“Quando chegarem aos igarapés, peguem os peixes para nós comermos. Depois de comer, nós começaremos a tirar as flautas”.

Eles concordaram em fazer o que ele ordenara. Foram adiante. Era verão e os igarapés estavam muito secos. Nūgũye os seguia com o seu afilhado, revelando-lhe tudo o que iria acontecer. Quando eles chegavam num igarapé, ele dizia o seu nome. Cada igarapé tinha um nome diferente. Nūgũye ia dizendo as rezas que o afilhado deveria recitar na sua volta. Ele dizia por exemplo:

“Quando o igarapé estiver bem vermelho, reze assim... Se a mata tremer, diga assim... Se a terra ficar mole para você, se os paus avermelharem, se você chegar à sua maloca e não puder mais vê-la, se sua rede ficar vermelha, diga assim, assim...”.

No caminho, ele foi revelando todas as rezas e avisando o que ele teria que fazer na sua volta. Quando chegaram no taquaral, os outros, que tinham ido na frente, já estavam esperando. Entregaram os peixes a Nūgũye. Este disse então:

“Procurem lenhas para cozinhar os peixes!”

Eles procuraram lenhas, acenderam fogo e começaram a cozinhar os peixes. Aí, eles foram tirar os caniços. Nūgũye disse:

“Vocês vão depois, nós vamos comer primeiro!”

Mas eles não escutaram e ele disse para o seu afilhado:

“Você não vai agora, nós iremos depois!”

Os dois ficaram perto do fogo, enquanto os outros já estavam no meio do taquaral. O fogo começou a alastrar-se, queimando as folhas das taquaras, dividindo-se em duas partes, esquerda e direita. Os filhos de Abe ficaram bém no meio. O fogo os envolveu e os devorou. Somente se salvou o mais novo, o afilhado de Nūgũye,

que começou a voltar para a sua maloca. No caminho de volta, aconteceu tudo o que Nũgũye havia dito que iria acontecer. Aí, ele se lembrou das rezas que Nũgũye lhe havia ensinado e fez como ele havia mandado fazer. O seu corpo parecia não ter mais ossos. As suas pernas pareciam como se estivessem flutuando no ar.

Nũgũye não voltou para a maloca de Abe com ele. Ele transformou-se num grande gavião. Voando, ele chegou na maloca antes do seu afilhado e pousou em cima da cumeeira. E começou a cantar:

“Como a mulher de Abe queimou a irmã de Nũgũye, este queimou todos os filhos de Abe! Coá, coá, coá coá coá”.



Ao ouvi-lo, **Abe** disse:

“Será que ele fez isso mesmo?”

Enquanto estava pensando nisso, **Nũgũye** cantou outra vez a mesma coisa. Nesse instante, chegou o caçula, apoiando-se num pau. Ele estava quase sem forças e bem amarelo. Ele disse para o seu pai que **Nũgũye** estava contando a verdade, que ele tinha feito isso mesmo. Ouvindo-o, **Abe** disse:

“Ele também vai morrer!”

Ele foi então buscar a sua zarabatana e saiu para matar **Nũgũye**, transformado em gavião. Viu ele sair voando e pousar na ponta da pupunheira, onde ele cantou a mesma coisa outra vez. **Abe** soprou então uma seta envenenada e o gavião caiu no chão. **Abe** o agarrou e disse:

“Você queimou os meus filhos, vou queimá-lo também!”

Ele foi buscar lenhas, um montão de lenhas. Depois, ateou fogo e, quando o fogo estava muito forte, ele pegou o gavião e o jogou na fogueira. O gavião mexeu as asas e o fogo pegou nas penas delas. Depois, o fogo se espalhou no capim, nas folhas das árvores, no chão. O mundo inteiro pegou fogo, acabando com a humanidade. Este foi o segundo cataclismo que houve no mundo. Costuma-se chamá-lo o “Incêndio de **Nũgũye**”. Depois dele, a humanidade foi renovada. Aqui termina a história de **Nũgũye** ou Pajé de Raiz e do segundo cataclismo de fogo.

A ENCHENTE DE **SĒPĪRŌ**

Gõãmũ, vendo que a humanidade toda morria devorada pelas cobras, pelas onças e pelos espíritos do mato, vendo que estavam desaparecendo muitas criaturas da terra, decidiu matar todos esses bichos através de uma enchente. Por isso ele procurou **Sĕpĭrŏ**, a quem deu ordem de provocar uma enchente. **Sĕpĭrŏ** é também um Trovão, mas cuja casa não se conhece. Ele é o sétimo Trovão. Assim **Gõãmũ** lhe mandou provocar uma enchente. A maloca de número 5 ou Diá **tauwi** é o fim do mundo. É aí que termina o



mundo. Aí há uma espécie de porta, a Porta das Águas, que fecha o Rio de Leite. Essa porta era afiada como uma lâmina, ou, talvez, era mais afiada do que uma lâmina, porque só de tocar ela cortava. Isso porque junto dela crescia uma cana branca como o quartzo que os Antigos usavam em lugar de tesoura. Chamava-se *sebomihi*. A porta fechava e abria sozinha quatro vezes ao dia. *Gõãmũ* mandou *Sěpĩrõ* fechar a porta com o seu rabo. *Sěpĩrõ* parecia um grande gavião, mas era também chamado de “Cobra grande do rio”. Ele obedeceu à ordem de *Gõãmũ* e foi fechar a Porta das Águas. Pousou em cima do travessão do universo (*umukotabu*). Em cima da Porta das Águas é que havia esse travessão do universo. *Sěpĩrõ* ficou pousado aí e, com o seu rabo, fechou a Porta das Águas. *Gõãmũ* havia falado para ele:

“Faça a água subir até submergirem as árvores e as colinas. Somente os picos das mais altas montanhas devem ficar fora d’água, porque a humanidade vai subir nelas e assim não desaparecerá”.

Sēpĩrõ respondeu que assim faria.

A seguir, Gõãmũ criou as piranhas para que comessem os animais nocivos durante a enchente. Também criou as grandes lontras do rio (nērērõa) para comerem os espíritos do mato, quando da subida das águas. Gõãmũ subiu numa montanha altíssima chamada Ñumú “Bacaba”. Esta montanha fica no norte, na direção da Porta das Águas. Em cima desta montanha é que ele ficou olhando o trabalho de Sēpĩrõ. Gõãmũ havia dito:

“Quando a água chegar à altura do seu peito, você levanta o seu rabo da Porta das Águas porque o mundo já estará alagado e somente aparecerão as grandes montanhas”.

A água ia enchendo e enchendo. A humanidade sabia que Gõãmũ estava fazendo isso para matar os animais nocivos e os espíritos do mato. Sabia também que somente as montanhas mais altas ficariam fora d’água. Por isso, as pessoas trataram de subir nelas. Pouco a pouco, a água cobriu a mata, as árvores afundaram e as onças, as cobras e os espíritos do mato ficaram nadando na superfície da água, enquanto as lontras e as piranhas os devoravam. Alguns homens treparam nas serras mas foram comidos pelas piranhas, porque algumas serras também afundaram. Outros foram devorados pelas piranhas, pelas lontras e pelos espíritos do mato enquanto estavam nadando. Encostando, eles viam as pessoas e as comiam. As montanhas mais baixas ainda não haviam afundado. Pouco a pouco, elas também afundaram e a humanidade toda foi comida pelas piranhas e pelas lontras.

Só ficaram fora da água as mais elevadas montanhas. Numa delas, que se chama Yairue, ficou Yairó “Inambu” com a sua mulher. Era uma montanha alta, que também estava afundando. O rabo de Yairó já estava submerso e as piranhas o comeram. Por isso, desde esse tempo, ele ficou sem rabo. Ao vê-lo, a sua mulher chorou e disse:

“Você sempre diz que é um grande sábio, que ninguém no mundo o alcança! Quando você se embebeda, sempre diz isso, e eu sempre o respeitei como o meu marido! Mas estou vendo que você está me levando para a morte”.

Dizendo isso, ela chorou. Ela tinha muito medo de morrer. Faltava um palmo para a montanha ficar totalmente submersa. Yairó não respondeu nada. Ele ficou calado e pensou:

“É mesmo, minha mulher, eu tinha costume de falar assim. Você escutava quando eu estava dizendo isto!”

Estava entardecendo. Aí, ele tirou a sua cuia de sabedoria e se cobriu com ela. Quando anoiteceu, Yairó mascarou o seu ipadu invisível, fumou o seu tabaco também invisível e pensou no que poderia fazer. A água continuava a subir e sua mulher não parava de chorar. Yairó disse-lhe:

“Mulher, não chore tanto, você vai ver!”

Quando chegou nove horas da noite, ele começou a cantar: “Yai”. A montanha subiu um palmo. Com a força do seu canto, a montanha estava crescendo. À meia noite, ele cantou outra vez e a montanha cresceu outro palmo. De madrugada, ele voltou a cantar e ela subiu mais um palmo. Antes do amanhecer, ele cantou assim:

“Yai yorõ yorõ yorõ yorõ”.

Cada vez que ele cantava essas palavras, a montanha subia um pouquinho mais. No fim, ela tinha aumentado de nove palmos. Ela amanheceu bem alta e, assim, Yairó mostrou a sua força para a sua mulher. Por isso, hoje em dia, esta montanha aparece formada de camadas sobrepostas.

Gõãmũ estava na montanha Ñumú junto com os seus servos. Daí viu que todas as montanhas iam afundando e que a humanidade estava sendo tragada pelas águas. Ele se deu conta então que Sêpĩrõ não estava cumprindo a sua ordem, que ele estava passando da medida. Pensando nisso, Gõãmũ fez aparecer um grande barco para ir até a Porta das Águas onde se encontrava Sêpĩrõ. Ele queria ir com essa Canoa de Transformação, mas era muito perigoso porque as piranhas estavam prontas para devorá-la. Vendo isso, Gõãmũ tirou os seus invisíveis paris chamados em desana wereimikadihpabu e, com eles, envolveu a Canoa de Transformação para que as piranhas não a vissem mais. Assim, ele chegou até

a Porta das Águas, onde certificou-se que Sēpīrō tinha passado das medidas. Só a cabeça dele aparecia. Ele tinha água até o pescoço! Gōāmũ ficou muito bravo vendo que Sēpīrō ultrapassara a medida que ele havia marcado. Pegou então a sua zarabatana e soprou uma seta envenenada com curare (nimá) bem no pescoço de Sēpīrō, que largou então a Porta das Águas e pulou em direção ao leste. No lugar onde ele caiu, há uma grande pedra.

Só então a água começou, pouco a pouco, a baixar. Mas toda a humanidade já havia desaparecido! As árvores secaram porque, quando ficaram submersas na água, elas não podiam mais respirar. Fez um verão muito forte e as árvores secas pegaram fogo. Assim o mundo inteiro queimou de novo. Depois, começou a chover e a chuva lavou o carvão do mundo. Só então a mata voltou a brotar e a humanidade a renovar-se.

Como vimos, o mundo passou por três cataclismos, exterminando três humanidades que se renovaram. A quarta humanidade somos nós. Gōāmũ decidiu então que não haveria mais desastres, porque dava muito trabalho refazer a humanidade. Ele disse:

“Este mundo será como no céu. Esta humanidade não desaparecerá mais, ela será como o Mundo dos Espíritos”.

Isso quer dizer que a camada e a terra em que vivemos, isto é, Bahsibohotaribu, seria como uma superfície iluminada, ou seja, Abepōtaribu.

As montanhas que não afundaram durante a enchente foram quatro. Os nomes delas são os seguintes: Ñumú, onde ficou Gōāmũ, Yairue onde se refugiaram Yairó e a sua mulher, Pari e Buriri. Essas quatro montanhas não afundaram durante a enchente. Elas são os esteios do céu, quer dizer, os esteios de Abepōtaribu. Durante a noite, quando o céu desce, essas montanhas o sustentam para que ele não caia e esmague a humanidade. Ao descer, o céu aperta o ar, dando sono para a gente dormir. De madrugada, o céu começa a se levantar e os homens a acordar. Estas montanhas são os esteios da Maloca do Universo. É assim que termina a história da enchente.



Ó roubo das flautas sagradas pelas mulheres



Depois da queima de *Ḡaramũye*, sabendo que cresceriam pés de paxiúba, a humanidade começou a buscar o lugar onde iriam brotar. Os *Ḥmukomahsã*, isto é, os Desana, também procuraram o pé de paxiúba que devia lhes caber. O Desana que fez essa busca chamava-se *Abe* “Lua”. Ao encontrá-lo, cortou dois pedaços que levou para a sua maloca. Ficava no Rio Papuri, abaixo da Missão colombiana de Píracuara, e se chamava *Abewi'i* “Maloca da Lua”. Deixou-os no porto, ao lado de uma árvore chamada em desana *nogẽmũ*²⁵. Junto, deixou um cipó chamado *sumuseame*²⁶, que serve como remédio para provocar vômito.

Foi para a casa e comunicou ao seu filho que, pela madrugada, ainda escuro, deveria ir ao porto para tocar as flautas sagradas (*ṭarusuwãĩgõã*). Mas o filho era muito dorminhoco e perdeu a hora. O pai o acordava, continuamente, sem resultado. Nisso, despertaram as duas filhas de *Abe* e viram o pai tentando tirar do sono o seu irmão e sussurrar-lhe alguma coisa no ouvido. Perceberam que falava de cipó e se ofereceram para buscá-lo. Não podendo disfarçar mais, *Abe* consentiu que elas fossem. As moças levaram o seu turi aceso e foram ao porto buscar o cipó.

Ao chegar lá, procuraram debaixo da árvore *nogẽmũ* e viram dois pedaços de paxiúba que brilhavam como ouro.

25. Não identificada.

26. Não identificado.

“Que beleza de paxiúba encontramos, disseram as moças, vamos levá-las”.

Mas os dois pedaços de paxiúba fugiam delas à medida que se aproximavam. Todavia, as duas conseguiram agarrá-los. Com as paxiúbas na mão, perguntaram-se para que poderiam servir. Carregaram-nas para a beira do rio. Nisso vinham subindo os peixes. Eram os *Waimahsã*, isto é, a “Gente de Peixe”, que deviam ensinar ao filho de Abe como tocar as flautas. Ao ver as mulheres, voltaram.

Por fim, chegou o peixe *wayusoamũ*, o aracu de cabeça vermelha²⁷, que ensinou às moças como tocar as paxiúbas.

Antes disso, elas haviam enfiado a paxiúba na própria vagina, procurando experimentar para que poderia servir. O peixe *wayusoamũ* pegou os pedaços de paxiúba e começou a soprá-los. Aí mesmo, eles começaram a tocar. Então, agarrando-se neles, as duas moças disseram:

“Agora que descobrimos a serventia deles, vamos tocar nós mesmas”.

E assim fizeram.

Abe zangou-se com o seu filho dorminhoco. Quanto às filhas, não voltaram para casa. Ficaram no porto tocando as flautas. Seu som foi ouvido em todo o universo. Gente de toda parte se reuniu para comemorar, de novo, o dia do açoite, como fazia *Guramũye*. Ao chegarem, viram as mulheres donas das flautas. Afastaram-se, aterrorizados, enquanto outras mulheres se aproximavam. Todas reunidas, decidiram entrar na casa de **Abe**.

Eram cerca de dez horas da manhã. **Abe** e os homens todos varriam a casa e faziam todo serviço de mulher. Quando as mulheres entraram, **Abe** saiu e escondeu-se. Com ele saíram e se esconderam os homens todos. A casa encheu-se de mulheres com suas flautas sagradas. Nenhum homem se atreveu a entrar.

Só então os homens se deram conta de que as mulheres se

27. *Leporinus* sp.

apoderaram de suas flautas e ficaram irados. Xingaram o rapaz dorminhoco e disseram-se uns aos outros:

“Pertenceram a nós primeiro e não às mulheres. Temos que reavê-las”.

Tiraram então do cerne da paxiúba **buhuñu**, usada para fazer pari de pesca, um pedaço com que construíram uma flauta chamada **barisěrõbugu**. Deram pimenta ao filho dorminhoco de **Abe** para ele mastigar e mandaram-no cuspir uma saliva bem comprida. Agarraram essa linha de saliva da sua boca e o rapaz caiu fulminado. Com um rito, ressuscitaram-no. A linha de saliva tornou-se o cipó **duhkameduhkari**²⁸, que, partido em pequenos pedaços, foi usado para acompanhar a música da flauta **barisěrõbugu**. Ao terminar isso, experimentaram a flauta. Lançaram o som na direção do sul. O rapaz dorminhoco foi encarregado de tocar a flauta e os outros homens o acompanharam com os pedacinhos de cipó.

Em meio à música das flautas sagradas que se haviam multiplicado, tocadas pelas mulheres, umas das filhas de **Abe** escutou o som da flauta **barisěrõbugu**, tocada pelo irmão. Para ouvir melhor, fez um gesto com a mão junto à orelha. Esse gesto derrubou o rapaz, que caiu morto. Diante disso, os homens se irritaram mais ainda. Disseram que era preciso matar todas as mulheres. O primeiro a dizê-lo foi o sapo **palá**²⁹, que insistiu na matança. Todos acompanharam **Gõãmũ** no cerco à maloca tomada pelas mulheres. Os que tinham um instrumento na mão ficaram bem na direção da porta, embora longe. Daí, podiam enxergar as mulheres, que estavam cobertas de enfeites como se fossem homens. Colocaram a flauta **barisěrõbugu** bem na direção da vagina de uma das filhas de **Abe**, para que o som da flauta, penetrando na vagina dela, a explodisse junto com todas as outras mulheres. No instante em que o filho dorminhoco de **Abe** ia soprar, **Gõãmũ** levantou a flauta até a altura do peito da mulher e soprou ele mesmo.


28. Não identificado.

29. Não identificado.

O som da flauta ~~barisẽrõbũgũ~~ desarvorou as mulheres, que caíram desacordadas e acabaram abandonando a maloca, em fuga, aí deixando as flautas sagradas. Uma das filhas de **Abe** levou consigo um pedacinho pequeno de uma das flautas que escondeu na sua vagina.

Depois dessa fuga, os homens retomaram a maloca e se apoderaram de novo das flautas sagradas. As duas filhas de **Abe** fugiram chorando para o sul, e nunca mais voltaram. Na baixada, escreveram numa pedra em Itapinima, no baixo Uaupés, abaixo de Taracuá, a história de sua conquista das flautas sagradas.

Três histórias sobre Buhtari Gõãmũ, o espírito preguiçoso



↑

Um dia, Buhtari Gõãmũ saiu para passear no mato. Ele ia andando pelo caminho, um pouco longe da casa. Depois de andar muito, encontrou duas moças que estavam no pé de uma árvore de sorva. Essas moças eram as filhas de Mahsãwehe, o Irara³⁰. O Irara estava comendo frutas de sorva, junto com as suas filhas. Ele estava nos galhos da sorveira colhendo as frutas que jogava para as moças comerem.

Encontrando as moças debaixo da árvore, Buhtari Gõãmũ perguntou baixinho para elas:

“O que vocês estão fazendo?”

“Estamos comendo as frutas de sorva”, responderam, também baixinho.

Aí, ele agarrou-as e teve relação sexual com elas. No momento em que ele estava fazendo sexo com elas, o fedor do esperma veio tocar o nariz do pai. É assim que o Irara soube que alguém estava mexendo com as suas filhas.

Quando terminou o ato, Buhtari Gõãmũ pensou em enganar o Irara. Por isso, ele voltou pelo mesmo caminho. À pouca distância, ele fez meia volta e voltou para se encontrar com Mahsãwehe.

30. Ou “Papa-mel”, *Tayra barbara*

Pegou a sua flautinha feita de osso de veado e foi andando e tocando como para dizer que estava chegando pela primeira vez. Pouco a pouco, o som da flautinha se aproximava dos ouvidos do Irara.

Mas este sabia que isto era engano, ele percebera que **Buhtari Gõãmũ** já tinha chegado antes. Depois de alguns minutos, **Buhtari Gõãmũ** chegou e saudou as moças, com voz forte. Perguntou-lhes com quem estavam. Elas responderam que estavam com o seu pai. Fingindo, ele perguntou onde estava o Irara. Elas lhe mostraram que ele estava em cima da sorveira. Aí é que ele saudou o Irara e perguntou:

“O que o senhor está fazendo?”

“Estou comendo frutas de sorva”, respondeu **Mahsãwehe**.

“Estão maduras?”, continuou **Buhtari Gõãmũ**.

“Estão sim senhor”.

“Dê-me uma, por favor”, pediu **Buhtari Gõãmũ**.

Ouvindo isso, o Irara jogou uma fruta, mas esta bateu contra os galhos e caiu no chão em pedaços. Vendo isso, **Buhtari Gõãmũ** pediu mais outra. Mas o Irara respondeu:

“Venha aqui para comer, porque quando eu jogo uma fruta, ela bate contra os galhos.”

“Tem maduras?”

“Ora se tem! Tem muito. Por isso é que eu o estou convidando. Venha, suba até onde eu subi!”

Buhtari Gõãmũ trepou então na árvore até chegar em cima. Era verdade mesmo: havia muitas frutas maduras.

“Está vendo quantas frutas? Coma à vontade”, disse-lhe o Irara.

Buhtari Gõãmũ começou a comer as frutas que se encontravam perto dele. Quando acabou com elas, ele trepou num outro galho, onde havia mais frutas. Vendo que ele já estava em outro galho, o Irara soltou o açazeiro pelo qual ele tinha subido. Porque o Irara amarrara o seu rabo na ponta do açazeiro, que era o açazeiro do sul, para alcançar a copa da sorveira, de modo a comer a fruta da sorva. O Irara foi, pois, com o açazeiro. Soltando-se da sorveira, ele disse:

“Agente agora, já que você não respeitou as minhas filhas! Volte como quiser!”

Dizendo isso, ele voltou ao sul, com o açazeiro. Ao endireitar-se, o açazeiro fez um estrondo como o barulho do trovão.

Buhtari Gõãmũ ficou sozinho nos galhos da sorveira. Essa árvore não era como a de agora, era muito maior. Ele ficou preso em cima, não sabendo mais como descer. Ficou lá vários meses, comendo as frutas. As frutas acabaram. Quando não havia mais frutas para comer, ele ficou chupando o leite da sorva.

Isso aconteceu durante o verão, porque é no verão que as frutas de sorva amadurecem. Portanto, Buhtari Gõãmũ ficou preso todo o verão até o inverno. No fim do inverno, como também acontece hoje em dia, as aves costumam subir: os anuns pretos, as garças e os jaburus. Todas estas aves pernoitavam nessa grande árvore, onde se encontrava Buhtari Gõãmũ.

Primeiro, chegaram os anuns pretos³¹. Chegaram bem de tardezinha e perguntaram:

“O que você está fazendo, nosso amigo?”

“Ah colegas! Eu estou comendo frutas de sorva”, ele respondeu.

Ouvindo isso, todos se puseram a rir. Depois, começaram a perguntar com seriedade. Buhtari Gõãmũ contou então tudo o que havia acontecido. Contou que ele tinha vivido com as filhas do Irara e que, por causa disso, este o tinha deixado ali. Eles perguntaram então:

“Por que você subiu depois de ter feito isto? Você não deveria ter subido”.

“Eu pensei que ele não tinha visto nada”, respondeu Buhtari Gõãmũ.

Ouvindo a resposta de Buhtari Gõãmũ, todos se puseram a rir de novo. Aí, ele perguntou aos pássaros para onde eles iam. Responderam que iam para a casa da Amõ. Amõ era uma mulher que vivia sozinha. Ela tinha a sua casa pelo oeste. Disseram-lhe que

31. Ave da ordem dos Cuculídeos, *Crotophaga ani* L.

iam renovar a casa dessa mulher. Ouvindo isso, **Buhtari Gõãmũ** logo pediu licença de ir com eles. Mas eles pensaram uns minutos e negaram:

“Não fique triste, colega. Depois de nós virão outros. Eles hão de levá-lo, nosso amigo”.

Buhtari Gõãmũ nada podia dizer. Isso eles falaram antes de dormir. No dia seguinte, os pássaros continuaram a sua viagem. O pobre **Buhtari Gõãmũ** ficou sozinho outra vez. Poucos dias depois, chegaram outros. Eram também anuns pretos. Chegaram à tardezinha, na mesma hora dos primeiros. Perguntaram a **Buhtari Gõãmũ** o que ele estava fazendo em cima da árvore. Ele contou as mesmas coisas, como havia contado aos primeiros. No fim, pediu para ir com eles. Mas eles responderam as mesmas coisas que os primeiros. E disseram que depois deles vinha outro grupo de aves e que ele iria com eles. No dia seguinte, eles se despediram de **Buhtari Gõãmũ** e continuaram a sua viagem.

Dias depois, chegou um grupo de tucanos d’água³². Pernoitaram na árvore. Também eles perguntaram a **Buhtari Gõãmũ** há quanto tempo ele estava ali. Ele respondeu que estava ali desde o verão. Os tucanos d’água disseram então:

“É muito tempo que você está aqui”.

Buhtari Gõãmũ perguntou aonde iam. Os tucanos d’água responderam que iam para a casa da **Amõ** para renovar a sua casa. Quando acabou de ouvir isso, **Buhtari Gõãmũ** pediu para ir com eles, mas eles também responderam como os anuns pretos, isto é, que, depois deles, viria um outro grupo. Disseram-lhe também de não desanimar e que, com toda certeza, ele iria com o outro grupo. No dia seguinte, despediram-se, mandando que esperasse o outro grupo, e eles seguiram a sua viagem.

Ele ficou sozinho outra vez. Ficou aí, chupando o leite da sorva. Pouco tempo depois, chegou outro grupo. Eram também tucanos d’água. Estes disseram a mesma coisa, que depois deles

32. **Dehkonahsi** em desana, gênero Ranfastídeos.

viria outro grupo que, com toda certeza, o levaria. No dia seguinte, despediram-se e continuaram a viagem.

Dias depois, chegaram outros. Era um grupo de garças³³. Elas também pernотaram nessa árvore. Perguntaram o que ele estava fazendo na árvore. Buhtari Gõãmũ contou tudo o que acontecera e logo pediu para ir com elas. As garças responderam:

“Nós somos muito poucas. Depois de nós vai chegar outro grupo. Você irá com ele”.

No dia seguinte, despediram-se dele e continuaram a sua viagem.

Alguns dias depois, chegou outro grupo de garças. Perguntaram-lhe as mesmas coisas que os primeiros e ele deu as mesmas respostas. O pobre Buhtari Gõãmũ pediu para ir com eles. Mas elas também disseram que eram poucas, e contaram que atrás delas vinha outro grupo. No dia seguinte, elas também seguiram.

Dias depois, chegou outro grupo. Eram jaburus³⁴. Eles pernотaram nesta árvore e perguntaram por que ele estava ali sozinho. Ele contou tudo o que acontecera. Ouvindo-o, os jaburus responderam:

“Ele lhe fez muito mal! Ele lhe fez o que não se pode fazer!”

Buhtari Gõãmũ perguntou então aonde eles iam. Responderam que iam renovar a casa de Amõ. Ele pediu para ir com eles. Os jaburus ficaram pensando, falaram entre si, e contaram aos outros que o homem queria ir com eles. Por fim, depois de terem pensado muito, responderam:

“Nosso grande amigo, nós não podemos levá-lo porque somos muito poucos. Atrás de nós vêm outros, eles levarão você. Não desanime”.

No dia seguinte, eles se despediram dele e seguiram a viagem.

Poucos dias depois, chegou outro grupo, também de jaburus. Eram muitíssimos. Buhtari Gõãmũ pediu logo para ir com eles.

33. Ya'hi em desana, *Leucophoyx thula*.

34. Ave da família Ardeidae.

Estes responderam:

“Atrás de nós vêm outros, eles te levarão”.

Mas **Buhtari Gõãmũ** não queria mais ficar. Contou-lhes que outros tinham-lhe dado a mesma resposta. Ouvindo isso, os jaburus tiveram pena dele e disseram:

“Não chore. Nós te levaremos”.

Ficaram aí mesmo, isto é, não seguiram a sua viagem. Depois de um dia, chegou outro grupo. Era também numeroso como os primeiros. Com esses dois grupos, a árvore ficou cheia de jaburus. Os jaburus falaram entre si:

“Este homem quer ir conosco. Ele contou que está aqui faz muito tempo. Explicou também que foi o Irara que o deixou aqui por que ele mexera com as filhas dele”.

Ouvindo as palavras dos seus colegas, os jaburus recém-chegados deram gargalhadas. Os primeiros chegados na árvore convidaram-nos então a ajudá-los a levar **Buhtari Gõãmũ** até a casa da **Amõ**, o que eles aceitaram.

No dia seguinte, chegou outro grupo de jaburus. Eram tão numerosos quanto os dois grupos anteriores. A árvore não respirava mais, ela estava cheia de jaburus. Este grupo era o último. Foi-lhes contado o que tinha acontecido com **Buhtari Gõãmũ** e, como os outros, eles foram convidados para ajudar a levá-lo até a casa da **Amõ**. Eles aceitaram.

No dia seguinte, prepararam-no para levá-lo. Tomaram as suas flautas de **pã**, que colocaram no braço de **Buhtari Gõãmũ** com leite de tururi. Depois, cada um tirou uma pena das suas asas, que enfiaram no oco do caniço, isto é, da flauta. Tiraram **ipadu** da sua boca e untaram, com ele, o pé das penas. Quando terminaram de colocar as penas, eles mandaram **Buhtari Gõãmũ** experimentar voar, isto é, mandaram-no mexer as asas. Este experimentou mexer as asas, mas as penas caíram todas. Vendo isso, os jaburus renovaram o seu trabalho e, quando terminaram, deram-lhe outra vez a ordem de experimentar voar. **Buhtari Gõãmũ** mexeu de novo as asas e, desta vez, as penas não caíram mais. Mandaram-no então

subir um pouquinho. Depois o fizeram descer nos galhos. Vendo-o, todos os jaburus deram gargalhadas. Feito isso, disseram:

“Agora está bom. Você irá conosco até a casa da Amõ. Depois você voltará para a sua casa”.

Colocaram Buhtari Gõãmũ bem em cima deles. Com as suas asas, o suspendiam. Os três grupos de jaburus ficaram, assim, embaixo dele. Lá em cima, ele mexia as asas para aliviar o seu peso. Por fim, chegaram até a casa da Amõ. Antes de chegar na casa, disseram:

“Você não toca no beiju. Nós é que o daremos para você. E nem no peixe, se tiver. Fica só esperando, nós lhe daremos de comer, você ouviu?”

“Sim, senhores”, ele respondeu.

Dito isso, eles entraram na casa com Buhtari Gõãmũ. Depois que eles entraram todos, Amõ veio cumprimentá-los. Quando acabou, ela voltou para o seu quarto. Depois voltou trazendo quinhapira, beiju e um peixe que ela lhes ofereceu para comer. Os jaburus saíram para comer. Buhtari Gõãmũ também saiu com eles e ficou esperando, segundo os conselhos dos jaburus. Um jaburu tirou um pedacinho de beiju e de peixe e lhe deu.

Quando eles tiravam um pedaço de beiju e de peixe, estes cresciam e ficavam de novo inteiros, como se não fosse tirado nenhum pedaço. Buhtari Gõãmũ estava com muita fome, ele comia com muita pressa. O jaburu deu-lhe um pedaço pela segunda vez. Buhtari Gõãmũ o pegou com pressa e logo o engoliu. Nesse instante, o jaburu que lhe dava comida não reparou mais nele.

Vendo que não lhe davam mais nada para comer, Buhtari Gõãmũ foi tirar um pedaço de beiju e de peixe. Aí, o beiju ficou com uma parte cortada e o peixe também ficou sem uma parte, isto é, as partes que ele tirou não cresceram mais. Todos os jaburus olharam-se uns aos outros, vendo o ocorrido. Não havia remédio, não havia como fechar as partes estragadas do beiju e do peixe. Quando terminaram de comer, chamaram Amõ para retirar o beiju e o peixe. Quando ela chegou para buscar a comida, viu as

partes estragadas do beiju e do peixe. Perguntou então aos jaburus se, no meio deles, havia alguma pessoa estranha. Os jaburus responderam que não. Mas Amõ não acreditou neles porque tinha visto o estrago no beiju e no peixe. Todavia, mesmo assim, ela não disse nada.

A casa da Amõ estava cheia de gente, de garças, de anuns pretos, de tucanos d'água e de jaburus. Por isso, era difícil respirar dentro da casa, com tantas pessoas. No dia seguinte começaram a renová-la. Cada um tirava uma das suas penas: as garças e os jaburus cobriram a casa e os tucanos d'água fecharam as partes da frente com elas. Enquanto isso, os anuns pretos, com suas penas, fizeram as paredes da casa. Portanto, a casa era só feita de penas de aves. Era mesmo uma casa bonita.

Terminaram de renovar a casa num só dia. Quando acabaram o trabalho, começaram a desaparecer. Desapareciam quando iam tomar banho, quando iam cagar. Em qualquer parte que eles iam, desapareciam. Buhtari Gõãmũ ficou sozinho, porque as aves, quando iam tomar banho, transformavam-se em peixes e baixavam. Fazer isto ele não sabia. Por isso é que ele ficou sozinho.

Quando viu que todos haviam ido embora, Amõ começou a varrer a casa. Mas, percebendo que havia ficado um deles, ela queimou pimenta para descobrir quem ia tossir. Vendo que ela estava queimando pimenta, Buhtari Gõãmũ pegou a sua zarabata-na, furou com ela a parede da casa e ficou respirando o ar de fora através dela.

Amõ veio varrendo até chegar perto dele. Ao vê-lo, ela perguntou quem era ele. Buhtari Gõãmũ contou então o que havia acontecido com ele. Aí ele ficou alguns dias.

Amõ estava totalmente nua e isto excitava muito Buhtari Gõãmũ. Lá em cima, na cumeeira da casa, estavam pendurados dois pedaços de pau miratinga: eram os maridos de Amõ. Certos dias, ela subia até onde estavam os pedaços de pau. Aí, sentada em cima deles, ela fazia movimentos para gozar. Depois, descia. Buhtari Gõãmũ ficava observando e tinha mesmo muito desejo de

praticar sexo com ela. E praticou mesmo. Mas isso não lhe trouxe satisfação nenhuma. Pelo contrário, deu-lhe doença. No meio dos cabelos do sexo de Amõ havia, com efeito, numerosos insetos picadores, isto é, aranhas, escorpiões, tocandiras e formigas de fogo. Estes picaram o pau dele enquanto ele fazia sexo com Amõ. O seu pau começou a inchar, a crescer, até atingir o comprimento de um meio metro. E ele sentia dores terríveis. Não podendo mais sustentar esse pau grande cheio de doença, ele teceu um cestinho e se pôs a carregá-lo dentro, o cesto pendurado no seu pescoço.

Nesses mesmos dias, os Aõmũrã, os “Velhos do Beiju”, isto é, as cegonhas cinzentas³⁵, cercaram os peixes no porto da Amõ. Havia muitos peixes nesse cercado. Buhtari Gõãmũ foi até o porto para vê-los. Ficou sentado aí, triste com tantas dores. Enquanto estava olhando, chegaram vários tipos de peixes, querendo sair do cercado. Depois de alguns momentos, vieram dois acarazinhos procurando um buraquinho para sair do cercado, mas não o encontraram. Quando chegaram perto de Buhtari Gõãmũ, ficaram olhando-o. Pouco depois, desapareceram. Buhtari Gõãmũ ficou procurando para onde eles foram, mas não encontrou nenhum sinal deles.

Depois de poucos minutos, vieram atrás dele dois rapazinhos que o saudaram. Perguntaram o que é que ele estava fazendo. Ele respondeu que estava olhando a cerca das cegonhas cinzentas. Os rapazinhos perguntaram o que ele carregava no seu cesto. Buhtari Gõãmũ contou então tudo o que tinha acontecido, que ele tinha vivido com Amõ e que, por isso, o seu pau estava naquele estado. Ouvindo as palavras do Buhtari Gõãmũ, os dois rapazinhos acharam graça, dizendo:

“Antes de fazer sexo com ela, a gente deve pentear bem o seu xiri, tirar todos os bichos que estão aí no meio dos cabelos. Só depois disso é que a gente pode fazer sexo com ela”.

35. *Euxenura maguari*, família dos Ciconídeos.

Buhtari Gõãmũ respondeu que ele não tinha feito isso. Disseram-lhe que era por isso que tinha acontecido assim e complementaram:

“Nós te daremos o remédio deste teu sofrimento”.

Mas antes, os rapazinhos pediram a Buhtari Gõãmũ que, em troca, abrisse a cerca. Buhtari Gõãmũ respondeu que assim o faria. Dito isso, os jovens afastaram-se um pouco e tiraram minhocas misturadas com algumas folhas, já preparadas. Aproximando-se do homem, disseram:

“Pega o seu pau, conforme o comprimento e a grossura que tu desejas”.

Ouvindo as palavras dos rapazinhos, Buhtari Gõãmũ obedeceu. Os dois derramaram então o remédio em cima do pau de meio metro de comprimento. Aconteceu que, só botando o remédio no pau, este já se encolhia, parando até onde Buhtari Gõãmũ segurava, isto é, até onde ele estava marcando. Por isso, se Buhtari Gõãmũ marcasse um pouco maior, toda a humanidade masculina teria paus grandes. A culpa foi de Buhtari Gõãmũ.

Feito isso, Buhtari Gõãmũ abriu a cerca das cegonhas como agradecimento. Todos os peixes saíram. Pouco mais tarde, as cegonhas cinzentas chegaram para ver a sua cerca mas não acharam mais os peixes. Ficaram danadas vendo o cercado aberto. Perguntaram-se:

“Quem será que chegou aqui? Desde que os nossos antigos avós cercaram o rio aqui, nunca tinha acontecido assim. Talvez tenha chegado gente estranha?”

Dizendo isso, pegaram os seus punhais e iam furando nos paus e na terra, querendo matar Buhtari Gõãmũ. Este voltou para a casa da Amõ. A mulher, vendo que ele não pensava em ir embora, e nem mesmo sabia para onde voltar, mandou um pensamento a Goropona, o Urubu³⁶:

36. Ave falconiforme, *Coragyps atratus*.

“Aqui na minha casa há um homem que eu não conheço, nem sei de onde ele é”.

Recebendo esse pensamento de Amõ, Urubu disse:

“Deve ser o meu neto. Vou buscá-lo, porque eu costumo comer os restos da comida dele”.

Isso, Urubu dizia porque ele costuma comer os peixes podres nos lagos tinguijados, e animais mortos pelos homens. Por isso, ele se compadeceu de Buhtari Gõãmũ.

Urubu chegou na casa da Amõ. Esta o avisou que foi ela que tinha mandado o pensamento para levar o homem que estava na sua casa. Urubu respondeu que tinha recebido o pensamento e por isso é que tinha chegado. Então, Urubu disse a Buhtari Gõãmũ:

“Amarre dois pedaços de pauzinhos, um no meu rabo, o outro nas minhas costas”.

Porque, no rabo, era para ele sentar, e nas costas para ele se segurar. Quando Buhtari Gõãmũ terminou de fazer isso, Urubu mandou-o trepar em cima dele, para viajar. Antes de voar, ele recomendou:

“Segura-te bem fortemente durante a viagem”.

“Pois não”, respondeu Buhtari Gõãmũ.

Dito isso, Urubu levantou vôo. Quando ultrapassou a altura das árvores da terra, ele disse:

“Olha, meu neto, vou lhe mostrar a primeira Maloca de Transformação da humanidade, a Maloca de Leite. Segure-se bem!”

Dito isto, Urubu deu um arrote grande com cheiro da coisa podre que ele comera, e perguntou a Buhtari Gõãmũ:

“Como tu respiras, meu neto?”

“Eu respiro a coisa mais cheirosa deste mundo”, respondeu Buhtari Gõãmũ.

Se ele tivesse respondido “Estou respirando o mau cheiro da coisa podre”, Urubu ia derrubá-lo ali mesmo, para comê-lo quando ele apodrecesse. Mas Buhtari Gõãmũ sabia o que Urubu queria fazer.

Urubu subiu novamente até chegar no Caminho do Vento.

Quando passou nesse caminho, ele fez movimentos violentos, de modo a derrubar **Buhtari Gõãmũ**. Mas este se segurava com toda força, para não cair. Aí, Urubu deu um arrotto outra vez, perguntando para **Buhtari Gõãmũ** o que ele sentia. Mas **Buhtari Gõãmũ** deu a mesma resposta de antes.

Urubu subiu mais ainda no céu. Aí é que viram a Maloca de Transformação da humanidade. Urubu disse então a **Buhtari Gõãmũ**:

“Olha aí, meu neto! Esta é a maloca que eu queria lhe mostrar”.

Buhtari Gõãmũ olhou em direção do sul e viu a maloca, ela brilhava como a fâisca do relâmpago. Por isso, não dava para olhar bem. Na verdade, era uma coisa misteriosa mesmo. Urubu disse, então:

“Eu lhe mostrei o que eu queria lhe mostrar. Vamos descer agora”.

E veio descendo. Fez de novo movimentos violentos, tentando derrubar **Buhtari Gõãmũ**, mas este não caiu. Por fim, Urubu pousou em cima de uma árvore, deixando-o nos galhos. E disse-lhe:

“Olha, meu neto, aqui já é sua terra. Você pode descer sozinho. Já fiz a tarefa mais difícil, a de te trazer até aqui”.

Dito isto, Urubu subiu novamente no céu. **Buhtari Gõãmũ** ficou aí. Pouco tempo depois, uma grande tocandira³⁷ veio subindo na árvore para buscá-lo. Ela viera de baixo da Maloca dos Favos de Mel para buscar **Buhtari Gõãmũ** com a vontade de fazê-lo desaparecer. Chegou perto dele e disse:

“Olha meu neto, eu vim a ti. Vou te deixar em terra. Trepou em cima de mim”.

Buhtari Gõãmũ trepou em cima dela, mas ele já sabia do pensamento da tocandira. Por isso, quando ele viu que ela já estava se aproximando da terra, ele tirou a sua lança que empurrou na terra. A tocandira entrou na terra sozinha e foi descendo, dizendo assim:

37. *Dinoponera grandis* (ou *Paraponera*).

“Você foi muito inteligente. Eu ia fazer você desaparecer”.

E ela desceu dentro da terra com um barulho grande, maior do que o do trovão.

Assim termina a primeira história de *Buhtari Gõãmũ*.

2

Buhtari Gõãmũ vivia sozinho na sua casa. Como ele era jovem, ia todos os dias botar pimenta no nariz para tornar gorduroso e belo o seu rosto. A pouca distância da sua casa, havia um igarapezinho. Aí é que ele costumava pingar pimenta no nariz.

Certo dia, aconteceu-lhe uma coisa estranha: depois de ter pingado pimenta no seu nariz, ele tirou do seu saquinho o espelho para ver se o seu rosto já estava se tornando manteigoso e brilhante. Enquanto ele estava olhando, apareceu no espelho o rosto de uma mulher, atrás dele. Ele virou o olhar para trás, mas não viu ninguém. Perturbou-se muito, vendo que não havia ninguém. Olhou-se novamente no espelho e, pouco depois, apareceu de novo o maravilhoso rosto. Olhou novamente para trás mas não viu ninguém. Ficou se perguntando quem seria essa pessoa.

Depois, ele olhou de novo no espelho, todo pensativo por causa da beleza do rosto da mulher. Pouco tempo depois, o rosto apareceu de novo no espelho. *Buhtari Gõãmũ* ficou olhando-a, através do espelho. Vendo que ela estava sorrindo para ele, ele também sorriu. Virou-se para olhar com um movimento rápido, mas mesmo assim não a viu. E voltou para a sua casa. Já era tarde. Mas ele só ficava pensando naquele bonito rosto no espelho.

No dia seguinte, ele saiu para fazer o seu serviço de pimenta, até que chegou no lugar onde ele costumava ficar, isto é, na beira do igarapezinho. Quando ele acabou de pingar a pimenta, tirou o espelho do seu saquinho e começou a olhar. Poucos momentos depois, o rosto apareceu no espelho. *Buhtari Gõãmũ* sorriu, e ela também, mas eles não podiam se encontrar, estar um na presença do outro.

Aí, *Buhtari Gõãmũ* deixou de olhar no espelho e resolveu fazer de outra maneira para encontrar o rosto maravilhoso. Perto dele, havia uma árvore cheia de cipós. *Buhtari Gõãmũ* pensou em procurar aí mesmo aquele rosto. Transformando-se em carapanã³⁸, ele foi experimentar chupar no cipó, fio por fio. Primeiro, foi chupando os fios de cima, mas não achou ninguém. Entrou então mais para dentro, e foi aí que ele a encontrou: ela era mulher de cipó.

Aqui termina a segunda história de *Buhtari Gõãmũ* como é contada pelos Tukano. Em seguida, começa a história como é contada pelos Desana do grupo *Kēhripõrã*.

Buhtari Gõãmũ estava procurando uma mulher que fosse exemplar e obediente às ordens do seu marido. Por isso, ele enviava os ouvidos por toda parte, para saber por onde havia uma mulher dessas. Na frente da sua moradia, havia uma serra que se chamava *Sigãñũ*, “Serra do Cipó”. Uma tarde, ele ouviu risadas de mulheres nessa serra. Como ele estava procurando mulheres, interessou-se e foi à procura delas. Transformou-se em carapanã e foi até a serra. Quando chegou lá, não viu ninguém, somente uma porção de cipós. Começou então a chupar os cipós de cima e, aí mesmo, ouviu gritos fortíssimos. Esses cipós de cima, que gritavam, eram, de fato, mulheres desobedientes, murmuradoras, resmungonas e desonestas. Por isso, *Buhtari Gõãmũ* não os tirou, e foi chupar os cipós mais de baixo. Aconteceu como no primeiro caso. Ele entrou então mais, e experimentou chupar. Os gritos diminuíram. Eram as mulheres do meio. Mas nem estas ele tirou.

Ele entrou mais ainda, até no meio, e experimentou picar. Esta não gritou. Só se moveu um pouquinho, mas não gritou. Este era o tipo de mulher que ele queria, por isso a que ele tirou. Ele cortou um cipó, de tamanho menor do que ele. O cipó chegava até a sua orelha. Ele o cortou em cima e em baixo e o levou de volta para a sua casa.

38. Ou mosquito, Culicídeo.

No dia seguinte, ele foi procurar um outro tipo de cipó, chamado *Sumusigãme*, isto é, “cipó de espuma”, e o deixou junto com o cipó que tirara na Serra do Cipó. Na madrugada seguinte, ele tirou os dois cipós e os levou até o porto. Aí, os raspou, esfregando bem a raspagem. Coou na cuia. Depois tomou e vomitou no rio. Depois do vômito, apareceu uma menina atrás dele. Ele puxou com a mão a bela menina e a levou até a sua casa. Esta menina era uma daquelas que riram na Serra do Cipó.

Buhtari Gõãmũ criou a menina, esperando que ela crescesse até a altura de moça, até o dia de ela ter pela primeira vez a sua menstruação. Ele mesmo fez as cerimônias sobre este acontecimento. Só depois disso é que ele praticou sexo com ela.

Esta mulher era muito trabalhadora, bondosa e exemplar. Infelizmente, chegou um dia em que ela iria desaparecer. Um dia, enquanto ela estava “passando a lua”, isto é, estava menstruada, ela ficou em casa, sem sair longe, sem ir na roça, como se costuma fazer nos dias em que saía o sangue menstrual. Esta era a lei das mulheres, que não podiam ir na mata nem na roça, nem comiam carne ou peixes grandes como piraíba, surubim e outros peixes maiores. Ficavam em casa, tecendo alguns enfeites de tucum, como ligas, joelheiras. Comiam só farinha de tapioca e tomavam manicuera. Pintavam-se no rosto com tinta cerimoniaada. Não comiam coisas doces e nem frutas, como banana, abacaxi, cucura, ingá. Todas as frutas que têm *tapurus* (vermes) não eram consumidas porque, quando as mulheres as comiam nesses dias, logo apodreciam-lhes os dentes: o *tapuru* da fruta passava nos dentes delas. Por isso, elas deviam respeitar um jejum rigoroso. Fazendo isso, isto é, obedecendo a essas leis, é que os nossos Antigos não tinham nenhum dente podre. Aqueles que não cumpriam essas leis, tinham dentes podres. Esses que obedeciam as leis, envelheciam sem ter nenhum dente podre e morriam com todos os seus dentes. Essas regras eram obedecidas pelas mulheres nos dias em que elas passavam a lua e, também, nos dias depois do parto. Os dias depois do parto eram mais rigorosos. E também o homem,

isto é, o marido, não podia comer frutas que têm *tapurus*. Até hoje é praticada esta lei.

Por isso é que a esposa de *Buhtari Gõãmũ* ficou em casa jejuando. Quem lhe trazia comida era o seu marido. Assim, essa bela mulher ficou tecendo um enfeite de tucum enquanto *Buhtari Gõãmũ* foi procurar filhotes de cupim. Ela tinha a seu lado uma cuia de farinha de tapioca. De vez em quando, ela comia a tapioca e ficava tecendo.

Enquanto ela estava fazendo este serviço, apareceu na sua frente um passarinho procurando comida. Chegou na frente da porta da casa de *Buhtari Gõãmũ*. Vinha correndo para cá e para lá. Vendo a esperteza do passarinho, a mulher tirou uma bolinha de tapioca que ela jogou na sua frente: O passarinho veio correndo, pegou a bolinha e a engoliu logo. A mulher jogou mais uma bolinha de tapioca e ele fez a mesma coisa. Vendo isto, ela começou a rir e jogou uma bolinha para mais longe. O passarinho foi correndo atrás da bolinha até pegá-la.

Depois disso, a mulher de *Buhtari Gõãmũ* não reparou mais no passarinho e ficou trabalhando. Esse passarinho era da casa de *Uwawá*, Urubu-rei³⁹. Por isso, o passarinho levou a bolinha de tapioca até a sua casa e a entregou ao seu chefe, *Uwawá*. A casa do *Uwawá* fica no céu, lá em cima. Chegando, o passarinho contou-lhe sobre a generosidade da mulher. A mulher do *Uwawá* era muito preguiçosa e avarenta em dar comida aos seus criados. Por isso, os empregados de *Uwawá* não gostavam dela. *Uwawá* também sentia o desejo de abandonar a sua mulher e se perguntava onde encontraria uma mulher bondosa, generosa e trabalhadeira. Ele estava com esses sentimentos quando o passarinho encontrou a mulher generosa. Por isso, o passarinho lhe disse:

“Eu fui até a casa de *Buhtari Gõãmũ* e encontrei a mulher dele. Ela está sentada aí, na frente da porta, dentro da casa, tecendo enfeites. Foi ela que me deu esta cuia de tapioca. Ela é muito generosa e trabalhadeira. Seria bom que ela fosse a tua esposa porque tua

39. *Gypagus papa*.

mulher é muito preguiçosa. Como és o chefe de muitos, tu tens o direito de ter uma mulher dessas, a mulher de **Buhtari Gõãmũ**. Por isso, roube-a agora mesmo, porque o seu marido foi na mata. Ela está sozinha, é bom tirá-la agora mesmo! Porque ela está lá com um preguiçoso, sem criados. Está num lugar muito triste”.

Ouvindo essa mensagem do passarinho, **Uwawá** sentiu a vontade de roubar a mulher de **Buhtari Gõãmũ**. Tirou então o magnífico enfeite da ponta da sua lança cerimonial e o fez cair bem na frente da porta da casa da mulher. Quando a mulher viu o bonito enfeite, ela foi logo pegá-lo. Mal tinha tocado nele com a mão, o enfeite a embrulhou toda. Assim, **Uwawá** a puxou até a casa dele.

Buhtari Gõãmũ voltou do mato depois que ela foi roubada. Quando chegou, não encontrou mais a sua mulher e mandou os ouvidos por toda parte procurando por onde ela estaria. Mas não a encontrou. Todos diziam que não a tinham visto. Assim, ela desapareceu.

Passaram-se meses, mas **Buhtari Gõãmũ** não conseguia esquecer a sua bela mulher. Ele estava sozinho, na sua casa, até que chegou o começo da enchente. Ao lado da casa, havia um grande formigueiro que costumava sair nesta época. Durante esse período, **Buhtari Gõãmũ** sempre apanhava os filhotes das formigas com a sua mulher, quando ela estava ainda com ele. Vendo a enchente, ele foi olhar o formigueiro e viu que as formigas estavam para sair. Cortou então paus, fabricou com eles um bonito jirau e voltou para a sua casa. Às duas horas, ele saiu para apanhar as formigas. Muitíssimas estavam saindo do formigueiro e voando. Ele ficou apanhando as formigas que o tocavam. Aí chegaram, voando baixinho para pegar também formigas, os gaviões de rabo comprido, que se chamam Tesoura Grande⁴⁰. A um certo ponto, **Buhtari Gõãmũ** ficou aborrecido, pensando:

“Se eu estivesse com a minha esposa eu não deixaria estas formigas para vocês. Vocês as estão comendo porque a minha esposa desapareceu”.

40. Pássaros da família Tiranídeos, *Muscivora tyrannus*.

Pensando nisso, ele ficou ainda mais aborrecido. Pegou então um pedaço de pau e o jogou contra um gavião que voava baixinho. Ele o acertou bem nas asas. O gavião caiu no chão, meio morto. **Buhtari Gõãmũ** pensou então consigo mesmo:

“Bem feito para você! Por que você veio comer as minhas formigas que eu não deixaria se estivesse com a minha mulher?”

O gavião estava se mexendo no chão, não conseguindo mais voar. **Buhtari Gõãmũ** não reparou mais nele. Esqueceu-o. Pouco tempo depois, chegou um rapaz que perguntou o que ele estava fazendo. **Buhtari Gõãmũ** respondeu que estava apanhando formigas. O rapaz perguntou-lhe quantas é que tinha apanhado. **Buhtari Gõãmũ** respondeu que estava apanhando pouco: o resto voava para cima. Ouvindo isto, o rapaz aproximou-se para ver o formigueiro. Depois de muitas conversas, ele perguntou:

“Por que você fez isto para mim? Você quebrou o meu braço”.

Ouvindo essa pergunta, **Buhtari Gõãmũ** ficou assustado. Pediu então desculpa ao rapaz pelo que lhe tinha feito e contou que tinha jogado o pedaço de pau contra ele depois de muitos pensamentos. Falou que pensava na perda da sua mulher, o que o fez aborrecer-se ainda mais. O jovem respondeu que a mulher dele estava na casa de **Uwawá** e que eles vinham apanhar as formigas para um **dabucuri** que teria lugar na casa de **Uwawá**. Era para ir tomar caxiri que eles tinham vindo apanhar as formigas.

O jovem acrescentou:

“Se tu quiseres ir conosco, nós te levaremos hoje mesmo, porque hoje há caxiri na casa de **Uwawá**”.

Depois de pensar um instante, **Buhtari Gõãmũ** disse que queria ir. Enquanto os dois estavam conversando, os outros gaviões desapareceram e vieram transformados com corpos humanos para conversar com **Buhtari Gõãmũ**. Aquele que estava falando com **Buhtari Gõãmũ** contou-lhes que ele queria ir com eles, que a atual mulher de **Uwawá** era a mulher dele que Urubu-rei lhe havia roubado. Ouvindo isto, todos disseram que era bom ele vir com eles.

Tomaram as suas flautas, isto é, os caniços, e as colocaram nos braços de **Buhtari Gõãmũ**. Depois, cada um deles tirou umas penas suas que enfiaram no oco do caniço, untando-o com ipadu. Mandaram-no então se mexer, isto é, mandaram-no experimentar voar. Quando ele experimentou voar, todas as penas caíram. Vendo isto, os gaviões renovaram o serviço e depois mandaram-no de novo se movimentar. Desta vez, as penas não caíram mais. Quando **Buhtari Gõãmũ** ficou pronto, eles começaram a subir, deixando-o bem em cima deles. Deram-lhe a ordem de se movimentar pouco, para não caírem as penas. Fizeram assim até chegar na casa deles.

Depois de entrar em casa, tiraram as suas vestes, deixando-as no lugar próprio: tiraram a sua camisa de voar, ficando com corpo humano. Depois disto, começaram a se enfeitar. Primeiro, eles tiraram o leite da árvore chamada sorveira, que colocaram nos seus rostos. Quando o leite estava seco, tiraram-no dos seus rostos, formaram bolinhas e jogaram-nas no corpo de **Buhtari Gõãmũ**. Aí mesmo, as bolinhas de leite de sorva se tornaram feridas. Ele ficou com o corpo coberto de feridas. Os gaviões fizeram isto para escondê-lo, para disfarçar a aparência dele. Depois, com palha, teceram um enfeite simples que deixaram na sua cabeça. Tiraram em seguida um pauzinho e, entregando-lhe, disseram:

“Quando nós chegarmos na casa de **Uwawá** diremos assim de ti: “Este é o nosso escravo que trouxemos para guardar os nossos cigarros de tabaco e os nossos ipadus””.

“Muito bem”, respondeu **Buhtari Gõãmũ**.

Dito isso, eles partiram. Carregaram os seus cestos cheios de formigas e foram andando até a casa de **Uwawá**. Quando chegaram, **Uwawá** estava sentado bem no centro da casa, coberto com todos os seus enfeites. A casa estava cheia de gente. **Buhtari Gõãmũ**, vestido de escravo, entrou também na casa e, quando se sentou, logo procurou com o olhar a sua mulher. E ele a viu. Era ela mesmo. Mas ele nada podia fazer porque ela estava no meio de muita gente. Também ele estava muito feio, com o corpo cheio de feridas.

Uwawá veio cumprimentá-los. Eles disseram logo que o homem cheio de feridas era o seu escravo que trouxeram para guardar os cigarros de tabaco e os ipadus. Ouvindo isso, Uwawá o saudou como a um escravo. Os outros da casa também fizeram a mesma saudação. Depois, vieram para saudar as mulheres. Primeiro chegou, como cabeça delas, a mulher de Uwawá. Ela era mesmo a chefe das mulheres. Também elas fizeram a mesma saudação. Mas Buhtari Gõãmũ não respondia claramente, porque sabia que ele não era um verdadeiro escravo.

Ao terminar essas saudações, Uwawá mandou oferecer-lhes bebida e ordenou à sua mulher:

“Mulher, venha oferecer bebida para essa gente! Tire o caxiri do camuti e, para aquele escravo, ofereça com a cuia feia o resto daquela bebida feia. Não a tire do camuti”.

A mulher fez conforme a ordem do marido, mas Buhtari Gõãmũ não tomou, nem engoliu, um pingo da bebida oferecida.

Até que chegou a tarde. Buhtari Gõãmũ mandou então um pensamento para a sua ex-mulher para ela dizer a Uwawá:

“Meu marido, já está ficando tarde! Pense em carregar lenhas, nós não temos para esta noite”.

Foi isso que a mulher disse ao seu marido. Neste mesmo momento, Buhtari Gõãmũ mandou outro pensamento a Uwawá:

“Eu não posso ir. Leve aquele escravo para rachar lenhas”.

Pegando este pensamento, ele respondeu essa mesma frase. Ouvindo a resposta do marido, a mulher chamou o fingido escravo para rachar lenhas, entregando-lhe o machado. O falso escravo recebeu o machado e foi adiante dela, até a roça. E foi rachando lenhas. O primeiro pau, ele rachou uma vez, o segundo duas, o terceiro pau três e o quarto pau quatro vezes. E, no último, rachou bastantes lenhas. Atrás dele, vinha a mulher de Uwawá, com o aturá, recolhendo as lenhas rachadas.

Quando acabou de rachar, Buhtari Gõãmũ foi atrás de um tronco, esperando-a. Tirou a veste de escravo, cheia de feridas, e a escondeu. E ficou esperando até que ela chegou no último monte

de lenhas. Quando ela acabou de recolher esse monte, ele assobiou, espiando um pouco, atrás do tronco. Ouvindo o assobio, ela procurou quem estava fazendo isso. Até que ela o encontrou: era *Buhtari Gõãmã*, o seu marido mesmo, isto é, o seu primeiro marido. Vendo-o, ela disse:

“É você, não é?”

“Por que você fez isso comigo? O que é que aconteceu com você?”, ele perguntou.

Aí ela falou do enfeite que caiu e como ela acabou por se encontrar na casa de *Uwawá*. E ficaram conversando.

Antes de voltar para a casa de *Uwawá*, o dois se amaram. Era a primeira vez que os dois se encontravam de novo. Depois, ele se vestiu de novo de escravo e, cheio de feridas, pegou o seu machado e foi voltando, com o seu andar de escravo, até chegar na casa de *Uwawá*. Deixou o machado perto da parede, entrou e foi sentar-se no seu lugar. Depois, chegou a mulher. Vendo-a voltar, *Uwawá* disse para ela:

“Venha distribuir as bebidas”.

Ouvindo isso, ela foi distribuindo as bebidas. Ofereceu também ao escravo bebida boa com a cuia limpa. Vendo isso, *Uwawá* reclamou:

“Eu não lhe disse para oferecer ao escravo o resto da bebida com a cuia suja?”

Mas a mulher não obedeceu porque tinha visto que aquele não era um escravo verdadeiro, mas sim o seu primeiro marido. Pouco tempo depois, chegou uma mosca trazendo vários embrulhos de peixinhos moqueados que ofereceu a *Uwawá*.

A mosca disse:

“Estão subindo muitíssimos peixinhos na Cachoeira do Veado. Por isso, eu vim convidá-lo, nosso chefe, para comer estes peixinhos”.

É que aqui, na terra, estava apodrecendo um veado, por isso é que a mosca falou assim. Os peixinhos de que ela falava são os tapurus: estavam no veado podre. Quando apodrecia uma anta

aqui na terra, a mosca falava de “Cachoeira da Anta”. Quando apodrecia uma paca, a mosca falava de “Cachoeira da Paca”, e assim por diante. Falando de qualquer animal, ela a chamava Cachoeira de tal animal.

Ouvindo isso, *Uwawá* disse aos seus empregados e também à sua mulher:

“Esta mosca veio nos convidar para comer peixinhos na Cachoeira do Veado. Por isso iremos amanhã. Devemos preparar beiju e farinha, bem cedo, para sair logo.”

E disse logo a *Goroponañĩĩgũ*, o Urubu Preto:

“Venha cá, você, Cabeça de Urubu. Vá logo para a Cachoeira do Veado, preparar os paris (cercados) para pegar os peixinhos. Eu irei para lá amanhã, junto com os outros”.

Urubu Preto saiu logo. Por isso é que ele sempre chega primeiro para comer um animal podre, porque *Uwawá* o mandou na frente.

No dia seguinte, *Uwawá* saiu junto com os outros. Deixou o encargo de cuidar da sua casa ao escravo fingido. A última a sair da casa foi a mulher dele. *Buhtari Gõãmũ* pegou então o enfeite de penas que se enrolava na flauta de osso de veado, tirou o *ipadu* da sua boca e, com ele, untou o enfeite para grudar. Depois, tirou um espinho que ele colocou no enfeite, misturado com o *ipadu*. Aí mesmo, o enfeite se transformou numa grande caba (marimbondo) que nós chamamos *Yeuhitimũ*, isto é, “Caba de Onça”⁴¹. *Buhtari Gõãmũ* mandou então esta caba atrás da mulher. A caba foi voando e picou bem no joelho dela. A mulher caiu no chão, meio morta. Aí mesmo, *Buhtari Gõãmũ* mandou uma sugestão a *Uwawá*, fazendo-lhe dizer:

“Agora você não pode mais andar. Fica aqui na casa, junto com o nosso escravo, cuidando da casa”.

A mulher ficou com o seu primeiro marido. *Buhtari Gõãmũ* fez cerimônias sobre a picada da caba. Depois da cerimônia, a mulher ficou forte de novo.

41. Ou vespa.

No dia seguinte, **Buhtari Gõãmũ** disse para a sua mulher:

“Vamos voltar para a nossa casa”.

“Você quer me levar?”, perguntou a mulher. Pois aqui é difícil de fugir, porque todas as coisas que estão nesta casa falam. Se você quer me levar mesmo, primeiro jogue fora tudo o que está nesta casa. Somente depois poderemos sair”.

Ouvindo as palavras da sua mulher, **Buhtari Gõãmũ** começou o trabalho. Jogou fora tudo o que ele via na casa. Sobrou um pedaço de remo quebrado que estava bem escondido debaixo da palha e que ele não tinha enxergado. Quando terminou o serviço, ele disse à mulher:

“Já terminei de jogar tudo fora. Não há mais nada. Vamos agora”.

Começaram a sair da casa. Enquanto eles estavam passando pela porta, o objeto que ficara na palha voou em cima deles, dizendo:

“**Buhtari Gõãmũ** está levando a mulher que **Uwawá** havia roubado dele. Por isso eu já vou avisá-lo”.

O objeto ia gritando isso. Ouvindo-o, a mulher disse, então:

“Bem que eu disse para você que falavam. Agora a coisa é muito ruim para nós. **Uwawá** já vai saber”.

“Bem, vamos assim mesmo”, falou **Buhtari Gõãmũ**.

Na verdade, o objeto já chegara perto de **Uwawá**, contando o que tinha visto. Escutando a notícia da fuga dos dois, **Uwawá** irritou-se e disse ao seu grupo:

“Vamos esperá-los no meio do caminho”.

“Muito bem, vamos”, responderam eles. E foram esperá-los no meio do caminho. Vestiram-se de iraras, que são algo parecidas ao macaco e gostam de chupar cana-de-açúcar e abacaxi nas roças. Vestidos de iraras, ficaram esperando **Buhtari Gõãmũ** e sua mulher. Numa árvore, eles abriram um oco de mel e ficaram tirando mel à espera de **Buhtari Gõãmũ** e da sua mulher. Fizeram um jirau e uma escada para subir até o oco de mel. Eram bastantes iraras. Abriram o oco de mel e ficaram tomando o mel dentro do oco mesmo.

Pouco depois, chegou Buhtari Gõãmã com a mulher. Vendo a macacada toda, Buhtari Gõãmã perguntou:

“O que é que estão fazendo aí?”

“Estamos tomando mel”, responderam.

A mulher perguntou a Buhtari Gõãmã o que era.

Ele respondeu:

“Estão dizendo que estão tomando mel”.

“Peça um pouco para mim, disse a mulher, eu também quero provar”. Mas ele respondeu baixinho:

“Deixe, vamos embora”. Mas a mulher não escutou. Insistiu. Então, ele pediu aos iraras:

“Mande um pouquinho para a mulher, ela também quer provar”.

Então, os iraras jogaram um favo de mel na sua direção.

O favo caiu e se espalhou em cima do podredume. A mulher foi lamber o mel no chão. Sentiu esse gosto de doce e mandou Buhtari Gõãmã pedir mais. Ele disse ainda mais baixinho: “Vamos embora”. Mas a mulher não escutou. Ela mesmo pediu mel aos iraras que lhe jogaram mais um favo de mel. Mas aconteceu como pela primeira vez, isto é, o mel se espalhou no chão. A mulher pediu mais. Eles responderam:

“Jogar para você não adianta, o mel sempre cai e se espalha no chão. Venha até aqui para lamber o mel. Suba pela escada, que tem bastante para tomar”.

“É verdade o que vocês estão dizendo?”, perguntou a mulher.

“É verdade o que estamos dizendo. Venha tomar!”, responderam os iraras.

Dizendo isso, um irara entrou com a cabeça no oco e tomou mel. Depois, levantou a cabeça e disse para a mulher:

“Olha aqui como eu esfou fazendo. Venha tomar depressa, como eu fiz, aqui tem mel até de sobra”.

Então, a mulher subiu pela escada até o jirau. No jirau, havia uma porção de iraras. Eles mostraram à mulher o oco de mel e também como tirá-lo. A mulher ajoelhou-se sobre o jirau para

lambê-lo. Os iraras estavam achando graça quando ela inclinava a cabeça para tomar o mel no oco da árvore. Metiam as suas mãos no traseiro e no xiri dela. A mulher batia nas mãos deles com a sua mão. Mas eles não cessavam. Cada vez eram mais mãos para meter no xiri dela. E a mulher disse, batendo nas mãos deles:

“Não façam isso comigo. Me deixem, por favor, que ainda vou tomar mel”.

Mas eles não escutaram. Havia cada vez mais mãos para tocar nela e, no final, eles a empurraram para dentro do oco do mel. Aí, ela entrou fazendo um barulho grande. No meio deste barulho, um irara se transformou em *Uwawá*, isto é, no Urubu Branco ou Urubu-rei. Todos os seus companheiros também deixaram de ser iraras e voaram para cima, levantando-se do jirau. *Uwawá* disse para a mulher que entrou no oco do mel:

“Bem feito para você! Assim você acaba de uma vez. Não serás nem mulher do outro e nem minha mulher. Assim estaremos em paz”.

Dizendo isso, ele se levantou do jirau e voou até a sua casa, no céu.

Buhtari Gõãmũ ficou olhando tudo o que aconteceu, e escutou também as xingações que *Uwawá* havia dito à sua mulher. Ele queria tirar ela do oco de mel mas não havia jeito: ela já estava morta. Vendo isto, ele a deixou aí mesmo e continuou a viagem até a sua casa. Voltou chorando a perda da mulher que ele encontrara depois de tanto sofrimento.

Depois de muito chorar, *Buhtari Gõãmũ* ficou ainda mais irritado contra *Uwawá* e disse:

“Este *Uwawá* está judiando de mim demasiado. Primeiro, ele roubou a minha mulher e agora a matou. Ele pensa que é invencível. Ele pensa que come coisas que a gente não vê. Eu também sou outro. Ele também deve morrer como morreu a minha mulher. Somente depois disso é que eu ficarei satisfeito. Ele também morrerá na hora em que vai comer”.

Dizendo assim, irritou-se ainda mais. Pensou então como ele ia enganar *Uwawá*. Quem o fez irritar-se ainda mais, foi o seu

primo, o Inambu⁴². Este lhe disse irritado:

“Muito bem, meu primo. Nós também o mataremos, porque nós somos outros. Ele quis judiar de nós! Ele deverá pagar esta injustiça”.

Buhtari Gõãmũ disse ao seu primo Inambu:

“Bem, já que você vai me ajudar a matá-lo, eu vou lhe explicar como nós vamos fazer. Nós vamos nos deixar apodrecer porque ele somente come coisas podres. Vou me transformar num veado para apodrecer. Vamos nos deixar apodrecer, viu? Eu vou viver bem na pontinha do nariz do veado. Você também faça a mesma coisa. O resto do nosso corpo, nós vamos deixá-lo apodrecer, como se fôssemos verdadeiros animais podres”.

Depois de explicar ao seu primo como eles iam proceder, **Buhtari Gõãmũ** foi tirar folhas de maniva e deixou-as em montes. Um monte era para ele, o outro para o seu primo Inambu. Aí, os dois esperaram que as folhas de maniva apodrecessem. Quando as folhas estavam bem podres, eles se deitaram em cima dos montes de folhas de maniva. Ao se deitar, **Buhtari Gõãmũ** explicou mais uma vez como fazer para o seu primo Inambu. **Buhtari Gõãmũ** se tornou um grande veado e, deitado em cima do seu monte de folhas de maniva, ele começou a apodrecer. Vivia no tracinho que está no meio das bocas do nariz. O resto do seu corpo ficou todo podre. Não ficou nada vivo.

A mosca chegou logo para pôr os seus ovinhos em cima do veado podre. Depois, levou a notícia a **Uwawá**, dizendo que na Cachoeira do Veado estavam subindo muitos peixinhos. Todas as aves do mundo foram logo ver o veado podre, para ver se era um animal podre mesmo, porque eles sabiam o que tinha acontecido. Por isso, eles se reuniram. Quem examinou o veado foi a mosca. Entrou no corpo do veado para procurar a parte viva. Saiu dizendo que não havia nada de vivo nele. As aves também observaram o veado. O jacu e o cujubim olharam e disseram:

42. *Crypturellus* sp.

“Eu estou vendo que ele está vivo”.

Aí, veio também o japu, que disse:

“Eu também digo que o veado está vivo, ele está vendo”.

Então a mosca entrou no corpo do veado podre uma segunda vez: penetrou pela boca e saiu no traseiro. E disse:

“Eu virei toda a barriga, não achei nada”.

“Ele está vendo”, retrucaram as aves.

A mosca entrou outra vez. Entrou pela orelha, foi até o cérebro e saiu pelo nariz. Quando chegou na boca do nariz, ela experimentou voar para ver se o veado respirava. Mas ele não respirou e nem se mexeu. A mosca disse então:

“Olha aqui, eu revirei todo o corpo do bicho. Não achei nenhuma parte dele viva. O animal está mesmo podre!”

“Olha, nós estamos dizendo que o veado está vivo”, disseram de novo os outros.

Mas a mosca, que havia revirado todo o corpo do veado, não os escutou.

Uwawá estava guiando e olhando a examinação do corpo do veado. Vendo que a mosca não encontrava mesmo nenhuma parte dele viva, ele veio descendo para comer o veado.

Veio com o bastão *yegu* na mão para furar o peito do veado, porque também ele pensava:

“Se ele está vivo, somente pode viver aí”.

Por isso, ele veio descendo com o bastão na mão. Pousou em cima do veado, furando-o no peito com o bastão.

Aí mesmo, o veado podre agarrou Uwawá pelo pescoço, com todos os seus enfeites. Todas as aves que estavam olhando voaram, gritando. O jacu, o kujubim e o japu se foram, dizendo:

“Bem que nós dizíamos que o veado estava vivo. Agora não há mais remédio. Uwawá está nas mãos de *Buhtari Gõãmũ*”.

Buhtari Gõãmũ disse a Uwawá:

“Agora sim, que eu te tenho nas minhas mãos. Espero que você me mate, porque você já matou minha mulher”.

Aí, os dois começaram a brigar. Depois de muita briga,

Uwawá levou Buhtari Gõãmũ até a Maloca de Cima. Quando chegou lá, Uwawá tirou uma fruta de sorva, cuja árvore estava ao lado. Foi essa fruta que ele tirou e deu para Buhtari Gõãmũ. Mas este não a quis pegar. Uwawá insistiu para que ele a pegasse, aí Buhtari Gõãmũ respondeu:

“Não quero pegar a sua oferta porque você me tratou muito mal. Nunca seremos amigos. Acabaremos com a morte”.

Aí mesmo, os dois se agarraram outra vez. Se Buhtari Gõãmũ tivesse pego aquela fruta que Uwawá lhe oferecia, ele teria ficado manso, se tornaria amigo de Uwawá e o soltaria. Vendo que Buhtari Gõãmũ não queria mesmo pegar a fruta, Uwawá continuou a briga até o fim.

Buhtari Gõãmũ trouxe Uwawá de novo para a terra. Desceram brigando, até chegar em Urubuquara. Aí, brigaram muitíssimo mesmo, até que Uwawá não aguentou mais. Foi aí, em Urubuquara, que Buhtari Gõãmũ matou Uwawá. Hoje em dia, veem-se os sinais da briga de Buhtari Gõãmũ com Uwawá. Esses sinais estão em Urubuquara, no Rio Caiari ou Uaupés.

Aqui termina a segunda história de Buhtari Gõãmũ como é contada pelos Desana, com Uwawá, o Urubu-rei.

3

Buhtari Gõãmũ encontrou-se com a filha de Diápĩrõ, a Cobra do Rio, e viveu uns tempos com ela. Enquanto o primo dela estava pequeno, ela ficou com Buhtari Gõãmũ. Depois, o seu primo legítimo cresceu e a mulher, vendo que ele já era um rapaz, não gostou mais de Buhtari Gõãmũ.

O primo também a amava muito. Ele era filho de Bohsepũrĩpĩrõ, a Cobra da Folha de Ipadu. Os dois costumavam se encontrar no porto e sempre na mesma hora, ao meio dia, porque a mulher, quando voltava da roça, ia buscar água no porto. Nesta hora é que ele se encontrava com ela. Por isso, quando ela voltava da roça, a primeira coisa que fazia era buscar água. Quando descia

no porto, ela mexia a cuia dentro do camuti. Ela fazia assim para que o seu primo escutasse que ela estava indo para o porto. Fazia isso para chamar o rapaz. Ouvindo o barulho da cuia dentro do camuti, ele vinha logo: ele sempre chegava pelo rio. Subindo, ele fazia aparecer um risquinho na superfície d'água. Chegando no porto, ele assumia forma humana, tirava o seu pari e o deixava estendido no chão. Aí, em cima desse pari, os dois faziam sexo. Isto, ele fazia todos os dias com ela.

A mulher não gostava mais de **Buhtari Gõãmũ**, não lhe falava mais, não lhe servia mais comida. Isto é, ela não queria mais vê-lo. Mas **Buhtari Gõãmũ** já sabia por que ela fazia isto. Mesmo assim, ele mandou que ela preparasse um beiju fresco para ele comer. Mesmo não gostando mais dele, a mulher preparou o beiju e lhe deu. **Buhtari Gõãmũ** pegou o beiju e agradeceu, mas a mulher não respondeu nada. Ele tirou então pedacinhos desse beiju e os colocou sobre o seu corpo. Os pedacinhos tornaram-se feridas bem feias. Ele fez isso para desagradar ainda mais à sua mulher. Porque ela sempre dizia que ele era feio. Para se tornar ainda mais feio é que ele fez isso.

Depois de pouco tempo, ele pensou em matar o amigo da sua mulher. Aí, ele fabricou uma zarabatana. Depois, preparou curare. Quando terminou tudo, ele foi esperá-los numa árvore que estava ao lado do porto. Nessa árvore havia umas frutinhas que os passarinhos costumam comer. Por isso, ele fingiu estar matando os pássaros.

Quando voltou da roça, a mulher foi logo para o porto, mexendo a cuia dentro do camuti. Chegou até a beira do rio. Logo veio **Bohsepũrĩpĩrõ**. Como de costume, ele tirou o seu pari, o estendeu no chão, agarrou a mulher, a deitou sobre o pari e praticou sexo com ela. **Buhtari Gõãmũ** estava na árvore em cima deles, olhando tudo. Pegou devagarzinho a sua zarabatana e soprou uma seta no rapaz. Este, sentindo que algo tinha entrado nele, mexeu com a mão e a pequena flechinha enrolada com samaumá quebrou. O pedacinho envenenado ficou no seu corpo. A mulher perguntou:

“O que foi?”

“Uma mutuca está me picando”, ele respondeu.

Buhtari Gõãmũ, vendo que ele não sabia do que se tratava, soprou mais uma flechinha contra ele. O rapaz fez a mesma coisa. Depois de poucos minutos ele morreu em cima da mulher. A mulher perguntou, sacudiu-o, tentou mexê-lo, mas ele não respondeu e tampouco se mexeu. Vendo-o morto, ela se levantou e deixou o cadáver estendido em cima do pari. Revirou então todo o corpo dele, procurando saber o que tinha acontecido, mas ela não enxergou os pedacinhos de flechas envenenadas. Vendo que ele estava morto mesmo, ela tirou o seu brinco e o escondeu debaixo do adorno do seu joelho. Tirou água e voltou para a casa sem dizer nada. O cadáver ficou aí mesmo.

Depois de ela ter ido embora, Buhtari Gõãmũ desceu da árvore para ver o morto. Vendo-o morto mesmo, cortou o seu pau e o embrulhou dentro de uma folha. Depois, ele pescou três peixinhos que embrulhou com outras folhas. Dos dois embrulhos ele fez um pacote só e voltou para a casa, com o embrulho na mão.

Quando chegou, a sua mulher estava preparando beiju. Por isso, o forno estava cheio de brasas. Buhtari Gõãmũ foi à boca do forno, espalhou as brasas e enterrou no meio o embrulho. E ficou esperando, até o embrulho ficar bem assado. Nesse mesmo momento, a mulher tirou o beiju do forno. Buhtari Gõãmũ também tirou o seu embrulhinho de peixinhos assados para comer. Pegou um pedaço de beiju, abriu o embrulho de peixinhos assados e começou a comer. A mulher perguntou o que ele estava comendo. Ele respondeu que eram peixinhos. Ela disse então:

“Por favor, me dê um pouquinho”.

Buhtari Gõãmũ abriu o embrulho contendo o pau do rapaz e lhe deu. A mulher o pegou e comeu. Ela não sabia que aquilo era o pau do seu primo. Quando ela acabou de comer, Buhtari Gõãmũ se levantou, caminhou em direção da sua rede e disse:

“Aqueles que gostam muito do amor, quando morrem, comem até o pau, não é?”

Dizendo isso, ele se aproximou da sua rede e se deitou. Ouvindo-o, a mulher pensou:

“Será que ele fez isso para mim?”

Logo pegou a cuia e foi até o porto. Tirou água com a cuia, bebeu e, depois, vomitou no rio. O vômito caiu no rio. Aí é que saiu o pau do rapaz que ela tinha comido. Quando caiu na água, o pau transformou-se no peixe chamado *abeyeru*, isto é, pau da lua⁴³. Este peixe, os Antigos não o comiam.

Feito isto, a mulher voltou para a casa. Ela queria se unir outra vez com *Buhtari Gõãmũ*, mas ele não a queria mais. Por isso, ele respondia sem gosto quando ela perguntava alguma coisa. Ela queria ficar com ele porque o seu primo havia morrido.

Depois disso, *Buhtari Gõãmũ* foi roçar. Quando terminou de roçar, ele foi derrubar. Antes de começar a derrubada, ele convidou os passarinhos mais bonitos do mundo a vir ajudá-lo a derrubar a roça. Para fazer esse trabalho, todos eles assumiram forma humana. Quando *Buhtari Gõãmũ* regressava para a sua casa, eles voltavam a ser passarinhos, e isso eles faziam todos os dias.

No último dia da derrubada, *Buhtari Gõãmũ* pensou em tomar o brinco que a sua mulher tirara do rapaz, que era o filho da Cobra da Folha de Ipadu. Mas era difícil tirar esse brinco dela porque ela o havia escondido debaixo da sua joelheira. Por isso, ele pensou em se transformar na avó dela. Com efeito, a mulher de *Buhtari Gõãmũ* tinha uma avó muito velha que ficava sempre na rede. Ele resolveu tomar a forma dessa velhinha.

A mulher foi para a roça, como de costume. Ele também estava derrubando a roça, junto com os outros. Depois, ele foi atrás dela. Antes de apresentar-se à mulher, ele se transformou na avozinha dela: o bastão era da avó mesmo, o cabelo feio e branco, o andar, a língua e a voz eram dela mesmo. O cestinho também. Ele era uma avó perfeita. A velhinha chegou até onde a mulher estava

43. Trata-se do peixe jêju, da família dos Caracídeos, *Hoplerythrinus uni-taeniatus* Spix.

cavando leiras para plantar a mandioca. Aí, a velhinha fingida perguntou para a sua neta:

“Minha neta, você está trabalhando duro, não é?”

“Estou sim”, respondeu a neta.

A velha continuou:

“O serviço é assim mesmo, minha neta. Eu também, quando ainda tinha força, trabalhava como você. Agora não posso mesmo, porque sou velha demais”.

“Vovó, você quis mesmo vir hoje?”, perguntou a mulher.

“Sim, senhora minha neta”, respondeu a velha. “Eu vim aqui para recolher ciscos de lenha e apanhar um pouco de sol, porque o dia inteiro eu fiquei dormindo na minha rede. Por isso hoje eu resolvi dar uma voltinha aqui na roça e buscar cisquinhos de lenha”.

A neta continuou o seu trabalho. A velhinha, por sua parte, ficou procurando os pauzinhos que deixava no seu cesto. Depois de um certo momento, ela disse:

“Minha neta, venha tirar o bicho-de-pé que está no meu pé”.

A mulher deixou o seu instrumento de cavar e veio tirar-lhe o bicho-de-pé. Tirou um espinho e disse:

“Mostre-me onde está”.

A velha mostrou com o dedo. A neta puxou então o pé da velha, abrindo bem a sua coxa para reparar no xiri dela. Ela queria verificar se era mesmo o xiri da sua avó. Ela fez isto porque estava duvidando a respeito dessa velha. Ela sabia que a velha nunca tinha ido à roça. Por isso, ela estava duvidando. Mas não encontrou nenhum defeito. O xiri era da velha mesmo.

Enquanto ela estava tirando o bicho-de-pé, a velha perguntou:

“Minha neta, é verdade que você tem o brinco que tirou do seu primo?”

A mulher respondeu:

“Quem disse para a senhora que eu tenho o brinco do meu primo? Eu não tenho nenhum brinco”.

“Aquela gente me contou, insistiu a velha. *Buhtari Gõãmã* disse para os outros: ‘A minha mulher tem um brinco, eu sei que

ela o tem. Um dia, vou tirar esse brinco dela’. Assim é que ele contou para eles. E eles me contaram assim. Por isso é que eu vim perguntar para você se tinha mesmo esse brinco. Eu vim hoje por causa desse brinco, antes que **Buhtari Gõãmũ** o tire de você. Porque ele não vai perguntar para mim: eu sou velha, fico sempre na rede. De você sim, ele vai tirá-lo. E eu não quero ver você chorar. Se você me der o brinco, eu vou colocá-lo num camutizinho, tampar bem e enterrá-lo de baixo da minha rede: assim, **Buhtari Gõãmũ** não lhe roubará. Se, por acaso, ele me perguntar, vou xingá-lo, vou dizer para ele, por exemplo: ‘Eu não sei de nada’. Por isso é que eu vim aqui lhe perguntar, escondida dele, enquanto ele está derrubando a roça”.

A mulher então caiu no engano da velhinha, tirou o brinco e lhe entregou. A velha disse:

“É este brinco que **Buhtari Gõãmũ** queria tirar de você? Que brilho especial ele tem! Eu sei que você ia chorar muito se ele o tirasse de você. Agora sim, esse brinco ficará sempre seu. Eu vou guardá-lo bem para você. Muito bem, minha neta, eu já vou indo, antes que o **Buhtari Gõãmũ** volte. Quero estar em casa antes dele, para ele não saber deste acontecimento. Só para isso eu vim. Se eu não viesse, com toda certeza **Buhtari Gõãmũ** tiraria de você esse brinco”.

Dizendo isso, a velha fingida se levantou, pegou o seu bastão, carregou o cesto velho e voltou para a casa. Enquanto voltava, ia recolhendo os ciscos e pondo-os no cesto. Quando desapareceu da vista da sua neta, isto é, quando entrou no caminho de volta, ela jogou fora o seu bastão. Quando o bastão caiu no chão, ele se transformou em muçurana (é uma cobra). Ela tirou o cesto velho que carregava nas costas e o deixou ao lado do caminho. O cesto velho transformou-se em casa de cupim. Depois disso, **Buhtari Gõãmũ** tirou a veste de velha e a deixou em cima de um toco de pau. Depois de tirar tudo, ele não era mais uma velha, era mesmo **Buhtari Gõãmũ**. E foi junto com os outros derrubar paus.

Depois de umas horas, a mulher vinha voltando da roça. **Buhtari Gõãmũ** fez um jirau para derrubar uma árvore que estava

na beira do caminho. Enquanto ele estava derrubando, a mulher vinha chegando. Quando ele a viu, tirou um cipó fino, enfiou-o no brinco e colocou-o na sua orelha. Quando a mulher se aproximava dele, ele assobiou baixinho. A mulher virou o olhar e viu **Buhtari Gõãmũ** com o seu brinco. Enquanto ela estava olhando para ele, ele mexeu a cabeça para fazê-lo brilhar. Aí ela chorou mesmo, porque perdeu o brinco que guardava como lembrança do seu primo.

Ela voltou logo para a casa e perguntou para a sua avó se ela tinha ido até a roça. A velha respondeu que não tinha ido. Ouvindo isso, a mulher ficou tão irritada que xingou a velhinha. Mais tarde, **Buhtari Gõãmũ** voltou para a casa. A mulher não lhe disse nada, porque ela queria ficar ainda com ele. Mas ele não queria mais dela.

Poucos dias depois, **Buhtari Gõãmũ** foi tirar bacabas perto da Maloca de Cima. Deitado na sua rede, antes de dormir, ele comeu estas bacabas. Embaixo dele, estava a sua mulher. Ouvindo-o mastigar, ela perguntou o que ele estava comendo. Ele respondeu que era bacaba. Ela disse então:

“Dê-me uma”.

Buhtari Gõãmũ deu-lhe uma bacaba. Ela comeu. Sentiu um gosto tão agradável no paladar que pediu mais uma. E ele deu. Depois, ela pediu mais, mas ele disse que tinha acabado. Aí ela perguntou se havia muitas frutinhas onde ele as tirou. Ele disse:

“Há muitas!”

A mulher disse que queria comer muitas daquelas frutinhas, daquelas bacabas. **Buhtari Gõãmũ** disse-lhe então:

“Se você quiser comer bastante bacaba, prepare caxiri que eu farei *dabucuri* dessas frutas para você”.

A mulher prometeu fazer caxiri e os dois marcaram o dia do *dabucuri*. Enquanto ela estava preparando o caxiri, **Buhtari Gõãmũ** começou a colher as frutinhas, junto com seus amigos, os passarinhos. No dia do caxiri, eles trouxeram as bacabas para a casa. **Buhtari Gõãmũ**, nesse dia, não parecia mais ser leproso. O rosto

dele e de todos os seus convidados era um só. *Buhtari Gõãmũ* fez isso para atrapalhar a sua mulher. E conseguiu mesmo. A mulher não reconhecia mais *Buhtari Gõãmũ*, porque todos tinham o mesmo rosto.

Quando eles entraram na casa, ela lhes ofereceu um lugar para sentar. Ficaram sentados em fila. Depois, ela começou a oferecer-lhes bebidas com uma grande cuia. Ela entregou a cuia ao primeiro, mas este disse:

“Eu não sou o teu marido. Este é o teu marido”.

Dizendo isso, ele indicou o segundo da fila. Então, a mulher entregou a cuia ao segundo que falou:

“Eu também não sou o teu marido. Este é o teu marido”.

Dizendo isso, ele apontou o terceiro. O terceiro apontou o quarto, o quarto ao quinto, e assim por diante. No fim, estava sentado o Arapaço. Foi este que aceitou a cuia. Depois, ele a deixou no chão, agarrou a mulher e a levou para fora. Aí, ele fez o que queria com ela, isto é, praticou sexo com ela. *Buhtari Gõãmũ* tinha dado esta ordem, pedindo que o Arapaço fizesse isso com ela. Deu-lhe esta ordem porque ele não queria ver mais a sua mulher. Depois disso, deram entrada aos cestos de frutinhas. *Buhtari Gõãmũ* e os seus amigos se enfeitaram e todos começaram a cantar e dançar. A mulher somente apareceu de noite, porque foi somente à noite que o Arapaço a deixou livre. E ela andava rodeando-os, oferecendo-lhes caxiri.

Buhtari Gõãmũ cantou assim:

“*Kamísiri, kamísiri, wapiyakawa,*
mari kaya, maripi, maripi.
ya kamísiri wewayuriya,
kamísiri wayuriya”.

Assim, ele cantava as xingações que havia ouvido da sua mulher, e ele dizia mais coisas ainda. Até que amanheceram. Quando estavam pelas seis horas da manhã, a mulher ficou no chão, dormindo. Vendo-a dormir, *Buhtari Gõãmũ* cantou o seguinte:

“Filha do Sábio de Peixe, durma deitada, durma deitada.
Diá waikumumahkõ kanikuña, kanikuña,

wapiyakawa, mari kaya
mari pi, mari pi
ya dikawaya wewayuriya,
kamisiri wayuriya”.

Ela estava dormindo. Enquanto dormia, o rabo do filho da Cobra da Folha de Ipadu saiu do xiri dela: com efeito, a mulher de Buhtari Gõãmũ estava grávida de Bohsepũrĩpĩrõ.

Buhtari Gõãmũ estava para iniciar a parte da dança chamada Wiribayariru, isto é, o “Canto de Saída”. Nessa parte, os dançadores costumam sair para fora de casa, dançando no pátio em frente da porta. Por isso, Buhtari Gõãmũ, com todos os seus companheiros, saiu para fora da casa. Aí, no pátio fizeram uma roda, cantando. Deram uma volta. Quando ia começar a cantar a outra parte, Buhtari Gõãmũ disse aos seus companheiros:

“Preparem-se bem, nós vamos subir no céu”.

Ouvindo essa palavra de Buhtari Gõãmũ, a sua cunhada disse: “Eu quero subir contigo, eu quero ser tua”.

Mas Buhtari Gõãmũ respondeu:

“Eu não quero mais de todas vocês, vocês são mulheres que não prestam”.

Mas a moça retrucou:

“Eu, estando contigo, nunca farei o que lhe fez a minha irmã”.

Mas Buhtari Gõãmũ não queria levar nenhuma mulher. Ele começou a subir no céu até a altura das árvores. Aí desceu para a terra. Depois, começou a se levantar outra vez no céu. Quando chegou na altura das árvores, Buhtari Gõãmũ, junto com os seus companheiros, largou as mulheres que dançavam com eles. Somente as mulheres desceram para o chão. Buhtari Gõãmũ, com os outros, subiu pelo céu. Assim foi a subida para o céu de Buhtari Gõãmũ.

No dia seguinte, a mulher de Buhtari Gõãmũ foi pegar camarões no igarapé. Na sua peneira entravam camarões, às vezes alguns acarazinhos. Encontrando-os, ela exclamava:

“Ah, meu zinho!”

Ouvindo a exclamação da sua mãe, a cobra, dentro da sua

barriga, logo perguntava:

“O que é mãe?”

“É camarão”, respondia a mãe.

Quando encontrava um acarazinho, dizia:

“É acará”.

Ele respondia:

“Vou comer eu, mamãe”.

Depois, ela encontrou a frutinha de cunuri. E logo ele perguntou o que era isso.

“É cunuri”, ela respondeu.

Ela o mandou subir na árvore para apanhar as frutinhas. Então, ele começou a sair do seu ventre e a subir na árvore. Mas ele era tão comprido que não acabava de sair dela. Vendo isso, a mãe fez a árvore crescer mais. Só aí é que ele acabou de sair dela. Mas, mesmo assim, o seu rabo ficou se segurando no corpo da mãe. Ele sempre perguntava alguma coisa para a sua mãe, que a cada vez lhe respondia.

Ela fez então uma cerimônia com a sua saliva que ela deixou em seguida ao pé da árvore, junto com o rabo da cobra. Esta saliva transformou-se no sapinho chamado em desana *piñōnihikoro*⁴⁴.

Este é que se pôs a responder às perguntas dele, no lugar da mãe.

Feito isso, a mulher fugiu na sua canoa. Quando chegou perto do porto da casa dos seus pais, ela virou o remo. O sol bateu no remo e o brilho do sol bateu bem no rosto da cobra. Aí mesmo ela veio gritando, mas a mulher correu para dentro da casa. Os seus parentes fecharam as portas, escondendo-a debaixo de um grande camuti. O filho da Cobra da Folha de Ipadu caiu em cima da casa. Aí, ele fez crescer o rio. Vendo isso, os parentes da mulher foram abrir o camuti e viram dentro um grande peixe, um pirarara⁴⁵. Pegando-o, o jogaram no rio. Aí mesmo o rio decresceu. O filho também foi com ele.

44. Não identificado.

45. *Mahawi* em desana, *Phractocephalus hemiopterus*.

História da origem da mandioca



A princípio, não existia mandioca para a humanidade. Mas havia um homem chamado **Baaribo**, quer dizer, aquele “que tem comida”. **Baaribo** tinha toda espécie de plantas que a gente come no mundo. Ele as tinha em si mesmo, dentro de si mesmo. Transformando-se, ele produzia a comida. A ele, comida nunca faltava.

Baaribo morava pelo norte. A sua esposa era do grupo **Su-ramahsõ** “Macaca Barriguda”⁴⁶. Ela teve dois filhos com ele, **Doé** e **Abe**. **Doé**, o primogênito, encontrou uma mulher como esposa. Todos viviam juntos, numa mesma maloca.

O filho menor de **Baaribo** acostumou-se a fazer sexo com a mulher do seu irmão. Este acabou por suspeitar que o irmão tinha relação sexual com a sua mulher e ficou vigiando os dois para ver se isso era mesmo verdade. Era pura verdade! Por isso, o filho primogênito de **Baaribo** começou a ter raiva do seu irmão menor.

Um dia, o menor ficou cozinhando caraiuru, a tinta vermelha para pintar o rosto. Saiu cedo da casa e ficou perto do porto. O irmão maior estava na casa e a sua mulher foi para a roça. Ela voltou da roça de tarde. Logo ao voltar, ela pegou o camuti e foi para o porto, buscar água. O rapaz ainda estava no porto fazendo o seu serviço. Por isso, vendo a mulher chegar ao porto, ele correu, agarrou-a e ficou praticando sexo com ela, como era o costume dele.

O marido, sabendo que o seu irmão estava ainda no porto, foi logo atrás da sua mulher para olhar. Quando chegou no porto, ele viu os dois se amando. Ficou tão irritado que pegou um pedaço

46. *Lagothrix lagotricha*.

de pau e, com ele, matou o seu irmão. Só não matou a mulher. Depois, pegou um pari, enrolou o corpo do irmão e o enterrou na lama. Depois de ter feito isso, ele voltou para a casa sem dizer nada a seu pai, e nem brigou com a sua mulher, para ninguém saber.

O sol já estava entardecendo. Vendo que o rapaz não chegava em casa, **Baaribo** incomodou-se e foi ver até o porto. Mas não o encontrou. Voltando em casa, ele perguntou ao seu filho primogênito, mas este respondeu que não o tinha visto. Daquele dia em diante, **Baaribo** ficou procurando o seu filho caçula. Perguntou a várias pessoas da sua casa, mas ninguém sabia de nada. Aí, ele andou nos povoados por perto, sem conseguir notícias do seu filho **Abe**. Vendo que não encontrava nenhuma testemunha, **Baaribo** teve uma ideia: a de se transformar num pássaro chamado japu⁴⁷ para ouvir as conversas dos outros sem ninguém suspeitar. E foi voando até os povoados distantes para ver se conseguia alguma informação sobre o filho perdido. Descia nos povoados transformado em japu para ouvir as conversas das pessoas, mas ninguém falava dele. Depois, ele voou para as roças com o mesmo propósito. Encontrou uma roça em que quatro mulheres estavam trabalhando.

Baaribo, transformado em japu, desceu na roça voando e pousou bem no meio das mulheres. Mexeu as suas asas, fazendo sinal que estava com fome. Vendo-o, as mulheres se aproximaram dele e começaram a falar. Uma perguntou:

“De quem será esse japu?”

“Deve ser do filho do **Baaribo**, ele deve estar procurando o seu dono”, respondeu outra.

Aí, outra perguntou:

“E ele, para onde ele foi?”

“Você não ouviu falar do que aconteceu?”

A mulher respondeu que não. Aí, ela começou a contar o que tinha acontecido, e também disse onde e como ele foi enterrado. O japu ficou escutando a conversa das mulheres, que estavam

47. **Umu** em desana, *Ostinops* sp.

falando da morte do seu filho menor que o primogênito havia matado.

Depois de ouvir tudo isso, o japu, isto é, **Baaribo**, voltou para a sua casa. Logo ao chegar, ele foi olhar na lama embaixo do porto, segundo a explicação das mulheres da roça. Era verdade mesmo, o corpo do seu filho estava enrolado num pari enterrado na lama. Vendo-o, **Baaribo** puxou o corpo do seu filho para fora da lama, lavou-o bem e abriu a esteira. Ele viu então que o corpo do seu filho estava meio podre, que já cheirava a podre e também que o pau dele estava cortado. Vendo isso, ele se pôs a pensar em como fazer para trazer de volta à vida o seu filho. Fez então uma cerimônia sobre o cadáver para que voltasse à vida. Pouco depois, a vida voltou no seu filho, que se levantou. **Baaribo** perguntou então por qual motivo ele tinha sido morto pelo próprio irmão. O filho menor contou tudo. Aí, o pai disse:

“Meu filho, vocês dois são os meus filhos. Vamos voltar para a nossa casa. Eu vou aconselhar ao teu irmão para ele não se irritar mais contigo”.

O filho mais moço respondeu que não queria voltar para a casa, que ele queria morrer mesmo. Aí, o pai o aconselhou outra vez, e ele respondeu que tinha vergonha porque não tinha mais pênis. Ouvindo isso, **Baaribo** inventou um cogumelo que se costuma encontrar nos paus podres e que se chama **abeyeru**, isto é, “pênis da lua”⁴⁸. Ele o colocou no lugar do membro cortado. Depois de ter feito isto, **Baaribo** disse para o seu filho:

“Vamos agora para casa, meu filho”.

“Será que não vão rir de mim?”, perguntou o filho.

“Não meu filho, respondeu **Baaribo**, tudo está perfeito como antes”.

Então, o filho ressuscitado concordou em ir para a casa. Enquanto **Baaribo** estava fazendo isso no porto, o seu filho maior, o criminoso, escutou a notícia que o seu irmão estava vivo de novo.

48. Não identificado.

Aí mesmo, ele começou a preparar a veste de um passarinho que se aninha na cumeeira da casa chamado *ñamakasêrẽrõ*⁴⁹. Quando aprontou a veste do passarinho, experimentou vestir-se. A veste deu perfeitamente nele. Ele voou em cima da casa, bem na ponta da cumeeira, esperando a volta do irmão ressuscitado.

Quando este já estava para chegar, da ponta da cumeeira, o passarinho cantou:

“O fantasma está chegando, siu, siu, siu”.

Ele disse isso porque ele próprio o tinha matado. Ouvindo isto, o ressuscitado não quis mais seguir os passos, e disse ao pai:

“Eu não quero mais voltar para a casa, papa, porque o meu irmão está me chamando de fantasma”.

Dizendo isso, ele virou as costas e foi entrando na mata. O pai o segurou pela mão, tirou o seu enfeite que mantinha as penas de arara na sua nuca e lhe entregou. E mandou-o embora. O filho menor pegou o enfeite, aproximou-se de uma árvore grande e bateu com ele nela. Depois entrou na mata. Agora, ele é chamado *Saropax*, o “Batedor de Sapupemas”. Às vezes, ouvimos na mata umas batidas fortes: é ele.

Baaribo entrou sozinho em casa e chorou muito a perda do seu filho amado. Prometeu chorar por um mês, porque ele queria morrer também e desaparecer junto com o seu filho. Sabendo da intenção de *Baaribo*, todos os seres existentes no mundo reuniram-se para chorar com ele: a humanidade e os animais também. Alguns consolavam-no, mas ele não aceitou. Chegou também *Wehku*⁵⁰, a Anta, para chorar o filho de *Baaribo*. Mesmo sendo grande, *Wehku* tinha uma voz fina e chorava assim:

“*Panikx, panikx, panikx*”, isto é, “meu bisneto, meu bisneto, meu bisneto”.

Depois dela, chegou *Yorada*, a pequena cobra muçurana⁵¹. Esta cobra é igual ao fio de espinhel, de tão fina ela é. Todavia,

49. Não identificado.

50. *Tapirus terrestris*.

51. Cobra da família Colubridae, *Pseudoboa claelia*.

mesmo sendo muito fina, ela chorava com voz grossa:

“*ṘanikṘ, ṘanikṘ, ṘanikṘ*”.

Baaribo continuava inconsolável. Já não entendia mais nada, de tanto chorar. O seu brinco estava virado e prestes a cair. Era sinal de que ele já estava para morrer. E, com ele, desapareceria todo o alimento do mundo, tal como mandioca, batata, cará, cana-de-açúcar, pimenta e mais outros alimentos. Vendo isso, a sua mulher aproximou-se dele, tocou-o no ombro e, sacudindo-o, disse:

“Pai de *Abe*, não chore tanto, o seu brinco já está virando”.

Depois, sacudiu-o com mais força. *Baaribo* virou então o olhar e viu a sua mulher. Vendo ela tentar consolá-lo, ele pensou:

“Minha mulher não chora tanto quanto eu. Eu, que sou homem, estou chorando no lugar dela. Ela é que deveria chorar muito!”

Pensando isso, ele endireitou o seu brinco e resistiu de chorar. E pensou que não adiantava chorar tanto. Se a mulher não o tivesse sacudido, *Baaribo* teria desaparecido e, com ele, toda a alimentação do mundo.

Passados alguns dias, *Baaribo* disse para a sua mulher:

“Você tem filhos sem juízo. Por isso, eu não quero mais tê-la como minha esposa. Eu a deixarei para sempre, e ao seu filho também. Fique com ele, eu vou sair daqui para sempre”.

Depois de dizer isso, ele saiu da casa e foi descendo pelo sul, procurando mulheres como esposas. Primeiro, entrou na casa dos *Bohsomahsã*, isto é, das *Acutivaias*⁵². Quando entrou, viu mulheres muito bonitas, porém finas e branquinhas. Ele não as quis porque achou-as demasiado finas. Depois, *Baaribo* continuou a sua viagem e chegou à casa dos *Buamahsã*, isto é, das *Cutias*⁵³. Ficou uns dias aí, reparando o modo de estar deles. Nesta casa, ele viu também mulheres de certa linha. Porém, elas tinham um defeito: a parte branca dos olhos era vermelha. Por isso, ele não gostou

52. *Myoprocta exilis*.

53. *Dasyprocta* sp.

delas e não as quis como esposas. E continuou a viagem, até que chegou à casa dos *Wehꞑꞑmahsã*, ou seja, a casa das Antas. Lá também, ele parou alguns dias. Nesta casa, ele viu as mulheres-antas: eram gordas, mas tinham pernas finas e eram morenas. *Baaribo* não gostou delas.

Depois de alguns dias, seguiu a viagem. Todos os seres que existem no mundo estavam falando do que tinha acontecido e sabiam que *Baaribo* estava descendo para o sul procurando mulheres para casar. *Wariro* também escutou falar isso. Ele morava numa serra, a meio caminho do sul. Ainda hoje se vê essa serra, que fica na boca do Curicuriari ou Rio Papagaio Curica, abaixo de São Gabriel da Cachoeira. Aí é que morava *Wariro*. Ele tinha duas filhas bonitas. Essas moças também tinham ouvido falar que *Baaribo* estava procurando mulheres para casar. Ele próprio soube que *Wariro* tinha filhas moças, muito bonitas, e teve vontade de conhecê-las.

Depois de viajar muito, ele chegou na casa de *Wariro*. Ao chegar, saudou-o assim:

“Alô, titio, eu vim visitá-lo”.

Wariro o recebeu com muito gosto, oferecendo-lhe um banco para sentar. Depois do pai, vieram as duas moças para cumprimentá-lo. Eram moças bonitas. *Baaribo* as achou bonitas e sinceras de coração. Elas também gostaram dele. Trouxeram-lhe quinhapira e beiju, mas muito mal feito, porque de uma fruta do mato chamado *uhsi*⁵⁴. Depois, trouxeram-lhe mingau de tapioca, também sem muito gosto. *Baaribo* fingiu comer a quinhapira e tomar o mingau, mas elas viram que ele estava fingindo e riram envergonhadas. Depois *Baaribo* contou a *Wariro* toda a sua vida e a razão da sua ida para a casa dele. As moças também o ouviram.

Ao anoitecer, *Baaribo* procurou o seu saquinho de onde tirou um pedacinho de beiju de tapioca pura que entregou à moça mais nova, ordenando-lhe que o deixasse no balaio do beiju. Em

54. Não identificado.

seguida, tirou um pequeno embrulho de peixe moqueado e o entregou à mesma moça para que ela o colocasse no jirau em cima do fogo. Ao mesmo tempo, tirou um pequeno pacote de maniuaras e mandou colocá-lo junto com o embrulho de peixe moqueado. Por fim, entregou-lhe beiju de caxiri assim como um tipo de cará, que se chama em desana *ñahamanañe*⁵⁵ e se costuma usar como tempero do caxiri, a fim de que ela os deixasse dentro do camuti de caxiri. A moça obedeceu às instruções de *Baaribo*. Ele lhe deu então a ordem de não olhar no camuti de caxiri até as dez horas da noite. Depois disso, cada qual deitou-se em sua rede para dormir.

A moça acordou na hora certa. Levantou-se da rede, acendeu o seu turi e foi ver o camuti de caxiri. O camuti estava cheio de caxiri já fermentado. Em seguida, foi ver o jirau onde tinha deixado os embrulhos de peixe moqueado e de maniuaras e também o encontrou cheio. Por fim, foi espiar o balaio de beiju que ela também encontrou repleto de beijus. Diante desses milagres, as duas moças gostaram mais ainda de *Baaribo*.

De manhãzinha, a casa de *Wariro* estava cheia de comidas e bebidas. *Wariro* ficou muito contente de ter arranjado um genro tão poderoso. E as moças também estavam com grande alegria de ter um marido tão poderoso. No dia seguinte, *Baaribo* disse para as suas novas esposas:

“Mostrem-me a mata virgem onde vocês gostariam de fazer uma roça”.

Ouvindo isso, as moças o levaram na mata e mostraram-lhe o lugar onde queriam ter uma roça. Então, *Baaribo* lhes disse:

“Delimitem o tamanho que quiserem, enquanto isso eu fico aqui tecendo aturás para vocês”.

As moças saíram marcando sua futura roça enquanto ele foi à mata recolher o cipó chamado em desana *puisĩgãda*⁵⁶ para

55. Não identificado.

56. Cipó-titica (*Heteropsis jenmanii*).

trançar os aturás. Passada meia hora, elas já tinham dado volta ao lugar demarcado, porque queriam fazer uma roça circular. **Baaribo** perguntou-lhes se haviam feito a demarcação bem redonda e elas responderam afirmativamente. Então, ele disse:

“Agora vocês vão voltando. Esperem por mim no caminho. Não venham olhar, por favor, se vocês ouvirem algum barulho”.

Elas responderam que sim e foram voltando, segundo a ordem dele. **Baaribo** foi então até o centro do círculo onde começou a queimar por si mesmo. O fogo pegou nas árvores grandes e foi queimando a mata. Mas ele não ultrapassou os limites marcados pelas moças. As árvores começaram a cair. Ao ouvir o barulho do fogo, a maior das duas irmãs disse:

“Vamos espiar para ver o que está acontecendo”.

Mas a menor retrucou:

“Ele nos proibiu de olhar, você não se lembra?”

Mas a primogênita não escutou e foi olhar. Quando chegou lá, viu **Baaribo** todo enfeitado queimando no meio do fogo. Mas ele percebeu que ela o estava espionando porque o brinco caiu da sua orelha. Depois de ter olhado, a moça voltou ao lugar onde se encontrava a sua irmã e contou-lhe o que tinha visto.

Passada meia hora, **Baaribo** chegou ao lugar onde elas estavam e disse:

“Vocês não escutaram os meus conselhos e foram espiar”.

Ouvindo, isto, a menor disse:

“Só esta é que foi espiar”.

Mas **Baaribo** as acalmou para que elas não discutissem muito entre si. Até que voltaram em casa.

No dia seguinte, **Baaribo** disse para as suas duas esposas:

“Vamos ver se a nossa roça queimou bem”.

Sairam cedo e foram para a roça. Quando chegaram lá, encontraram-na cheia de diversas frutas e abelhas que zumbiam tirando o mel das flores das manivas: a primogênita, entusiasmada, saiu correndo para ver de perto suas frutas e suas manivas, gritando:

“Minhas frutas e minhas manivas!”

Só deu três passos, pisou num toco e caiu no chão. Era o castigo que lhe infligiu o brinco de *Baaribo* por ter ido espiar enquanto ele queimava. Ao cair, a mulher perdeu os sentidos e urinou. Por onde a urina caiu, começou a brotar capim. Não fosse a desobediência dela, não haveria capim nas roças.

Baaribo fez uma cerimônia para a mulher voltar a viver. Depois, mandou ambas arrancarem a mandioca, cuja raiz já saía sem casca, pronta para ser ralada. Encheram os aturás de mandioca e de frutas e voltaram para casa. Então, *Baaribo* disse:

“Você não devem comer coisa alguma antes de ralar as mandiocas. Nem mesmo tomem chibé. Comam somente depois de ter ralado tudo”.

Elas obedeceram e, num instante, ralaram todos os tubérculos de mandioca, como se fossem poucos. No dia seguinte, voltaram a fazer esse serviço. Quando chegaram na roça, viram que ela estava cheia de capim. Era o castigo por causa da urina da mulher. Assim começou o tempo da mulher trabalhar duramente, suando muito. Mas elas se conformaram. Ao arrancarem a mandioca, a casca ainda continuava na terra. Isso durou cinco dias. Depois, a primogênita, voltando da roça com muita fome, comeu antes de ralar. Nesse instante, nos próprios aturás, a mandioca começou a criar casca. Foi o segundo castigo que as mulheres receberam por sua desobediência. *Baaribo* disse:

“Eu lhes tinha dito para não comerem nada antes de ralar”.

A irmã menor ficou danada com a primogênita mas *Baaribo* tratou de acalmá-las. Depois, elas começaram a descascar as mandiocas, mas as cascas se multiplicavam. Aí, pediram ajuda aos sapos chamados em desana *taromana*⁵⁷. É por isso que, hoje em dia, esses sapos têm beiços grandes, porque descascaram com suas bocas. No dia seguinte, as duas mulheres foram outra vez na roça. Quando arrancavam, a mandioca saía com casca, como agora. Era o castigo por sua desobediência.

57. Não identificado.

Depois de alguns meses, as duas mulheres ficaram grávidas. Cada uma delas teve um menino. O da primogênita chamou-se *Ñamiyoariru*, isto é, “Estrela Vespertina”, o da irmã mais nova, *Boyoriru*, “Estrela da Manhã”. Depois de vários anos, os filhos de *Baaribo* já eram moços. Vendo-os crescerem, ele se lembrou do seu filho criminoso que ele tinha almadichoado. E disse consigo mesmo:

“Almadichoiei o meu filho primogênito porque ele matou o próprio irmão. Mas ele também é meu filho. No lugar do morto, já tenho dois filhos. Vou convidar o meu primeiro filho para lhe ensinar os ritos da mandioca para que ele também tenha um bom meio de vida”.

Chamou então *Boyoriru*, a quem ele contou toda a história. Depois, disse:

“Agora, você vai pelo norte até a casa do seu irmão maior *Doé*. Diga para ele que eu o convido aqui”.

Boyoriru partiu por ordem do pai. Quando chegou na casa de *Doé*, ele o saudou da seguinte forma:

“*Sów! gãmürē mahsākarimahsū*”, isto é, “Alô, eu vim visitar o meu irmão maior”.

Doé veio cumprimentá-lo e ofereceu-lhe um banco para sentar. Depois, vieram saudá-lo a mulher e a velha mãe de *Doé* e, por fim, a viúva de *Abe*. Quando aproximou-se para cumprimentá-lo, ela chorou porque viu o jovem parecido como o seu finado marido. Mas *Boyoriru* disse logo:

“Eu não sou o teu finado marido, eu sou outro”.

Ouvindo isso, a viúva chorou mais ainda. Depois, a mulher de *Doé* trouxe quinhapira e um beiju pobre feito de *uhsi* porque não tinham mandioca. Depois de devolver o resto de quinhapira, *Boyoriru* começou a falar, falando do recado do pai, isto é, do seu convite. *Doé* aceitou e respondeu que iria. No dia seguinte, *Boyoriru* voltou a falar e insistiu para que *Doé* chegasse no dia marcado.

Doé partiu no dia marcado. Com ele foram a sua mulher, a sua velha mãe e a viúva de *Abe*. *Baaribo* estava esperando com

caxiri a vinda do seu filho. Doé chegou na casa do seu pai ao meio-dia. Quando chegou, disse:

“Alô! Venho visitar o meu pai”.

Baaribo o recebeu com muito carinho e chorou muito, vendo o seu filho. Doé também chorou. As esposas de Baaribo vieram cumprimentá-lo e a todos que chegaram. Depois, trouxeram quinhapira, beiju, peixes e os ofereceram a eles. Em seguida, Baaribo ofereceu caxiri a Doé e, com ele, começou a se lembrar de tudo o que tinha acontecido. Por fim, chorou outra vez e deu ao filho a mão de paz, a mão do pai, colocando um fim à sua maldição.

Já estava escurecendo. Aí, Baaribo começou a avisá-lo do que ele tinha feito com as manivas. Falou assim:

“Eu escondi as mudas de maniva no pé da árvore chamada *nogẽmũ*⁵⁸. Foi lá que eu as deixei. Por isso, você roça o pé em torno dessa árvore e derruba a mata próxima. Depois, você queima. Assim vai brotar a maniva e todos terão mandioca para comer”.

Por fim, ensinou-lhe as cerimônias. Amanheceu e eles foram dormir pelas seis horas da manhã.

No dia seguinte, as mulheres de Baaribo levaram as mulheres hóspedes à sua roça a fim de arrancarem mandioca para o rancho que levariam na viagem de volta. A antiga esposa de Baaribo também foi. Estava com muito ciúme das novas esposas de Baaribo e fez um rito com a maniva para maltratá-las. Ao arrancar a mandioca, ela quebrou a maniva de tal jeito que uma lasca acertou o olho da primogênita. Esta caiu no chão meio morta. Levaram-na de volta para casa. Quando chegaram, Baaribo já sabia do acontecimento e fez uma cerimônia para curá-la. A mulher ficou boa de novo.

No dia seguinte, Doé voltou ao norte com o seu grupo. Quando chegou, fez conforme as explicações de Baaribo. Junto à árvore *nogẽmũ* encontrou a muda de maniva que, tratada de acordo com as ordens de Baaribo, multiplicou-se, dando mandioca para toda a humanidade. Depois de algum tempo, Doé quis ir outra vez para a

58. Não identificado.

casa de Baaribo, mas não encontrou mais o caminho. O caminho estava cerrado. Baaribo tinha fechado o caminho para ele não vir mais. Ele só tinha aberto o caminho para o filho vir escutar as cerimônias que ele não lhe havia ensinado por causa do seu crime. Quando se arrependeu, ele se lembrou do seu filho. Depois de ter-lhe entregado um pouco do seu poder, ele fechou o caminho porque sabia que o seu filho maior teria comida, quase tanto como ele. Daquele dia em diante, nunca mais se viram um ao outro.

Assim termina a história de origem da mandioca. Hoje em dia, ainda existem as palavras das cerimônias mencionadas.

EXPLICAÇÃO DA HISTÓRIA DE ORIGEM DA MANDIOCA

Os Antigos contavam esta história de origem da mandioca para se amar ao filho, mesmo sendo ele ruim. Explicavam aos seus filhos para não mexerem com as mulheres dos outros a fim de não acontecer o que aconteceu nesta história.



A história de Gãĩpayã e a origem da pupunha



Gãĩpayã foi o vovô dos periquitos⁵⁹ mas tinha figura humana. Vivia sozinho em sua maloca num lugar chamado *waitudihtaru* “Lago da Tornozadeira”, no Rio Uaupés, onde hoje existe um morro alto. Solitário, fez várias tentativas para encontrar uma esposa, mas as mulheres não gostavam dele. Tampouco os pais queriam dá-las para ele.

Quando chegou a época do amadurecimento das frutas ucuquis⁶⁰, Gãĩpayã ia diariamente ver o ucuquizeiro que ficava próximo à sua casa, mas nunca encontrava fruta madura. Achou estranho e ficou imaginando que espécie de bicho estaria comendo seus ucuquis. Como primeira providência cercou seu ucuquizeiro com varas de caniços (*wēhēriwahsūrī*), varas de igapó (*toroyuhkupuri*) e varas chamadas *kārōyuhkupuri*. Feita a cerca, voltou para a sua casa, achando que nenhum bicho comeria mais os seus ucuquis.

No dia seguinte, foi novamente colher as frutas. Não encontrou nenhuma, mesmo depois de cercada a árvore. Resolveu então vigiá-la de noite. Subiu numa árvore próxima para ver quem roubava os ucuquis. Quando começou a clarear, ouviu o ruído de alguém chegando. Ficou atento. Pouco depois, aproximou-se um grupo de moças bonitas, cada qual com um aturá para recolher as frutas. Quando começaram a encher os cestos, ele desceu da árvore devagarzinho para agarrá-las, mas as moças perceberam-no e escaparam. Gãĩpayã decidiu então cercar o ucuquizeiro com

59. *Brotogeris tirica*.

60. *Poe* em desana, *Ecclimusa spuria* Dicke.

espinhos dos cipós *bumērī* “cipós do (peixe) tucunaré” e *poama-nasīgādari* “cipós do (peixe) caloche”⁶¹. Na noite seguinte, ficou outra vez à espera das moças, pensando que seria muito bom conseguir uma ou duas para serem suas esposas. Mas só conseguiu pegar uma, porque seus cabelos ficaram presos nos espinhos da cerca. *Ġāṭṭṛayā* desembaraçou os cabelos da moça dos espinhos e aí se deu conta de que ela estava grávida. Mesmo assim, sentiu-se feliz por ter finalmente encontrado uma mulher. Convidou-a a acompanhá-lo para a sua casa e ela concordou.

Ao chegarem, *Ġāṭṭṛayā* perguntou o que comia e ela respondeu que se alimentava de gafanhotos, daracubis, cupins, maniuaras⁶² e de muitos outros insetos. *Ġāṭṭṛayā* verificou que havia uma divergência de comidas entre eles, mas tampouco lhe deu muita importância. Coletava esses insetos para a mulher e ele próprio se alimentava com comida de gente.

Um dia, ele quis experimentar viver com ela, mas, receoso de que ela não era bem humana, tomou certas cautelas.

‘Primeiro tenho que examiná-la com todo o cuidado’, ele pensou.

Convidou-a ir ao mato para dar um passeio. Chegando lá, ele apanhou uma folha de *ṛōrāṣṭṭ*⁶³, mandou que se deitasse e fingiu deitar-se em cima dela como se fossem fazer amor. Assim, introduziu a folha na vagina. Ao puxá-la, verificou que estava toda carcomida, como se tivesse sido picada por algum bicho. Examinou então a vagina da mulher, e viu uma porção de piranhas dentro. Elas é que haviam mordido a folha. Se não tivesse feito essa experiência, teria morrido.

Entendeu então que essa mulher era filha de *Ṗīrō*, a maior cobra do rio, que vivia na maloca chamada *waitudihṭaruwī*

61. Cipós não identificados. Tucunaré é o nome do peixe *Cichla ocellaris*.

62. Respectivamente, *poreroa* (*Acridium* sp.), *bahparua* (Ortópteros), *burua* (Isópteros) e *mégā* (*Atta* sp.).

63. Não identificado.

“Maloca do Lago da Tornozeleira” e tinha sido mulher de um *Muñumahsū*, isto é, “Gente-piranha”⁶⁴. Por isso, levava filhotes de piranhas no seu ventre. *Ḡāṣṣayā* desistiu então de viver com ela. Levantaram-se e voltaram para a sua casa. Nos dias seguintes, ele ficou imaginando um meio de matar essas piranhas e retirá-las da barriga da mulher. Pediu timbó⁶⁵ à *Ḡuḥḥu*, a aranha invisível, e convidou a sua mulher a irem ao igarapé. Então, perguntou a ela:

“Agora eu vou fazer como eu quero no seu corpo.

Você aceita?”

Ela respondeu que sim. *Ḡāṣṣayā* mandou-a deitar à beira do igarapé com a bunda dentro da água e despejou dentro da sua vagina o timbó de *Ḡuḥḥu*. Nesse momento, começaram a sair uma porção de piranhas já mortas pelo timbó. *Ḡāṣṣayā* olhou bem para ver se ainda tinha alguma e perguntou para a mulher se sentia algo no ventre. Ela respondeu que não. Depois disso, ele passou a viver com ela como homem e mulher.

Passado algum tempo, perguntou-lhe o que o pai dela comia. A mulher deu a mesma resposta da vez anterior. Então, ele começou a recolher os referidos insetos para levar ao sogro. Construiu uma cerca de capins, cobriu-a com uma teia de aranha para pegar gafanhotos e outros insetos. Depois de juntar uma boa quantidade deles, preparou a viagem.

Os dois desceram o Tiquié até chegar ao Lago Patavá. Ao ultrapassar o lago, a mulher disse para o seu marido:

“Vamos parar um pouco aqui”.

Mandou-o abrir os aturás que continham os insetos tostados, pedindo que os jogasse ao rio. O marido a obedecia em tudo. Nisso, viu peixes subindo à tona d’água para comer os insetos. Apareceram diversas espécies de peixes para comer o presente que a irmã e o cunhado deles lhes estavam oferecendo. A mulher procedeu assim para apaziguá-los antes de chegarem à maloca do

64. *Serrasalmus spilopleura*.

65. *Na* em desana, *Lonchocarpus* sp.

seu pai. Não fosse isso, esses seus irmãos peixes poderiam causar algum dano ao marido.

Depois começou a entrada na maloca. A mulher pegou o açoite *wahsũboga*, pintado de duas cores, e preveniu *Ġãĩpayã* que não tivesse medo, já que o pai dela costumava fazer coisas estranhas. Quando acabou de falar, agitou com o açoite a superfície da água e a água se abriu para eles chegarem até a maloca sobre terra seca. Tornou a adverti-lo de que deveria manter-se calmo.

O velho *Pĩrõ*, tuxaua da *Waitudih̄taruwi'i*, já sabia que sua filha estava para chegar. Ao ingressar na maloca, o casal fez os cumprimentos de entrada. O irmão da mulher foi quem respondeu, dando-lhes bancos para sentarem. Em seguida, dirigiu-se ao quarto de pari e comunicou ao pai a chegada da filha e do genro. No quarto do velho, ele vestiu a veste de cobra; em seguida, tomou o lado direito da maloca, e o casal de cobras o lado esquerdo, fazendo o seguinte ruído:

“Tiriri ri ri, ti ri ri ri ri”.

Vinham na figura de gigantescas cobras do rio, fazendo sua zoadá.

A mulher prendeu a mão do seu marido entre as coxas para que não fugisse de pavor. Primeiro apareceu o irmão: uma grande cobra pintada de vermelho. Aproximou-se da mulher, lambeu-lhe o rosto, depois lambeu o rosto do cunhado e voltou pelo lado direito da maloca, como tinha vindo. A seguir, aproximaram-se os dois velhos procedendo do mesmo modo e, voltando pelo lado esquerdo, faziam soar os mesmos ruídos da vinda. Era a primeira saudação. No quarto de pari tiraram as vestes de cobra e voltaram para um segundo cumprimento, mas já na figura de gente, conversando numa língua humana. Abraçaram a filha quase chorando por não tê-la visto há tanto tempo. Os visitantes entregaram os aturás com os insetos tostados e as cobras ofereceram-lhes um quarto para passarem alguns dias em sua maloca.

Na manhã seguinte, *Pĩrõ* perguntou à sua filha o que o marido comia. Ela respondeu que comia a eles mesmos, isto é, peixes.



Meio triste, o pai disse que tinha um velho criado, *Maku*, e iria matá-lo para dá-lo de comer ao seu genro. É que os velhos não confiavam em *Ġãĩpaḡã* e queriam desafiá-lo. *Ġãĩpaḡã* aceitou a oferta do sogro. Assou e comeu o velho *Maku* fora da maloca. *Pĩrõ* ficou muito desgostoso por ter perdido o criado que lhe preparava o ipadu. Passados alguns dias, perguntou ao genro se tinha inimigos. *Ġãĩpaḡã* respondeu afirmativamente e o velho mandou-o trazer essas pessoas para ele e sua mulher comê-las.

Um dia, *Ġãĩpaḡã* e o cunhado foram ao porto onde havia alguns pés de arumã de cobra⁶⁶. O cunhado mandou *Ġãĩpaḡã* cortar vários colmos de arumã para trançar um tipiti. Deixaram-no no porto e voltaram para a maloca. Na manhã seguinte, os dois homens foram ao lugar onde as mulheres haviam deixado mandioca para amolecer. Remando numa canoa, apareceram duas moças, as que haviam roubado os ucuquis de *Ġãĩpaḡã* e desdenhado dele. Tendo mergulhado, os dois homens viram-nas como se fossem aves voando. Quando as moças estavam bem na sua mira, pegaram um gancho de apanhar frutas e viraram a canoa. Ao mesmo tempo, pisaram a mandioca mole para produzir espuma. As moças ficaram nadando, tonteadas. Nisso, *Ġãĩpaḡã*, por instrução do

66. *Pirõwtht* em desana, *Ischnosiphon ovatus* Kecke.

cunhado, encolheu o tipiti e, num impulso, soltou-o sobre uma das moças para que fosse fígada para dentro do tipiti. Tentou três vezes mas não acertou. O cunhado tomou-lhe das mãos o tipiti, encolheu-o como uma mola, e o tipiti engoliu uma das moças, que caiu como uma bola dentro dele. Fez os mesmos movimentos e agarrou a outra moça. Carregadas dentro do tipiti, as duas foram entregues ao casal de cobras, para que as comesse. Os dois já haviam vestido a pele de grandes cobras, prontos para devorar a oferta do genro.

Ao entrar na maloca, *Ġãĩpayã* dirigiu-se à porta do pari, procedendo segundo as instruções do cunhado: ofereceu uma das mulheres ao sogro e a outra para a sua sogra. Esta era a sua segunda oferta e ao mesmo tempo uma advertência do casal de cobras ao genro, de que também eles comiam gente.

Passados alguns dias, o velho trouxe um grelo de miriti e entregou-o ao genro para fiá-lo e tecer-lhe uma rede. O velho *Ġĩrõ* sabia que *Ġãĩpayã* levaria muitos dias nesse trabalho. A mulher de *Ġãĩpayã* foi à roça preocupada porque achou que o marido talvez não pudesse atender o pedido do seu pai. Fingiu ter esquecido alguma coisa e voltou correndo à maloca. Viu o marido fiando a fibra de miriti como fazem todos os índios.

“Aqui não se fia assim”, disse ela.

E prosseguiu:

“Faça o seguinte: tire aquele pé da planta *tãdũhka*⁶⁷, depois queime toda essa rama de fibra de miriti que você está fiando, recolha a cinza na cuia, junte a planta *tãdũhka*, misture com água e beba-a toda. Ela vai sair pelo seu nariz. Puxe-a e terá o fio torcido. Enrole-o num novelo e espere até o velho voltar”.

Terminada a explicação, a mulher voltou para a roça. *Ġãĩpayã* fez conforme ela lhe havia ordenado e aconteceu exatamente o que a mulher havia dito.

Quando *Ġĩrõ* chegou, o genro entregou-lhe a encomenda. O velho ficou admirado de sua esperteza. Dias mais tarde, ele o

67. Planta não identificada.

convidou a tirar ipadu com todo o pessoal da maloca. Chegando na roça, o velho fez com que o genro sentisse sede. Mas *Ḡãĩpayã* não foi tomar água porque sabia que era outra tentativa do sogro para prejudicá-lo. Ao terminarem a coleta do ipadu, voltaram à maloca. No porto, *Pĩrõ* incitou todos os seus criados a tomarem banho junto com ele. *Ḡãĩpayã* percebeu nisso outra tentativa de matá-lo e recusou o convite do velho. Ao voltarem do banho, *Pĩrõ* e seus criados estavam transformados em corujas⁶⁸. Ingressaram na maloca voando pela porta da frente e saindo pela de trás. Repetiram este vôo várias vezes até que a casa ficou com catinga de coruja a ponto de ninguém aguentar. *Ḡãĩpayã* tirou a sua zarabatana invisível, enfiou-a na parede trançada da maloca e ficou respirando ar puro através do tubo. Se não tivesse feito isso, teria morrido com o mau cheiro das corujas. *Pĩrõ* gostou de ver os recursos que o genro usara para salvar-se de suas repetidas tentativas de matá-lo.

Ḡãĩpayã resolveu então passar um susto no sogro. Reuniu seus amigos, os gaviões-de-tesoura⁶⁹, para tomarem banho juntos. Vestiu a pele deles, voou bem alto e desceu no porto. Mas antes de entrar na água, temendo as piranhas, ele estendeu seu invisível pari de defesa no rio e, em voo rasante, caiu em cima do pari. Por isso é que o gavião-de-tesoura, agora, quando toma banho, toca a água de leve. Depois do banho, *Ḡãĩpayã* entrou na maloca do sogro com todos os seus companheiros, da mesma forma que o velho *Pĩrõ* fizera. Depois de alguns minutos, a maloca ficou fedendo a gavião-de-tesoura. Só então *Ḡãĩpayã* deixou sua veste na casa dos gaviões, voltando na figura de um homem. Depois disso, o velho *Pĩrõ* desistiu de matar seu genro.

Quando chegou o tempo da piracema, organizou-se uma grande festa de dança com caxiri na maloca de *Pĩrõ*. Os convidados eram todos parentes do velho *Pĩrõ*, isto é, eram *Waímahsã* “Gente-peixe”. O cunhado de *Ḡãĩpayã* preveniu-o de que não saísse da maloca sozinho, nem mesmo para ir à privada. Ele o obedeceu.

68. *Ḡãĩpayã* em desana, *Pulsatrix perspicillita*.

69. *Pigõsea* em desana, *Elanoides forficatus*.

Ao anoitecer, saíram os dois da maloca e viram puçás rodeando-a. Os donos dos puçás pescavam os *bayabuya*, isto é, os enfeites cerimoniais dos *Waimahsã*, e esses enfeites se transformavam em peixes.

Ao voltar à sua maloca, *Gãĩpayã* contou como se fazia a pescaria na Maloca do Lago da Tornozeleira em tempo de piracema. Por isso, os puçás são usados até hoje dessa forma.

Ao lado da Maloca do seu sogro, havia uma pupunheira carregada de frutas. Era um pé só, mas tinha pupunhas⁷⁰ de diversas cores, das quatro espécies que existem hoje: *ũĩdiari* “pupunha vermelho-alaranjada”; *ũĩboho* “pupunha branca”; *ũĩnahsikatu* “fruta listrada” e *ũĩsawe* “pupunha verde miúda”. Um dia, o pessoal da maloca tirou alguns cachos para cozinhar. Mas não queriam que *Gãĩpayã* recolhesse a semente para levar para a sua casa. Seus cunhados também proibiram à mulher dele de levar a semente porque não queriam que a pupunheira se espalhasse pelo mundo. Mas *Gãĩpayã* queria levar uma semente de qualquer maneira. Tornou-se invisível e foi ao lugar onde estavam cozinhando a pupunha. Pegou uma, abriu-a e tirou a semente, guardando-a debaixo do pé. A mulher desconfiou que ele se tinha apoderado da fruta. Falou baixinho que lha entregasse, mas ele negou havê-la roubado. Ela voltou a insistir, dizendo que estava debaixo do pé dele. Ele levantou o pé e escondeu a semente debaixo do braço. Ela mandou que levantasse o braço. Antes de fazê-lo, *Gãĩpayã* levou a semente à boca. A mulher pediu que a abrisse. Antes de abri-la, escondeu a semente debaixo da língua. Ela mandou que mostrasse a língua. Antes de fazê-lo, *Gãĩpayã* engoliu a semente. Então, não havia mais jeito de tirá-la dele. Quando foi à privada, *Gãĩpayã* recolheu a semente. Plantou-a junto à sua casa. A pupunheira cresceu igualzinha à que tinha visto na Maloca do Lago da Tornozeleira. Era um pé só que dava muitos frutos de todas as espécies de pupunha. Assim apareceram as primeiras pupunhas no mundo.

70. *Ũĩ* em desana, *Guilielma speciosa* Mart.



A história de Āgāmahsāpu, seguida da história dos Diroá e dos Koáyea



HISTÓRIA DE ĀGĀMAHSĀPU

Depois do surgimento da humanidade, isto é, depois da chegada dos Pamūrimāhsā, apareceu esse grupo de Āgāmahsāpu⁷¹. Este era o nome do chefe de todas as aves, como os inambus, jacus, jacamins, mutuns, todas essas aves que cantam no tempo certo. Āgāmahsāpu morava no norte. Daí, ele baixou até a Maloca do Rio de Leite (Diáahpikōwī'i) para subir por onde a humanidade veio subindo e entrar nas malocas onde ela havia penetrado antes. A cerimônia que ele vinha fazendo chama-se Miubehari ou, também, Mūbuhāñahani, isto é, o rito de distribuição das frutas umari⁷².

Isso aconteceu antes do tempo do umari dar frutos. Āgāmahsāpu chegou distribuindo essas frutas. Ele era o primeiro inambu e, ao entrar nas Malocas de Transformação, procurava as mulheres mais bonitas para viver com elas. Entrava maloca por maloca fazendo suas cerimônias e suas danças com todo o seu grupo. Por isso, até hoje, essas aves nesses dias cantam mais que nos outros dias. Essas cerimônias foram aprendidas pelos Umukomahsā, isto é, os Desana. Eles também fizeram como Āgāmahsāpu: entrando

71. Āgāmahsāpū significa “inambu maior”, “pai”, “pessoa”.

72. Umari, mū, em língua desana, é planta da família das Icacináceas, de frutos comestíveis (*Poraqueiba sericea* Tul.).

nas Malocas de Transformação (*Pamūriwi'iri*), executando as cerimônias que propiciavam o crescimento da fruta umari para o ano seguinte. Essa cerimônia era muito bela. Quando eles a faziam, aí é que dava muito umari no ano seguinte.



A notícia da vinda de *Āgāmahsāpṭ* e do seu grupo foi ouvida pelo mundo todo. Todo mundo sabia que ele vinha dançando maloca por maloca, entrando nas Malocas de Transformação da humanidade. Como eu disse antes, ele estava procurando mulheres para casar. Na maloca nº 30, isto é, na *Diābayabuwī* “Maloca dos Cantos”, também chamada *Diáwī* “Maloca do Rio”, morava *Diápĩrõ*, a Cobra do Rio, com as suas duas filhas moças. As moças ouviram falar que vinha um homem chamado *Āgāmahsāpṭ* e que ele procurava mulheres para casar. Deu-lhes logo vontade de acompanhá-lo e comentaram entre si que iriam com ele. Tinham ouvido falar que *Āgāmahsāpṭ* era um homem muito bonito e chefe de um grupo. Por isso, elas já gostavam dele, mesmo sem conhecê-lo. *Āgāmahsāpṭ* também escutou que na Maloca do Rio havia duas lindas moças. Mesmo não as tendo visto, ele quis levá-las. E ele vinha subindo com esse pensamento. Quando ele chegou na Maloca do Rio, avisou para o seu grupo antes de entrar:

“Eu quero levar as moças que estão nesta maloca. Vocês têm que me ajudar”.

Depois é que ele entrou na *Diābayabuwī*.

Diápĩrõ, vendo que o grupo estava se aproximando da sua maloca, escondeu as suas filhas. Fechou-as dentro de uma mala, dessas de guardar enfeites de penas, porque ele sabia que *Āgāmahsāpṭ* estava procurando por mulheres. Por isso, ele as escondeu. Mas eles já sabiam que nessa maloca havia duas moças. *Āgāmahsāpṭ* entrou fazendo as suas cerimônias. As suas músicas eram tão lindas e, às vezes, tão suaves, que as moças, ao escutá-las, tinham vontade de vê-lo. À tardinha, ainda dentro da mala, as moças perguntaram ao pai:

“Papai, como são eles? São como a gente ou não?”

Como eles são?”

O pai respondeu:

“Minhas filhas, eles são muito feios!”

As moças tornaram a falar:

“Com uma voz tão bonita eles não podem ser tão feios!”

“Só a voz deles é que é bonita. Eles mesmos são feios”, retrucou o pai.

Então elas ficaram caladas. Já estava anoitecendo. Quando estava bem escuro, elas pediram ao pai que abrisse só um pouquinho a mala para que pudessem dar uma espiada nos visitantes. Diápĩrõ perguntou:

“Por que vocês querem ver homens tão feios?”

“Só um pouquinho, papai”, responderam.

Aí, não pararam mais de pedir e o pai ficou cansado de tanto elas insistirem. Já eram 9 horas da noite quando ele abriu um pouquinho a mala e, por esta aberturazinha, elas olharam os dançadores. Repararam que eram muito simpáticos. Os rostos deles pareciam um só. Disseram então para o pai:

“Por que o senhor nos enganou? Estes são gente. Abra mais para sairmos daqui”.

O pai abriu. Elas saíram da mala e foram para o centro da maloca, onde as mulheres costumam sentar-se nos dias de dança.

Nessa maloca havia um outro ser chamado Óá “Mucura”⁷³. Óá também havia escutado que as filhas de Diápĩrõ estavam esperando ãgãmahsãpũ para irem com ele. Sabia também o dia em que ele chegaria. Por isso, ele foi participar da dança de ãgãmahsãpũ na Maloca do Rio. A casa de Óá ficava no Rio Tiquié, na Serra do Mucura (Óáũhtã), onde ele vivia sozinho com a sua velha avó. Daí é que ele foi para Diáwi'i. Ele chegou lá no dia certo, depois de ãgãmahsãpũ ter entrado na maloca. Quando chegou, ele disse:

“Sów! Yũ pagũmũrẽ dehkó iri tamũrĩ mahsũ”, isto é, “Alô, eu vim ajudar o meu primo a tomar essas bebidas”.

Na verdade, ele só veio para atrapalhar ãgãmahsãpũ na sua conquista das duas moças. ãgãmahsãpũ se deu conta disso e ficou aborrecido com Óá. Óá não tirava o olho de ãgãmahsãpũ. Sempre que este se aproximava das duas moças, ele corria para escutar o que ia dizer.

73. Caluromys Phillander.

As filhas de Diápĩrõ estavam sentadas no centro da maloca, no lugar onde as mulheres costumam sentar nos dias de dança. Já era meia-noite e *Ãgãmahsãpu* estava começando a fazer a cerimônia de *yuri-iriri*, ou cerimônia de beber o resto do caapi. O camuti de caapi ficava sempre na frente do quarto do chefe da maloca. Os homens, ao terminar de tomar o restinho dessa bebida, voltavam ao seu lugar, fazendo gestos e dizendo:

“Nem o caapi me derruba”.

Esse rito da volta chama-se “*pari-pari*”, que quer dizer:

“Eu sou valente”. Ao terminar esse rito, *Ãgãmahsãpu* viu as duas moças e perguntou para elas:

“Onde vocês estavam quando eu cheguei?”

Responderam, rindo:

“Estávamos aqui mesmo, você não nos viu?”

“Não, eu não as vi!”, ele respondeu.

E ele passou adiante. *Oá* também foi falar com elas, mas elas não lhe responderam porque ele era muito feio. Mesmo assim, ele tentou fazer elas gostarem dele, mas elas nem lhe davam a menor atenção. *Ãgãmahsãpu* não conseguiu mais falar com as moças porque *Oá* estava sempre perto dele para ouvir o que ele ia dizer para elas. Num certo momento, ele cantou a sua cantiga mais bonita:

“*Wôô wôô sôrôrô wôô sôrôrô*”.

O seu canto encantou as moças, que quiseram acompanhá-lo de qualquer maneira. *Oá* percebeu que elas estavam gostando de *Ãgãmahsãpu* por causa do seu canto. Começou a fazer brincadeiras para fazê-las rir. Mas elas ficaram sérias. Vendo que elas não estavam ligando para ele, *Oá* aproximou-se de *Ãgãmahsãpu* e pediu que ele lhe emprestasse a sua flauta porque ele queria tocar. Mas *Ãgãmahsãpu* não quis emprestá-la para aquele bobo. *Oá*, então, resolveu ser claro:

“Primo, nós vamos levar essas moças para as nossas malocas”.

Mas *Ãgãmahsãpu* não respondeu nada para ele. Mesmo assim, *Oá* não o largou mais. O grupo de *Ãgãmahsãpu* aproximou-se das duas moças e disse:

“Vocês devem ir com o nosso chefe, ele é muito bom”.

Um deles, o jacamim⁷⁴, cantou de maneira suave para elas, dizendo:

“Minhas primas, amanhã partiremos com o nosso chefe!”

Assim cumpriam a ordem de *Āgāmahsāp** de ajudá-lo a conquistar as moças.

Já estava clareando quando *Āgāmahsāp** se aproximou das duas moças e, mesmo estando *Óá* por perto, disse para elas:

“Quero que as duas venham comigo. Sairei de manhãzinha e chegarei à minha casa depois de amanhã, quando as mulheres prepararão o primeiro caxiri, o *kōrāsuriđehko*, para a nossa merenda. No dia seguinte, faremos o grande caxiri para o dia de dança. Quero que vocês estejam na minha casa nesse dia”.

Elas aceitaram o seu convite. Ele explicou ainda:

“Vocês devem ir pelo caminho da direita, que as levará ao Rio Uaupés, porque o da esquerda, do Tiquié, é o caminho que leva à casa de *Óá*. Vou deixar no meu caminho, o da direita, uma pena da cauda da arara vermelha. No caminho da esquerda, deixarei uma pena da cauda da arara verde. Este caminho é o da maloca de *Óá*”.

Óá ouviu tudo.

O dia amanheceu e *Āgāmahsāp** saiu com o seu grupo da Maloca do Rio. *Óá* saiu também, atrás deles. Na encruzilhada dos dois caminhos, ele fez conforme havia explicado para as duas moças, colocando uma pena da arara vermelha no caminho da direita. Este caminho da direita era o Rio Uaupés. Para eles, nesse tempo, os rios eram caminhos. E no caminho da esquerda, ele deixou a pena da arara verde. Este caminho era o Rio Tiquié, o caminho de *Óá*. Ao chegar na sua maloca, *Āgāmahsāp** mandou preparar caxiri. As moças sabiam em qual dia elas deviam chegar na maloca dele. *Óá* conhecia também o dia em que as moças iriam sair da sua maloca para ir àquela de *Āgāmahsāp**. No dia marcado, as duas moças saíram escondidas da maloca do seu pai e chegaram

74. *Mõãborebu* em desana, Psophia sp.





ao encontro dos dois caminhos. Nesse mesmo dia, Oá saiu bem cedo da sua maloca, dizendo para a sua velha avó:

“Avó, eu vou passear no mato. Fique aqui porque as suas netas vão chegar hoje”.

“Muito bem”, respondeu a velha.

Mas Oá não foi passear no mato. Ele foi para a encruzilhada dos caminhos para mudar as penas de lugar: no caminho da direita, colocou a pena da arara verde, e no da esquerda, a da arara vermelha. Feito isso, ele subiu no ingazeiro que havia nesse lugar e esperou a chegada das moças.

Pouco depois, elas chegaram. A mais velha perguntou para a sua irmã:

“Qual será o caminho certo?”

“O caminho da direita, respondeu ela, você não se lembra do que ele disse?”

“Não! Ele mandou a gente seguir o caminho onde estaria a pena da arara vermelha”, retrucou a primogênita.

A mais nova insistiu:

“Não, ele disse o caminho da direita, porque o caminho da esquerda é o da casa de Oá, você não se lembra?”

Mas a primogênita não quis ouvir a sua irmã menor. Foram pelo caminho da esquerda e Oá, todo contente em cima do ingazeiro, viu que elas iam chegar na sua casa. Ele desceu então do ingazeiro e foi recolocar as penas nos seus respectivos lugares, isto é, a vermelha no caminho da direita e a verde no caminho da esquerda.

As moças vinham pensando que já estavam perto da maloca de *Āgāmahsāp**, daquele homem simpático de que já gostavam muito. Na verdade, elas estavam se dirigindo para a casa de Oá. Este, feliz da vida, estava atrás delas. Chegaram lá à tardinha. Não havia ninguém, tudo estava calmo. As moças pensaram consigo mesmas:

“Onde estarão aqueles homens que dançaram em nossa maloca?”

Elas se aproximaram e, quando entraram, viram no fundo da maloca uma velha trabalhando tuiuca, fazendo camutis. As moças a saudaram assim:

“Né *surãñehkõ*”, ou seja, “Alô, avó das nossas avós”.

Era a saudação de entrada. A velha respondeu:

“Alô, minhas bisnetas”.

“A senhora está sozinha?”, perguntaram as moças.

A velha respondeu:

“Estou com o meu neto, o primo de vocês”.

As moças pensaram que a velha fosse a avó de *Āgãmahsãpũ*, mas ela não o era, ela era a avó de *Óá*, a Mucura. Examinaram a casa curiosas, reparando em tudo o que havia. Foi quando a velha disse:

“Fiquem esperando aqui. Meu neto, o primo de vocês, já vai voltar. Ele saiu bem cedo e, antes de sair, ele me avisou que vocês chegariam hoje e pediu que eu recebesse vocês”.

As moças riram para a velha, que acrescentou:

“Minhas netas, enquanto vocês esperam a volta do seu primo, deem-se na rede dele”.

E mostrou a rede dele. Curiosas, as moças foram vê-la. A mais nova mexeu na rede e voaram uma porção de moscas, zoando: “*óá óá*”. As moscas estavam chamando a mucura. A rede fedia muito. A moça mais nova fez gesto com o olho para a sua irmã e disse:

“Está vendo?”

Mas já estava muito tarde para elas voltarem!

Nesse momento *Óá* apareceu. Entrou pela porta traseira da casa, onde estava sentada a sua velha avó. Antes de entrar, deu uma pancada forte na parede. Saudou a avó, dizendo:

“*Sów! Surãñehkõ duari!*”, isto é, “Alô, avó, a senhora está sentada?”

A velha respondeu que sim, que estava sentada. *Oá* perguntou então se havia gente estranha na casa. A velha respondeu que não, que apenas as primas dele haviam chegado. *Óá*, todo contente, retrucou:

“Foi ótimo elas terem vindo me ver. Eu estou morando sozinho e preciso de companhia”.

As moças não sabiam o que fazer. O sol já estava se pondo e elas não podiam arrear caminho. Óá perguntou para a sua avó se os *Maku* haviam chegado. Ela respondeu negativamente e ele continuou dizendo:

“Eu penso que eles chegaram, mas como eles têm vergonha, não entram numa casa quando há muita gente”.

Dizendo isso, ele saiu pela porta da frente da casa. Aí, ele viu um embrulho de formigas maniuaras que ele próprio havia deixado antes de entrar. Aí, ele gritou:

“Está vendo? Eu não disse que os *Maku* tinham chegado? Deixaram aqui um embrulho de maniuaras”.

O embrulho estava pendurado na parede de fora. Óá disse para a velha:

“Avó, vem tirar esse embrulho de maniuaras que os *Maku* deixaram, prepare e dê para as suas netas comerem”.

A velha saiu, tirou o embrulho e fez conforme lhe fora ordenado. Mas as moças não comeram nada, porque eram *óámêgã*, ou seja, as maniuaras de mucura. No mato, costuma-se encontrar essas maniuaras que ninguém come porque fedem muito, igual mucura.

Enquanto isto, anoiteceu. As moças não tinham rede. A velha mandou-as deitar com o neto dela. O jeito era fazer isso mesmo, já que não havia outra rede na casa. As duas deitaram com Óá, que ficou no meio. Óá não dormiu nada esta noite. Passou-a mexendo com elas, mas não foi aceito por nenhuma delas. Todavia, lá pela madrugada, a primogênita acabou por aceitá-lo. Até a meia-noite ela não o aceitou. Por isso, vendo que elas não o aceitavam no lugar próprio para isso, Óá passava o seu pau pelo corpo todo delas, na barriga, no pescoço, nas mãos, nas pernas. Por essa razão é que, hoje em dia, as mulheres têm um cheiro diferente, porque Óá as estragou. Antes disso, as mulheres tinham um cheiro gostoso. Cheiravam a abacaxi. Se Óá não tivesse feito isso, as mulheres cheirariam assim até hoje.

Pois é, a primogênita acabou por aceitá-lo, mas não a caçula. Às duas horas da madrugada, Óá foi tomar banho no porto com as duas moças. Ali, viveu mais uma vez com a que o havia aceito na rede, isto é, com a primogênita. Ainda hoje pode-se ver o lugar onde ele teve relação com a moça. Há sinais gravados na pedra, mostrando claramente o lugar onde se situava o porto de Óá. Fica na Serra da Mucura, no Rio Tiquié, acima da povoação de Fátima.

Óá não tomou banho somente num porto. Foi a vários outros, batendo na água para fazer barulho e dar a entender às moças que não estava sozinho, que havia muita gente na sua casa. Fez isso de vergonha das moças. De volta do banho, as moças ficaram pensando em *Āgāmahsāpu*. Estava amanhecendo o dia da dança e elas se esforçavam para ouvir o reboar do trocano dele. Ao ouvir o primeiro sinal, saíram correndo para sentir de onde provinha o som. Vinha na direção delas, da casa de Óá, onde estavam. Então a mais nova disse:

“Eu não fico aqui. Quando clarear vou na direção do reboar do trocano. Você querendo fica aqui, porque Óá já viveu com você!”

Mas a primogênita respondeu que iria embora também.

Elas estavam fora da casa de Óá. Óá também ouviu o som do trocano e disse para as moças:

“Estão ouvindo? Meu primo Óá é muito doido. Está tocando o trocano à toa, Eu vou tocar o meu também”.

Dizendo isso, ele pegou o seu tambor e começou a tocar. O som saía assim: “oá tu, oá tu, oá tu”. O tambor chamava a ele próprio, como quem diz: “mucura, mucura, mucura”. Não adiantava mais esconder o seu nome para que as moças pensassem que ele fosse o esperado *Āgāmahsāpu*. As moscas, as maniuaras e, finalmente, o trocano revelaram a sua verdadeira identidade.

Antes de clarear, as moças deixaram a casa de Óá e tomaram o rumo do reboar do trocano. Foram andando a esmo, na direção da maloca de *Āgāmahsāpu*, e chegaram até lá, mas na outra margem do Rio Uaupés. O sol ainda não havia despontado. Elas ficaram sentadas na beira do rio porque não havia canoa para

atravessar. Enquanto estavam sentadas, veio subindo o martim-pescador⁷⁵, que tinha ido buscar um saco de marácãs para a festa desse dia. Foi *Āgāmahsāpu* que mandou trazê-lo. As moças chamaram-no para atravessarem o rio na sua canoa. O martim-pescador veio encostando. Ao chegar perto delas, sentiu o seu cheiro ruim. Afastou-se logo, dizendo:

“Vocês estiveram na maloca de *Ūá*, não é? Estão fedendo muito. O nosso chefe esperou por vocês ontem. Agora ele vai dançar!”

Dizendo isso, ele tomou a direção da maloca de dança. Pouco depois, veio um patinho que fora tirar o cipó de caapi, de cuja casca e algumas folhas se fazia a bebida. Era *Diakomã*, o ipequi picapara⁷⁶, que se costuma ver na beira do rio. Ele vinha com um enfeite de fio de algodão na cabeça. Por isso, esse pássaro tem, hoje em dia, uma linha branca na cabeça. As moças chamaram-no, pedindo-lhe passagem para atravessar. Ele veio se aproximando mas, quando chegou perto delas, ele sentiu o mau cheiro delas e disse a mesma coisa que o martim-pescador. Em seguida, dirigiu-se à maloca de dança. Estes eram os empregados de *Āgāmahsāpu*. Depois dele veio o jacaré⁷⁷. Ele tinha uma grande canoa, mas muito velha e feia. Também a ele, as moças pediram passagem. Como ele não sentiu o cheiro fedorento delas, levou-as até o porto da maloca de *Āgāmahsāpu*.

As moças foram para a maloca. Todos olharam quando entraram. Dirigiram-se para onde estava *Āgāmahsāpu*, rodeado de gente. Como elas fediam muito, *Āgāmahsāpu* deu ordem às mulheres para recebê-las. Estas as mandaram entrar pela porta dos fundos. Por isso, nos dias de festa, as mulheres sempre entram pela porta traseira da maloca. Não fosse isso, entrariam pela porta da frente. As mulheres lavaram as duas moças com plantas cheirosas para tirar do seu corpo o fedor de *Ūá*. O restinho que ficou é o cheiro que homens e mulheres têm debaixo dos braços. Se não

75. *Sārã* em desana, *Chloroceryle amazona* Gmel.

76. *Heliornis fulica* Bod.

77. *Díake* em desana, da família dos Crocódídeos.

tivessem sido lavadas, existiria no corpo todo. Fizeram isto às oito horas da manhã.

Neste dia, *Āgāmahsāpṭ* executou os mesmos ritos que fez nas Malocas de Transformação. As garças, as cegonhas, as garças-reais e os socós eram seus preparadores de ipadu. O som do canto do saracura (*saraku*)⁷⁸, “*saraku, saraku totó, saraku totó*”, parece o som produzido quando se soca o ipadu: “*tó tó*”.

Āgāmahsāpṭ estava reunido com todas essas aves quando chegou *Óá*. Ele entrou na maloca depois das moças, dizendo:

“*Sów! yu pagumũrẽ mahsākarimahsũ*”, isto é, “Alô, vim visitar o meu primo”.

Āgāmahsāpṭ já sabia porque ele estava ali. Aliás, o próprio *Óá* confessou logo:

“Olha, primo, fugiram duas moças que estiveram na minha casa. Eu as recebi bem, por isso vim atrás delas. Estão por aqui? Tenho certeza que já chegaram. Então, entregue-as logo, porque foram para a minha casa primeiro”.

Āgāmahsāpṭ não quis discutir. Disse apenas que não haviam chegado. Antes de ir para a maloca dele, *Óá* havia falado para a sua velha avó:

“Olha, minha avó, suas netas fugiram de mim. Vou buscá-las na maloca de *Āgāmahsāpṭ*, vou retirá-las de lá. Somente voltarei aqui depois que ele as entregar para mim. Se não as entregar, não hei de voltar. Isto é que a senhora deve saber. Por isso, deixo aqui a minha cuia. Se eles me matarem, meu sangue voltará a essa cuia. Se não me fizerem mal algum, isso não acontecerá! Por isso, preste atenção a esta cuia”.

A velha aceitou a palavra do seu neto. Depois, *Óá* foi para a maloca de *Āgāmahsāpṭ* e nós vimos o que ele fez. *Āgāmahsāpṭ* dançou o dia inteiro. *Óá* também continuou a insistir para que ele lhe entregasse as moças. Enquanto isso, a velha ficou vigiando a cuia, que continuou vazia o dia inteiro.

78. *Saraku* em desana, *Aramides cajanea*.

Anoiteceu. À meia-noite, antes de ir tomar o resto do caapi, *Āgāmahsāp** cantou a sua cantiga, a mesma de quando esteve na maloca de Diápĩrõ. Ouvindo-a, as moças disseram às mulheres da maloca:

“Foi isso que nos trouxe aqui. É isso que nós gostamos nele”.

De madrugada, *Āgāmahsāp** continuava dançando e *Óá* repetindo as mesmas frases. A velha ficou vigiando a cuia a noite toda até a madrugada. A cuia continuava vazia e a velha pensou consigo mesma:

“Até agora o meu neto continua vivo”.

Óá não parava de repetir as mesmas palavras, exigindo de *Āgāmahsāp** que ele lhe entregasse as duas moças:

“Se você não quer me entregar as duas, dê-me ao menos uma, assim cada um de nós ficará com uma”.

*Āgāmahsāp** respondeu:

“Não vou lhe dar nenhuma. Fui eu quem as convidei para vir até a minha maloca! Erraram o caminho e foram parar na sua casa. Se quer passar bem, fique quieto. Já estou cansado de sua caceteação!”

Mas *Óá* não escutou os conselhos de *Āgāmahsāp** e este ficou ainda mais irritado. Já estava clareando o dia, quando *Āgāmahsāp** disse aos seus empregados:

“Peguem este homem, levem-no para o porto e façam com ele o que quiserem”.

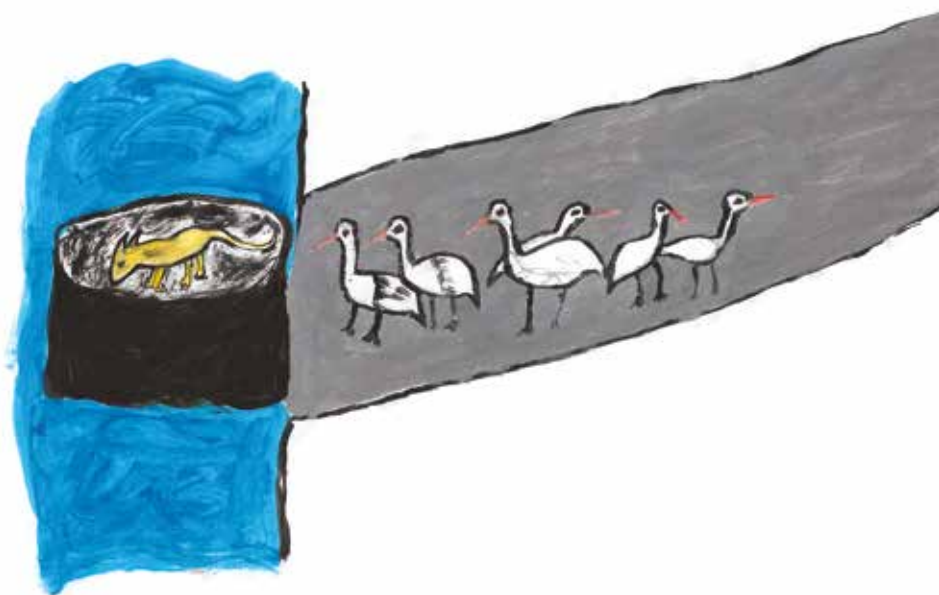
As garças, os socós e as garças-reais⁷⁹ apanharam então *Óá*, levando-o para fora da maloca. Lá, com seus punhais, mataram-no. Depois, eles o levaram para o porto e tiraram o seu escudo, que deixaram em cima de uma pedra. Hoje em dia, pode-se ver a marca do escudo de *Óá* numa pedra que fica no porto de *Āgāmahsāp**, no Rio Uaupés.

A velha foi olhar a cuia antes de clarear. Ela estava cheia de sangue. Chorando muito, ela disse:

79. Respectivamente, *ya'hi* (*Leucophoyx thula*), *õb** (*Nycticoraxnycticorax*) e *ya'hiñahkua* (*Philherodius pileatus* Bod.).

“Meu neto não pode morrer assim à toa! *Āgāmahsāpṭ* também tem que morrer!”

Quando acabou de falar isso, ela pegou a cuia de sangue, transformou este sangue em dois grandes gaviões-reais⁸⁰, e mandou-os pegarem *Āgāmahsāpṭ*. Isso quer dizer que o crime sempre vai mais adiante.



Āgāmahsāp† terminou o seu dia de dança quando o sol já estava alto, como era costume dos Antigos. Eram oito horas da manhã quando ele se aprontou para dormir. Antes disso, ele próprio lavou mais uma vez as moças para deitar com elas. Deitou com as duas numa rede só. Elas o aceitaram porque gostavam dele. Nó fim da noite, quando estava para clarear, ele foi tomar banho com elas. Ao chegarem ao porto, a mais velha disse a Āgāmahsāp† que ele já era o marido das duas. E pediu-lhe que cantasse aquele seu canto para ela ouvir. Mas ele respondeu:

“Só costume cantar em dia e hora certos”.

Mas a mulher insistiu, pedindo que cantasse uma só vez. Então, a irmã mais nova disse:

“Você não ouviu ele dizer que só canta em dia certo?”.

A outra não se conformou, voltando a pedir:

“Eu quero escutá-lo cantar só uma vez!”.

Então Āgāmahsāp† cantou:

“Wôô wôô sōrōrō, wôô sōrōrō”.

A mulher abraçou o marido e disse:

“Por favor, mais uma vez!”

“Não”, ele respondeu.

“Só uma vez”, ela insistiu.

A irmã mais nova voltou a dizer:

“Você não vê que ele não quer cantar?”

A outra fez de conta que não ouviu nada e implorou para ele:

“Só mais uma vez”.

Então ele acedeu. Os gaviões-reais, que a velha mandara de madrugada, já estavam esperando. Quando Āgāmahsāp† começou a cantar a primeira palavra, “wôô”, agarraram-no e levaram-no até Umukowî, a Maloca do Universo.

80. Gamūrã em desana, *Harpia harpya*.

EXPLICAÇÃO DA HISTÓRIA DE *Āgāmahsāpṭ*

Isso significa que não se deve casar com uma moça que namorou outro. Isso acaba em morte, como aconteceu nesta história. *Āgāmahsāpṭ* é a figura do homem que namora direito. *Ōá* queria namorar mesmo com as duas moças, mas elas não gostavam dele. Quando elas foram na maloca de *Āgāmahsāpṭ*, ele mudou, como vimos, a pena no caminho para elas irem para a sua maloca e, de noite, ele deitou com elas. Uma das duas o aceitou, enquanto a outra se negou a ter relação com ele. De manhã, as duas fugiram da sua maloca e ele foi atrás delas. *Ōá* é aquele que mexe com a noiva do outro, que atrapalha o namoro do outro. *Āgāmahsāpṭ* mandou matá-lo e o sangue voltou na cuia. Isso é sinal que aquele que atrapalha o namoro de alguém, ou mexe com a namorada do outro, será morto. Isto é, o sangue chama o sangue. A velha transformou o sangue de *Ōá* nos gaviões-reais a quem ela mandou matar *Āgāmahsāpṭ*. Isso quer dizer que os parentes do morto matarão aquele que o matou. O crime sempre traz vingança e, assim, vai aumentando. Por isso, as leis dos Antigos eram as seguintes:

1. Não se deve roubar a mulher do outro;
2. Não se deve namorar uma mulher que tem muitos tios e primos sem lhes pedir licença primeiro;
3. Não se deve amigar-se com a mulher que fugiu do marido;
4. Não se deve atrapalhar o namoro do outro.

Porque tudo isso acaba como nesta história. É cumprindo essas leis que os Antigos viviam bem, na paz.

As moças ficaram sozinhas. Isso quer dizer que as moças que se casam ou amigam desse modo, geralmente ficam logo viúvas. Por isso, essa é a primeira coisa que devem saber os pais do rapaz e os da moça.

HISTÓRIA DOS DIROÁ E DOS KOÁYEA

Vendo os gaviões-reais agarrar *Āgāmahsāpṭ*, a avó dele gritou: “Ei, vocês, pelo menos deem-me a última pena da asa do meu neto”. Atendendo ao pedido da velha, os gaviões jogaram a última pena da asa do inambu. Com esta pena, a velha formou o inambu de hoje. Ela chorou muito a morte do seu neto. Ela tinha um marido que se chamava *Siruriye* “Pajé da Peneira”. Era uma grande caba⁸¹. A velha disse ao marido:

“Os gaviões-reais levaram o nosso neto. Vá ver o que eles vão fazer com ele. Tente tirar alguma coisa dele, porque ele não pode desaparecer assim à toa”.

Diante da ordem da velha, *Siruriye* foi até a Cachoeira das Onças (*Yeawhtāmūwi*), que fica onde hoje se situa a Missão de Iauareté. É que os gaviões haviam levado *Āgāmahsāpṭ* para a maloca dos KOÁYEA, as “Onças⁸² de Cuias”, para que todos se banqueassem com o seu corpo.

O velho foi. Ao chegar, fez a saudação de entrada: “*Sów*”. As onças e os gaviões responderam: “*Uu*”, que é a saudação de recepção. Ofereceram-lhe um banco para ele sentar. Não o conheciam, pensavam que fosse um estranho. Pediram que ele esperasse enquanto preparavam a comida. O velho respondeu que esperaria. Enquanto isso, a panela com a carne do neto estava fervendo. Pouco depois, trouxeram-na para comerem todos juntos. Trouxeram o pilão e comentaram entre si:

“Vamos comê-lo em pedaços ou socado no pilão? Pode acontecer alguma coisa de ruim para nós se o comermos em pedaços”.

E perguntaram:

“Quem quer socar essa carne?”.

O velho respondeu logo:

“Eu vou socar”.

“Muito bem”, disseram.

81. Ou vespa.

82. *Panthera onca*.

O velho pegou o pilão, encheu-o de carne e começou a socar. Antes de socar, porém, ele escolheu o osso direito da perna de *Āgāmahsāpt* e o deixou num cantinho do pilão. O resto, ele socou tudo. As onças e os gaviões recomendaram ao velho que socasse bem. E ele retrucou:

“Estou socando tudo!

Não estão ouvindo os ossos quebrarem?”

Quando acabou de socar, tirou a carne e os ossos do pilão e serviu para eles. Socou o resto da carne, enquanto comiam. Serviu-lhes então o resto e, enquanto eles estavam comendo, ele tirou o osso direito. Fingindo matar uma mutuca, ele jogou longe o osso. Antes, haviam-lhe dito que não jogasse fora nenhum grãozinho porque podia acontecer alguma desgraça a todos eles. Por isso também, todo mundo comia com muito cuidado. Mas, mesmo assim, o velho jogou o osso. Pouco depois, ouviu-se um grande barulho. Ouvindo esse barulho, eles perguntaram:

“Quem jogou? Quem jogou? Nós tínhamos avisado para tomar muito cuidado! Agora nunca mais teremos sossego, porque algum de nós deixou cair um pedaço (de osso)!”

O velho tranquilizou-os dizendo que daquela carne não havia caído nenhum grão:

“Olhem como eu estou fazendo!”

Dizendo isso, ele lambeu a folha de bananeira onde havia posto a sua comida para mostrar que não estava deixando para trás nenhum grãozinho. Por isso, a caba costuma lambe bem o que come. A gente vê ela fazer isso hoje em dia.

Assim que terminaram de comer *Āgāmahsāpt*, o velho voltou para a sua casa. Ele havia cumprido as ordens da velha.

Quando chegou, ele disse para ela:

“Eu fiz conforme você me ordenou. Vá ver no lago do nosso porto!”

Mas a velha não foi logo. Só mais tarde é que ela foi e encontrou dois peixinhos bem fininhos, que nós chamamos *Diroá*. Esses peixinhos estavam no porto. A velha tentou pegá-los com as mãos

mas não conseguiu. Escapuliram. Ela tentou então pegá-los com uma peneira e tampouco conseguiu, porque pulavam. Foi então buscar um puçá grande, mas nem com esse puçá pôde agarrá-los. Então, voltou para a casa e teceu um puçá menor com o qual conseguiu apanhar os peixinhos. Levou-os para a casa, colocando-os no cesto de defumar pimenta que se parece com um pequeno matapi. Durante a noite, os *Diroá* se transformavam em pequenos grilos⁸³ e comiam a pimenta torrada. Levavam os grãozinhos de pimenta e os colocavam no olho da velha. Faziam isto todas as noites. Certa noite, os *Diroá* comeram o cabo das redes dos velhos, que caíram no chão. Aborrecidos, resolveram matá-los. Mas os peixinhos, que à noite viravam grilos, desapareceram. Depois que os velhos se acalmaram, tornaram a voltar.

Um dia, a velha estava trabalhando tuiuca e viu-os transformarem-se em seres humanos. Aí, mandou-os trabalhar a tuiuca junto com ela. Quando secaram os camutis que estava moldando, a velha foi buscar lenhas. Depois ela levou os *Diroá* para a roça para queimar os camutis. Colocou-os debaixo de um camuti e prendeu fogo à lenha. Na realidade, ela estava ensinando os *Diroá* a aguentarem os grandes perigos. Quando a lenha estava em brasa, a velha levantou um pouco o camuti para olhar os pequenos. Viu-os em brasa, mas eles estavam dançando como se não estivessem queimando. A velha baixou outra vez o camuti. Quando a brasa apagou, ela retirou o camuti. Os pequenos estavam bem vivos, todos contentes. Isso quer dizer que, para fazer a guerra, deve-se treinar muito e saber muitas coisas. Era para isso que os velhos estavam fazendo essas coisas, para treinar os *Diroá*. Eles voltaram com a sua avó e foram tornar banho.

Pouco depois, o avô os levou para queimar a sua roça. Mandou-os ficar no meio da roça e ateou fogo. Ele foi queimando a roça com pressa, para queimar os pequenos. E o fez mesmo! O fogo os envolveu e eles gritaram:

83. *Muhsĩka* em desana, inseto ortóptero da subordem Grylloidea.

“Socorro, vovô, o fogo está nos queimando”.

Mas o velho não respondeu. Entraram então nas embaúbas e, com elas, explodiram. Foram cair no rio. Voltaram para a maloca antes do velho avô. Tudo isso era para torná-los corajosos e valentes porque os velhos iam contar-lhes a história de *Āgāmahsāpṭ*, que era como se fosse o pai deles.

Depois dessa experiência, os velhos contaram-lhes o que os gaviões fizeram para *Āgāmahsāpṭ*. Ouvindo essa história, eles quiseram saber onde poderiam encontrá-los. A velha contou que eles se encontravam na Serra da Mucura, no Rio Tiquié. Os *Diroá* decidiram ir para a casa de *Óá* para matar os gaviões. Chegando lá, não os viram. Somente encontraram uma velha, a quem cumprimentaram:

“*Sów, surãõehkõ*”, isto é, “Alô, bisavó!”

A velha, que era a avó de *Óá*, o Mucura, recebeu-os bem, oferecendo-lhes um banco para sentarem. Ficaram conversando. A velha estava cozinhando breu. Perguntaram o que ela estava cozinhando. Ela respondeu:

“Breu, meus netos!”

“Para quê a senhora está cozinhando breu?”

“É para queimar os *Diroá*”, respondeu a velha. “Acaso vocês não são eles?”

Eles negaram.

“Vocês não viram os *Diroá* andando por aí?”. Responderam que não.

“Ouvi dizer que eles já estão chegando para matar os meus netos porque eles comeram *Āgāmahsāpṭ*. Ouvi dizer que eles são fortes e que ninguém os aguenta. Por isso, eu estou cozinhando breu para queimá-los na hora em que eles pegarem os meus netos”.

Disseram então:

“É assim, avó? A senhora sabe quantos são os *Diroá*? Eles são muitíssimos, eles vão chegar muito numerosos! Vão encher este mundo! Com essa panela de breu a senhora não vai matar todos eles, essa panela não é nada na frente deles! Nós vamos ensinar

para a senhora como fazer para matar todos eles. A senhora deve fazer o seguinte. Na hora em que eles matarem os seus netos, a senhora pega uma panela de água e enche com ela a panela de breu, para aumentar o breu. Depois a senhora joga o breu em cima deles. Somente assim é que a senhora matará alguns deles, porque eles são muito numerosos”.

A velha acreditou na palavra deles.

Olhando por aí, eles viram as flautas de osso e perguntaram a quem pertenciam. A velha respondeu que eram dos netos dela.

“Nós queremos vê-las, vovó”.

Dizendo isso, eles foram pegar as flautas. Mas a velha logo avisou:

“Não as toquem, os meus netos são muito bravos e eu não quero vê-los matar vocês!” .

“Eles são bravos mesmo?”, perguntaram.

“Eles são muito bravos”, respondeu a velha.

“Onde estão eles?”, perguntaram.

A velha mostrou:

“Eles estão lá”.

Aí, eles disseram:

“Nós queremos ir vê-los” .

A velha disse:

“Não vão, eles vão comê-los” .

“Quando é que eles vão voltar?”

“Eles chegam somente quando eu os chamo, quando eu acabo de preparar a comida é que eu costumo chamá-los” .

Eles disseram:

“Chame-os! Nós queremos vê-los” .

A velha respondeu:

“Se eles chegarem aqui, é certo que eles vão comer vocês!”

Eles responderam:

“Então, nós vamos nos esconder!”

“Então, tudo bem!” .

Dizendo isso, a velha foi buscar as flautas de osso dos seus

netos. Enquanto isso, os *Diroá* treparam em cima dos travessões da casa. Um postou-se em cima da porta de trás, o outro na da frente. Cada um tinha na mão um puçá invisível. Com estes puçás invisíveis, eles fecharam as portas da maloca para pegar os gaviões quando eles entrassem, porque os gaviões tinham o costume de entrar cada um por sua porta, ao mesmo tempo. Por isso, eles ficaram esperando-os em cima das duas portas da casa.

A velha não viu os puçás.

Quando estava tudo pronto, eles mandaram-na tocar as flautas e a velha tocou. As flautas soavam como o canto do gavião:

“Pĩpĩ pĩre pĩpĩ pĩre”.

A velha tocou três vezes. Aí, os gaviões chegaram, entrando ao mesmo tempo, cada um por sua porta. E caíram nos invisíveis puçás. Os *Diroá* os envolveram nos puçás e os levaram para fora da maloca. A velha foi logo pegar a panela de breu e fez conforme eles lhe haviam explicado. Mas eles a tinham enganado! Ela misturou o breu com água fria, pegou a cuia e quis jogar o breu em cima deles. Mas o breu endureceu e a velha não pôde fazer mais nada. Ela ficou gritando, pedindo que, ao menos, eles lhe deixassem as últimas penas das asas dos seus netos. Ouvindo o seu pedido, os *Diroá* lhe jogaram uma pena e, com ela, a velha criou o gavião-real que a gente conhece hoje. Antes, o gavião era bem maior de tamanho do que o de agora. Os *Diroá* tiraram os ossos dos gaviões e, com eles, fizeram flautas para eles tocarem. Voltaram outra vez para a sua maloca e contaram para a sua velha avó o que tinha acontecido.

Um dia, eles foram ao mato com a avó para buscar maniuaras. A avó ficou apanhando as maniuaras enquanto eles faziam molecagem perto dela. A velha disse-lhes então:

“Venham me ajudar a apanhar as maniuaras! Eu os trouxe aqui para vocês me ajudarem!”

Mas eles não escutaram a velha. Por perto, havia aqui grande árvore chamada *nehesẽrõ*⁸⁴, cuja fruta é muito apreciada pelas

84. Não identificada.

cutias, pacas e outros bichos. Os Diroá treparam na árvore. Vendo eles subirem, a velha disse:

“Quem mandou vocês subirem? Desçam daí depressa!”

Mas eles não obedeceram e continuaram a subir na árvore. Vendo que não desciam, ela gritou:

“Não trepem no galho esquerdo, porque podem morrer. Subam só no galho direito”.

Mas eles não escutaram e subiram no galho esquerdo. De lá, eles avistaram grandes roças com moças trabalhando. Eram as filhas dos Κοάγεια, isto é, das Onças de Cuias. Eram as netas da velha. Vendo as moças trabalharem, os Diroá começaram a atirar-lhes frutas. Ao cair, cada fruta se transformava numa grande cutia chamada em desana *nehesēōbu*, que gritava:

“Kē kē kē kē”.

Vendo-as, as moças pegaram paus para matá-las. Corriam atrás delas mas as cutias entravam no mato. Os Diroá atiraram novamente uma fruta e aconteceu a mesma coisa. As moças corriam atrás das cutias, rindo e gritando.

Os Diroá riam baixinho, mas a velha os ouviu e gritou:

“O que estão fazendo? Por que riem tanto? Desçam daí depressa!”.

Um deles respondeu:

“Não estamos fazendo nada de mal, avó. Meu irmão foi picado por um bichinho, por isso estamos rindo”.

A velha, sabendo que faziam alguma coisa errada, retrucou:

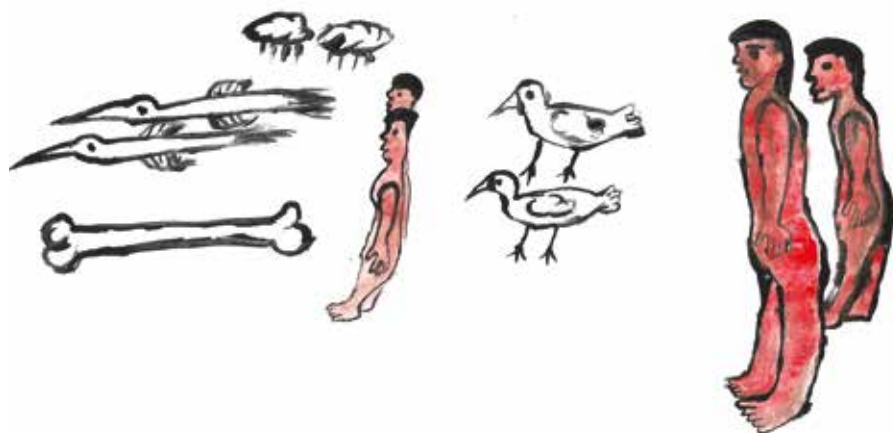
“Eu os trouxe aqui para me ajudarem a apanhar maniuaras e não para fazerem molecagem. Desçam logo da árvore”.

Mas eles não obedeceram à velha. Ela continuou:

“Desçam logo, vão subir tocandiras para picá-los!”

Mesmo assim, eles não desceram.

A velha, vendo que não lhe obedeciam, tirou o sebo da sua vagina e dele fez o corpo de uma tocandira. Depois tirou um pelo da região púbica e, dele, fez o ferrão da tocandira. Em seguida, tirou o veneno do Trovão da Maloca do Universo e colocou-o no



ferrão da tocandira. Tirou ainda o cerne da pupunheira, com que os Antigos faziam estaca de cavar⁸⁵, e enfiou-a na base do tronco da árvore. Fez um buraquinho e aí meteu a tocandira feita por ela, que logo se multiplicou. Então, ela gritou para os seus netos:

“Olhem! Estão subindo muitas tocandiras para picá-los! Eu os avisei que deviam descer”.

Ouvindo isto, os Diroá foram descendo até chegar ao encontro do galho com o tronco, mas este já estava repleto de tocandiras. Não havia jeito deles descerem sem serem picados! Transformaram-se então num pequeno pássaro muito alegre chamado sibi e foram descendo cantando, felizes e contentes. Ao chegaram no meio do tronco, um deles foi picado e caiu no chão morto. Em seguida, foi picado o outro, que também caiu morto. A velha disse:

“Bem feito, não quiseram obedecer-me”.

Depois ela benzeu água para fazê-los voltar à vida. Enquanto isso, tornaram-se invisíveis e ficaram escutando o que a velha dizia, através dos próprios ouvidos dela. Quando terminou de benzer, a velha abriu a boca dos passarinhos mortos e introduziu a água benzida. Levantaram-se no mesmo instante, já com o corpo que tinham antes, isto é, com corpo humano. Zangada, a velha disse:

85. Ūrĩnumũmihī.

“Não subam mais, ajudem-me a apanhar maniuaras para voltarmos logo”.

Concordaram em ajudá-la. Foram então cavar cada qual um buraco, encontrando montões de maniuaras. Acabaram apanhando uma quantidade muito maior do que a velha. Nesse momento, eles pensaram em formar uma aranha. Tiraram um cipó chamado *menegoanadihsikoda* “cipó da saliva da formiga taracua”⁸⁶, descascaram-no e, com ele, fabricaram uma aranha com patas e tudo. Depois, tiraram os espinhos de um pé de zarabatana⁸⁷, do qual se fabrica a zarabatana, e os colocaram nas patas da aranha que eles haviam feito com o cipó. Por isso é que, hoje em dia, a aranha tem pelos nas patas.

Depois eles foram tirar o espinho de um arbusto chamado *busuñu*⁸⁸, com que fizeram os ferrões da aranha. Por isso, hoje em dia, o ferrão da aranha se parece com esse espinho. Saiu uma aranha perfeita, que lhes provocou grandes gargalhadas. Aí, a velha gritou:

“O que vocês estão fazendo, moleques?”

“Não estamos fazendo nada, avó. Este aqui foi mordido por uma maniuara, por isso estamos rindo”, responderam.

Tiraram o veneno do Trovão, como havia feito a velha avó, e colocaram-no no ferrão da aranha.

Nesse instante, um dos *Diroá* foi deixar as maniuaras no aturá da velha, que ficou cheio. Ainda havia maniuaras para recolher. A velha gritou:

“O aturá está cheio, meus netos”.

Eles responderam:

“Por que a senhora não trouxe um aturá maior? Estão saindo muitas maniuaras aqui”.

Dizendo isso, eles fizeram aparecer umas folhas chamadas

86. Não identificado.

87. *Buhuñu* em desana.

88. Não identificado.

“folhas de aranha”⁸⁹, parecidas com as da sororoca, só que elas crescem numa árvore mais baixa, para embrulhar o resto das maniuaras. Disseram para a velha avó que fosse buscá-las e jogaram a aranha no meio das folhas. Quando a velha meteu a mão para pegar uma folha, uma aranha a picou e a velha caiu no chão morta.

“Bem feito, bem feito, aguento!”, gritaram os *Diroá*.

Repetiram as palavras que a velha havia dito quando foram picados pelas tocandiras. Depois, eles fizeram uma cerimônia para fazê-la voltar à vida. A cerimônia era a mesma da velha. Quando terminaram, meteram na boca da velha a água benzida. Assim, ela voltou à vida.

A velha passou-lhes então o maior carão. Responderam:

“Não fomos nós que fizemos isso, foram esses insetos peçonhentos do mato. Nós próprios fomos picados pelas tocandiras! Não fosse a senhora, teríamos morrido. Foi a senhora que nos salvou”.

E disseram ainda:

“Olha avó, vamos voltar para casa porque os insetos deste mato são muito bravos. Se ficarmos mais um pouco, acabaremos sendo mortos”.

Dizendo isso, levantaram-se e foram voltando, até chegarem à maloca da velha. Estavam contentes e contaram ao seu avô o que havia acontecido.

Dias mais tarde, amanheceram sem mingau e sem beiju. Perguntaram à avó:

“Por que a senhora não preparou mingau? O que nós vamos tomar?”

A velha respondeu que não tinha tapioca para preparar o mingau.

“Há muitas roças aqui pertinho. Nós as vimos quando trepamos naquela árvore *nehesêrõ*”, argumentaram os *Diroá*.

A velha pensou e disse:

“Não tenho nada para levar a eles. Vocês não estão caçando

89. *Buhpupũĩ*.

nem pescando, vocês somente sabem ser moleques. Eu tenho vergonha de chegar lá de mãos vazias”.

“Muito bem avó, nós vamos pescar, a senhora vai ver”, disseram os Diroá.

A velha disse:

“Se vocês trouxerem peixes, eu irei pedir tapioca. Do contrário, eu não vou”.

Foram então num grande miritizal para colocar matapis para pegar muçuns e outros peixes de escama dura que existem nos pequenos igarapés. Quando estavam no miritizal, cada um tirou uma nervura de bacaba para preparar o matapi, pronunciando as seguintes palavras:

“*Gãmiña manini muhi*”, isto é, “ninguém poderá se vingar”.

Em seguida, foram apanhar o cipó-titica⁹⁰, repetindo a mesma frase. Estavam fazendo uma reza para não serem mortos. No dia seguinte, foram ver os matapis e encontraram muitos peixes. Pusaram-nos num aturá pequeno e o entregaram à velha, dizendo:

“Aqui estão os peixes, avó! Agora a senhora pode ir pedir mandioca para eles”.

A velha pegou o aturá e disse:

“Muito obrigado, meus netos. Vou já pedir”.

Ela pegou um aturá grande, colocando dentro o aturazinho de peixes. Botou-os nas costas, despedindo-se do velho e dos netos. Mas os moleques disseram logo:

“Avó, nós também queremos ir com a senhora!”

“Eu não quero levar vocês, eu vou sozinha”, respondeu a velha. Eles ficaram calados. Dito isto, a velha foi embora.

Quando ela estava no meio do caminho, os Diroá apareceram na forma dos passarinhos sibia. Vinham cantando atrás da velha. A velha sabia que os passarinhos eram os dois moleques. Ia pensando que os peixes eram poucos e que os parentes não ficariam saciados. Então, teve uma ideia. Na mata, existe um lugar limpo

90. *Hoteropsis* af. *Jenmani*.

onde cresce um capim alto chamado em desana *sorogoro*. Despejou aí os peixes, que logo se multiplicaram. A quantidade era tal, que não cabia mais nos dois aturás. Mesmo atulhados, ainda sobravam muitos peixes. Diante do aperto da velha, os passarinhos sibia se afastaram voando. Pouco depois, voltaram em forma de pessoas. Perguntaram para a velha:

“O que aconteceu, avó?”

A velha respondeu, mentindo:

“O meu pé bateu contra uma raiz. Eu sou velha, eu não tenho mais força para carregar tanto peso!”

“Quisemos ajudá-la, mas a senhora recusou”, retrucaram eles.

Dizendo assim, eles mandaram a velha buscar folhas de *ṛãṛṇṇ* para embrulhar os peixes. A velha foi. Nesse meio tempo, conseguiram botar de volta todos os peixes no pequeno aturá. Logo chamaram-na.

“Avó, não precisa arrancar as folhas. Nós conseguimos botar todos os peixes no aturá”.

A velha voltou e viu que todos os peixes couberam no aturazinho, como antes. Aí, eles disseram:

“Se nós não tivéssemos chegado, a senhora estaria passando muito mal!”

Continuaram juntos a viagem. Transformaram-se em passarinhos de rabo comprido chamados em desana *wehenĩtẽrõa*, isto é, galo-da-campina⁹¹, e vieram pousados no aturá da velha. Assim chegaram às roças dos *Koáyẽa*. Vendo a velha aproximar-se, as filhas dos *Koáyẽa* receberam-na alegres:

“Chegou, avó? Não sabíamos que a senhora viria hoje!”

Vendo os passarinhos em cima do aturá, perguntaram:

“São seus, esses passarinhos bonitos?”

A velha moveu a cabeça, dizendo que sim. Elas continuaram:

“Queremos estes passarinhos”.

Fizeram um gesto para pegá-los. Os passarinhos voaram,

91. *Paroaria gularis*.

pousando ali pertinho. As moças saíram correndo atrás deles. Os passarinhos entraram no mato com as moças atrás. Quando estavam meio longe, transformaram-se em rapazinhos. Pegaram as moças e viveram com elas. Daí mesmo, os Diroá voltaram. Nem esperaram a velha. Chegaram em casa antes dela.

Tempos depois, o avô deles, *Siruriye*, estava tecendo uns baiaios de arumã. Enquanto isto, os moleques brincavam por perto, atrapalhando o serviço do velho. Irritado, este disse:

“Vão brincar lá fora, meus netos, e me deixem trabalhar sossegado!”

Mas eles não obedeceram. Diante da sua teimosia, o velho mandou a força da sua vida transformar-se numa grande coruja⁹², que ele deixou no ingazeiro. Depois avisou os Diroá:

“Naquele pé de ingá há uma coruja grande. Matem-na com a zarabatana que eu quero comê-la. Estou com muita fome”.

Era pura mentira! O velho queria, de fato, matar os moleques. A coruja era ele próprio. Sua intenção era que a coruja, descendo pelo tubo da zarabatana, matasse os moleques. Os Diroá pressentiram o que a coruja estava planejando contra eles e arranjaram um meio de matá-la. Um deles subiu ao espaço com uma zarabatana, enquanto o outro ficou na terra, com uma segunda zarabatana. A coruja estava aguardando o momento em que aquele que ficou no chão apontasse a zarabatana para ela, para atirar-se, tubo adentro, e devorá-lo. Ela estava olhando somente para aquele que estava na terra e não dava atenção àquele que estava no espaço. Este soprou uma seta envenenada na coruja, quando menos ela esperava, e ela caiu morta. Os dois agarraram-na e correram para a casa para mostrá-la ao velho. Mas o velho estava morto! Só então se deram conta que a coruja era o próprio velho. Então, os Diroá fizeram a cerimônia para fazê-lo voltar à vida, colocando na sua boca a água benzida. O velho reviveu. Irritado, ele vociferou:

“Vão tomar banho no porto”.

92. *Pulsatrix perspicillata*.

Mas depois, arrependeu-se e disse:

“Venham ajudar-me a tecer os balaios. Eu estou trabalhando sozinho como se não tivesse netos”.

Os *Diroá* decidiram ajudar. No dia seguinte, teceram balaios com o seu avô. Num instante, aprontaram uma porção de balaios. Quando terminaram, entregaram-nos ao velho, que agradeceu. Ele viu que eles passaram de longe a quantidade estipulada por ele. Estava tecendo esses balaios para oferecê-los aos *Koáyea*. Tinha prometido fazer um *dabucuri* de balaios na maloca deles.

No dia em que o velho estava saindo para entregar os balaios aos *Koáyea*, os dois moleques pediram para ir com ele. Mas ele se recusou a levá-los, dando a desculpa de que voltaria logo. Mas eles insistiram. Finalmente, o velho disse:

“Esperem aí que vou ver a canoa. Se couberem, vocês vão”.

Saiu levando os balaios para embarcar na canoa, enquanto os *Diroá* arrumavam as suas coisas. Ao, voltar, ele disse-lhes que a canoa ficara abarrotada de cestos, não podiam ir mesmo. Pediram para ver se ele havia embarcado tudo direito e, sem esperar a resposta, correram para o porto. Verificaram que os balaios estavam mal arrumados. Ajeitaram-nos, colocando um dentro do outro. Enquanto isso, o velho estava chegando. Disseram-lhe:



“O senhor, sendo velho, não soube embarcar direito. Agora nós arrumamos tudo. Veja, há muito lugar de sobra!”

O velho respondeu:

“É a velhice que faz isso”.

Pediram então que ele os esperasse um pouco enquanto eles iam buscar as suas coisas. Foram correndo até a casa. Enquanto estavam dentro da casa, o velho tentou empurrar a canoa para ir embora. Mas a canoa pesava como se tivesse uma rocha dentro e nem se mexia enquanto ele estava empurrando. É que os *Diroá* a tinham amarrado com uma corda invisível. Pouco depois, eles chegaram com a sua bagagem, desamarraram a corda invisível, empurraram a canoa e disseram ao velho:

“Vamos embora, vovô”.

Os dois foram se colocar na popa enquanto o velho e sua mulher ficaram na proa. Mas os moleques não remavam e a canoa quase não saía do lugar. O velho reclamou:

“Olhem, moleques, remem por favor, a canoa somente se mexe quando se rema”.

Responderam:

“Está bom, vovô, nós vamos remar!”

Dizendo isso, eles remaram. Remaram invisivelmente e a canoa ia ligeiro como se deslizesse sobre a água: os velhos caíram dentro dela. Num instante a canoa chegou no porto dos *Koáyea*.

Eles foram até a maloca dos *Koáyea* com os seus avós. Os *Koáyea* os cumprimentaram e ofereceram bancos para se sentarem. Depois suas mulheres trouxeram quinhapira e moqueados de caça diversa. Os *Diroá* ficaram atrás da sua avó. Um deles pediu-lhe a cabeça do macaco zogue-zogue⁹³ e o outro, a do jacu⁹⁴. Fingiram comê-las, mas logo depois um deles jogou a cabeça do zogue-zogue, sem que ninguém percebesse nada. Imediatamente, apareceu um grande zogue-zogue vivo na viga mestra da maloca, cantando assim:

92. *Uau* em desana, gênero *Callicebus thom*.

93. *Karamhũ* em desana, *Penelope jacucaca*.

“wãga wãga wãga wãga wãga”.

Em seguida, o outro jogou a cabeça do jacu e apareceu um jacu vivo gritando:

“poru poru poru poru”.

A velha disse baixinho aos Diroá:

“Por que vocês estão fazendo isso, vocês não tem vergonha?”

Também baixinho, eles responderam:

“Não estamos fazendo nada, avó. Esses bichos são xerimbabos deles”.

Mas a velha sabia que eram eles que estavam fazendo isto. Depois disso, o velho mandou tirar a quinhapira e o restante do moqueado. Os Koáyea ofereceram-lhes um quarto na maloca para dormir.

Passados alguns dias, os Koáyea deram-se conta de que estavam hospedando os filhos daquele homem que haviam comido, já que *Āgãmahsãp** era uma espécie de pai dos Diroá. Comentaram entre si:

“Eles são os nossos inimigos. Temos que matá-los antes que nos matem”.

Dizendo isso, convidaram os Diroá a ajudá-los a derrubar a mata para fazer roça, na esperança de matá-los com a queda das árvores. Mandaram-nos para o meio da mata, a fim de que fizessem a derrubada nesse lugar. Os Koáyea passaram a derrubar em torno para fazer as árvores tombarem de uma só vez no meio da roça. Todos os paus caíram em cima dos Diroá, mas eles não morreram. Pensando que os haviam esmagado, os Koáyea gritaram:

“Morreram os Diroá, morreram os Diroá”.

Estes, por sua vez, no meio da mata, responderam:

“Quase morremos, quase morremos”.

Os Koáyea fizeram a mesma tentativa várias vezes, sem conseguirem seu objetivo. A cada vez, os Diroá conseguiam se salvar.

Um dia, os Diroá estavam brincando de jogar pião de tucum com os filhos dos Koáyea. Primeiro, jogou um dos Diroá com seu irmão. Ficaram sentados um frente ao outro, fazendo girar o pião.

O pião começou girando no chão, depois subiu na perna de um deles, subiu até a coxa, o ventre e chegou até o peito. Daí, desceu devagarzinho até o chão. Depois continuou girando e subiu na perna do seu irmão, repetindo a mesma coisa. Depois desceu até o chão e parou. Os *Diroá* convidaram os filhos dos *Koáyea* para imitá-los, jogando o pião entre si. Dois meninos se sentaram para brincar. Eles jogaram o pião que ficou girando no chão. Depois ele subiu na perna de um dos meninos, girou na coxa e foi bater no pau dele, matando-o. Os *Diroá* lastimaram muito, dizendo que o pião errou a direção e não subiu. O outro menino morreu do mesmo jeito. Já tinham morrido dois. Os *Diroá* resolveram experimentar de novo:

“Por que será que está acontecendo isso? Nós dois vamos experimentar outra vez”.

Dizendo isso, eles se sentaram de novo para jogar o pião. O pião foi girando no chão, subiu na perna de um deles, foi virando na coxa, subiu no ventre e chegou até o peito. Daí, desceu devagarzinho até o chão. Depois ele foi girando no chão, subiu na perna do outro, foi virando na coxa, subiu no ventre e chegou até o peito. Daí, ele desceu devagar até o chão, onde parou. Disseram aos filhos dos *Koáyea*:

“Vejam como o pião sobe e desce bem!”

E chamaram dois outros meninos para jogar. O pião matou-os também. Assim foram morrendo, sucessivamente, dois a dois, vários filhos dos *Koáyea*.

Dias depois, continuando a brincar, os *Diroá* deitaram-se com os filhos dos *Koáyea* numa rede em cima do grande forno de fazer farinha. A rede, não aguentando o peso de tanta gente, arrebentou e todos os moleques caíram em cima do forno, que ficou em pedaços. Então, os *Diroá* disseram aos filhos dos *Koáyea*:

“Vamos jogar os pedaços do forno no rio, senão os velhos nos castigam”.

Recolheram os pedaços do forno e levaram-nos ao porto. Ao chegarem ali, os *Diroá* fizeram aparecer miritis e tiraram lascas

de casca dessa palmeira. Enfiaram em seguida cada farpa de miriti num pedacinho do forno quebrado e jogaram-nos ao rio. Na água, esses fragmentos se transformaram em grandes piranhas, chamadas *goroponamuñua* “piranhas de urubu”! As lasquinhas do miriti viraram dentes afiados das piranhas.

No dia seguinte, os *Diroá* disseram aos seus companheiros:

“Vamos à capoeira tirar *poegarã* (uma espécie de capim alto)”.

Todos foram. Depois levaram feixes desse capim ao rio e os estenderam de uma a outra margem. Os feixes ficaram boiando como se fossem uma ponte sobre a superfície da água. Feito isso, os *Diroá* disseram aos filhos dos *Koáyea*:

“Companheiros, vamos andar em cima desses feixes até a outra margem do rio, depois voltamos do mesmo jeito”.

Um dos *Diroá* saiu andando sobre essa ponte de feixes desamarrados e chegou à outra margem, de onde voltou do mesmo jeito. O segundo fez a mesma coisa, com igual facilidade. Então, disseram aos filhos dos *Koáyea*:

“Companheiros, experimentem andar vocês também”.

Os filhos dos *Koáyea* acharam tão bonito esse jogo que não tiveram dúvidas em imitar os *Diroá*. Um se lançou: ele foi andando, andando, chegou até a outra margem do rio e veio voltando. Quando ele estava bem no meio do rio, errou o passo e caiu no rio. Num instante, as piranhas o devoraram.

Os *Diroá* disseram:

“Vai outro, aquele mergulhou de vergonha porque errou o passo. Vamos ver quem vai fazer como a gente, na ida e na volta”.

E foi logo o segundo menino. Aconteceu-lhe a mesma coisa. Ele também foi devorado pelas piranhas. Os *Diroá* não desistiram:

“Por que vocês não sabem andar? Reparem bem como se faz!”

Nisso, os *Diroá*, um atrás do outro, atravessaram o rio correndo de uma a outra margem, andando sobre os feixes de capim. Disseram então aos companheiros para não errarem os passos:

“Tem que correr, experimentem vocês!”

Então, outros filhos dos *Koáyea* se entusiasmararam, tentando

repetir o feito. Um saiu correndo. Quando chegou na metade do rio, os feixes se mexeram, derrubando o jovem que foi comido pelas piranhas. Os *Diroá* convenceram outros a experimentar e estes, quando chegavam na metade da ponte, caíam também no rio e as piranhas os devoravam. A intenção dos *Diroá* era essa mesma: queriam acabar com todos os *Koáyea*.

Já estava se aproximando o dia de todos voltarem para a sua casa. Por isso, o avô deles, *Siruriye*, disse:

“Olhem, meus netos, nós vamos voltar daqui a pouco porque já ficamos muito tempo aqui. Já falei para os homens desta casa que iríamos voltar e eles querem fazer uma festa de despedida para nos homenagear. Por isso, vamos dar um passeio por aí durante uns três dias. No quarto dia, que será o da festa de despedida, nós voltaremos”.

Os *Diroá*, muito alegres, disseram:

“Muito bem, vovô, vamos arrumar as nossas coisas”.

E vieram baixando até a boca do igarapé Japu, abaixo da Cachoeira de Iauareté. Chegando ali, fizeram um tapiri com a ajuda do avô. No dia seguinte, disseram:

“Avô, nós vamos sair para pescar. Fique aqui preparando um jirau para moquear os peixes. Mas faça um jirau bem grande, porque nós vamos trazer muitos peixes”.

O velho respondeu:

“Muito bem”.

Ele ficou no tapiri fazendo o jirau. Achou melhor fazer um jirau pequeno porque duvidou que fossem trazer muitos peixes. E assim fez. Os *Diroá* foram à foz do igarapé Japu. Aí, eles puseram uma cuia dentro da água, e tocaram-na com os dedos, dando umas batidas. Ouvindo as pancadas na cuia, levantou-se uma grande cobra, *Umupũrõ*, a cobra-japu, que os *Diroá* mataram. Era grande e comprida. Apesar do tamanho, os *Diroá* a levaram até o porto do tapiri. Depois correram para avisar *Siruriye*, pedindo que fosse buscar os peixes que haviam apanhado. Viram então que o jirau era muito pequeno e reclamaram:

“Por que o senhor não fez um jirau grande como tínhamos mandado? Nesse jirau não vão caber todos os peixes. Bem, nós vamos aumentar o jirau, enquanto isso o senhor vai tirar as tripas dos peixes”.

O velho obedeceu e foi até a canoa para tirar as tripas dos peixes. Não viu peixe algum, somente uma cobra gigantesca. Vendo-a, assustou-se e voltou até o tapiri. Os netos lhe perguntaram:

“Destripou todos os peixes?”

O velho respondeu:

“Eu não vi nenhum peixe”.

Perguntaram:

“O senhor não chegou até a canoa?”

“Cheguei”, ele respondeu.

“Então, por que não viu os peixes?”, prosseguiram.

“Eu não vi”, respondeu o velho.

Os *Diroá* disseram:

“Vamos olhar, então!”

Foram juntos até a canoa, que estava cheia de peixes. Havia vários tipos de peixes. Mostrando-os ao seu avô, disseram:

“O senhor está ficando cada vez mais cego. Venha destripar logo os peixes, senão eles vão apodrecer. Nós vamos carregar lenha”.

O velho ficou sozinho tirando as tripas. Ele sabia que os peixes não prestavam, porque antes havia visto aquela grande cobra. Enquanto isso, os *Diroá* foram buscar lenhas para o moquém. Trouxeram os peixes, que deixaram no jirau. Moquearam-nos até secarem bem.

Depois, eles foram pedir ao Terceiro Trovão, *Умуркоñећкũ*, o espelho de dar raios⁹⁵. Ele deu-lhes um espelho branco. Não é um espelho verdadeiro, mas uma espécie de vidro com poder de dar raios. Foi isto que o Trovão lhes deu, o vidro branco que dá raio branco. Depois de receberem o vidro de dar raio, eles começaram a tecer com folhas de patauá alguns cestos, esses cestos que se costuma fazer na hora para carregar peixes, caça ou frutos do

95. *Diurumihi*.

mato. Transformaram em seguida os cestos em um bando de porcos-queixadas⁹⁶ e experimentaram lançar raios com o vidro branco em cima deles. Eles caíram desfalecidos, mas não morreram. Vendo isso, os *Diroá* disseram:

Θμυκοñehkã nos enganou, ele nos deu o vidro de dar raios fraco. Vamos fazê-lo adormecer para tirar dele o vidro forte, o vidro vermelho.”

Assim fizeram. Fizeram adormecer profundamente o Trovão. Depois, tiraram um pedaço da coluna vertebral de Θμυκοñehkã. Esse era o raio mais forte, o raio vermelho. Experimentaram-no depois sobre os porcos-queixadas. Lançaram quatro vezes os raios sobre eles. Na primeira vez, os porcos caíram no chão, mortos. Na segunda vez, eles ficaram em pedaços. Na terceira vez, ficaram somente alguns pedacinhos deles e, na quarta vez, não ficou nenhum pedaço. Vendo isso, os *Diroá* ficaram contentes:

“Agora sim, está bem!”

E guardaram esse poder de dar raios. Era parecido a um pedaço de vidro, só que era invisível.

No outro dia, voltaram à maloca dos *Koáyea*. Ao encostarem a canoa no porto, já eram quatro *Diroá* ao invés de dois. No dia seguinte, surgiram mais dois. No terceiro dia, quando os *Koáyea* preparavam os caxiris e o caapi para a festa de despedida, apareceram mais outros dois. Pela madrugada do quarto dia, o da dança, surgiu outro par de *Diroá*. Todos tinham o mesmo rosto. Era impossível distingui-los. Não se sabia mais quais eram os *Diroá* originais, porque eles se haviam multiplicado prodigiosamente.

No dia da festa de despedida, *Diruë*, o chefe dos *Diroá*, dançou e cantou a cantiga chamada *aõyuhkugori*. Pela manhã, ele havia entregado os peixes, fazendo o *dabucuri* de peixes. Terminada essa cerimônia, ele se enfeitou com os enfeites de dança e começou a dançar. A uma hora da tarde, os *Koáyea* começaram a servir-lhes o caapi. Às três horas, já vinham tomando muito caapi e os *Diroá* se preparavam para participar da dança chamada *õmabayaribu*.

96. *Yehsesurĩna*, *Tayassu pecari*.

Os *Koáyea* queriam aproveitar desse momento para agarrar os *Diroá*, achando que estavam muito tontos para percebê-los. Antes de começar a participar dessa parte da dança, *Diruê* olhou para o lugar onde ficavam os chefes de malocas e viu os *Koáyea* esperando-o. Eram quatro grandes onças debaixo de quatro esteios, esperando agarrá-lo nessa parte da dança. *Diruê*, mesmo estando dentro da maloca e participando da dança, viu o que se passava dentro e fora da maloca. Assim também, ele viu uma velha *Koáyea* caminhando ao porto para buscar água. Transformado num garoto dos *Koáyea*, ele perguntou aonde ela ia. A velha respondeu:

“Vou buscar água, meu neto”.

Fingindo inocência, *Diruê* continuou:

“Para fazer o quê?”.

A velha retrucou:

“Para cozinhar as tripas dos *Diroá*, porque teus pais vão agarrá-los agora mesmo”.

E acrescentou:

“A tripa do pai deles, *Āgãmahsãp̄*, era muito gostosa”.

Diruê, feito filho dos *Koáyea*, proseguiu:

“Quando é que os meus pais vão agarrar os *Diroá*?”

“Quando estiverem cantando o *õmabayaribu*”, responderam a velha.

Assim, *Diruê* ficou sabendo de tudo. Ao levantar-se para cantar e dançar, ficou atento. Por isso, cantou assim:

“Mari yai kuni yai kuni. Piaka deyu waya piaka deyu waya, deyu waya wiroya deyu waya wiroya”.

Era um canto cerimonial que estava dizendo:

“Para nós mordermos as onças, já as estamos vendo”.

Ao escutarem o canto de *Diruê*, os *Koáyea* vestidos de onça deixaram os seus lugares. Comentaram entre si:

“Não podemos pegá-los agora, já sabem tudo”.

Anoiteceu. Lá, pelas nove horas da noite, o chefe dos *Koáyea* sacudiu o seu bastão cerimonial *yegu*, que soou assim:

“*Titi, ri ri ri, tiriri, ri ri ri, tiri ri ri ri*”.

Balançou-o três vezes. Era o sinal para tomar-se todo o resto do caapi. Depois, o chefe dos *Koáyea* foi entregar o bastão a *Diruẽ*. Era o aviso de que este devia tomar o resto do caapi. Depois ele voltou para o seu lugar. Então *Diruẽ* levantou-se para fazer soar o bastão. Era sua resposta, antes de tomar o resto do caapi. Em seguida, foi tomá-lo com seus múltiplos. Caminhou até o quarto de chefe onde estavam sentados os *Koáyea* e disse:

“Sów! Venho tomar o resto do caapi”.

Aí, o distribuidor do caapi serviu-o e aos demais *Diroá*.

Enquanto eles estavam tomando o resto do caapi, os *Koáyea* perguntaram a *Diruẽ*:

“Você pajé de que é?”

Ele respondeu:

“Sou *yesuĩ*”, isto é, “pajé do amargo”.

Os *Koáyea* responderam:

“Queremos morder o pescoço do pajé do amargo”.

“Experimentem”, contestou *Diruẽ*.

Os *Koáyea* agarraram o seu pescoço e o morderam. O pescoço era tão amargo que não aguentaram, soltando-o. Perguntaram a um outro dos *Diroá*:

“Você pajé de que é?”

“Eu sou *yeɸiɸ*”, isto é, “pajé do azedo”.

Os *Koáyea* disseram:

“Deixe-nos morder o pescoço do pajé do azedo”.

“Experimentem”, retrucou.

Eles o agarraram e o morderam, mas o pescoço era tão azedo que tampouco aguentaram. É que cada um dos *Diroá* havia conseguido um poder para enfrentar os *Koáyea*. Um terceiro disse:

“Eu sou *yeɸuikuribarɸ*”, isto é, “pajé de quebrar dente”.

Este, quando mordido, arrebatava os dentes do mordedor. Dessa forma, todos os *Diroá* escaparam. Seu chefe tomou-se de ira ao verificar que os *Koáyea* eram implacáveis, não queriam perdoar.

Voltando ao seu assento, executou a cerimônia chamada “*pari-pari*”, que é, como vimos, uma demonstração de valentia.

Nessa cerimônia, costumava-se empregar palavras ofensivas. As de *Diruẽ* foram bastante duras, Disse assim:

“Se minha ira cair em cima de vocês, morrerão. Já viram o suficiente para avaliar o meu poder. Vocês foram inimigos dos meus pais e dos meus avós. Mas a mim não farão nada”.

Dizendo isso, demonstrou que sabia terem sido eles, junto com os gaviões-reais, os devoradores de *Ãgãmahsãpu*, e que também queriam comê-lo.

Em seguida, voltou à sua dança e ao seu canto. Durante todo o dia entoou a cantiga *aõyuhkuwih̄tõgori*. Cantou e dançou até anoitecer. À meia-noite, entoou o canto chamado *aõyuhkubugugori*, que era o mais importante. Cantou-o e dançou até amanhecer. Lá pelas oito horas da manhã, entoou e dançou a última parte, chamada *bayawiriribu*. Nessa fase, era costume dançar e cantar no pátio da maloca. *Diruẽ* deu duas voltas na maloca. Na terceira volta, ele saiu para o pátio e cantou assim:

“*Kahpi periya diperi, kahpi periya diperi*”.

Com essa canção quis dizer que fazia o sangue escorrer como a chuva. No pátio, deu outras voltas e tornou a entrar na maloca. Antes disso, deixou o seu bastão cerimonial bem na direção da porta. Nele, pendurou seu colar de pequenas contas brancas chamado *dasiribero*. Junto ao bastão, deixou o pedaço de espinhaço do Trovão que lhe conferia o poder de soltar raios.

Ao penetrar na maloca, caiu um raio seguido de um grande temporal. O bastão *yegu*, o colar de contas e o pedaço de espinhaço é que estavam produzindo o raio. *Diruẽ* cantava, dando voltas na maloca, enquanto o raio ia matando os *Koáyea*. Assim que ele terminou o seu canto, voltou a transformar-se nos dois meninos originários. Não restou nenhum pedacinho dos *Koáyea*. Os *Diroá*, assumindo o lugar deles, disseram:

“Isso é o seu castigo por terem matado o nosso pai e os nossos avós”.

Antes de soltar os raios, *Diruẽ* havia escondido a sua velha avó debaixo de um grande camuti para que não fosse atingida. Mas a velha, por curiosidade, resolveu levantar um pouquinho o camuti



para ver o que os seus netos estavam aprontando. O raio a fulminou. Quando os dois *Diroá* levantaram o camuti, para ver a velha, só havia sangue. Vendo isso, disseram:

“Morreu a velha avó que nos criou. Vamos fazer um rito para ela voltar à vida”.

Assim fizeram e a velha levantou-se. Todavia, com ela, levantaram-se todos os *Koáyea*, porque a avó também era do grupo dos *Koáyea*. Por isso, os irmãos dela se ergueram também.

“Já que é assim, a nossa avó tem que morrer também”, disseram então os *Diroá*.

Soltaram mais raios e acabaram com todos. Depois, subiram à Maloca do Universo. Devem estar lá agora. Eles é que, às vezes, andam pelo mundo soltando raios à toa. Assim termina a história dos *Diroá*.





Um dos autores, **Tolamãñ Kenhíri** (Luiz Lana), sua mulher, Catarina, e seu quinto filho, Norberto. Aldeia de São João, rio Tiquié, setembro de 1978.

OS ÍNDIOS DAS ÁGUAS PRETAS*

Berta G. Ribeiro

Na história da antropologia brasileira, esta é a primeira vez que protagonistas indígenas escrevem e assinam sua mitologia. *Tolamãñ Kenhíri*, índio Desana do clã de mesmo nome, e seu pai, *Umúsin Pantlõn Kumu*, de 33 e 53 anos de idade, respectivamente, decidiram fazê-lo para deixar a seus descendentes o legado mítico de sua tribo, convictos de que, de outra forma, se perderia ou seria deturpado.

(...) isto confere autenticidade incontestável ao conteúdo e forma da narrativa, como expressão de fé e construção literária. Em segundo lugar, documenta o resultado da simbiose entre o conservantismo cultural e o uso de instrumento adquirido de nossa civilização para exprimi-lo: a linguagem escrita. Da mesma forma podem ser interpretados os desenhos que ilustram o livro, feitos por um dos autores. Isto é, como linguagem gráfica, em que certos módulos, aprendidos por via da escolaridade, se mesclam a concepções tradicionais numa sociedade em mudança.

* NOTA DA EDITORA: selecionamos alguns trechos da introdução que Berta G. Ribeiro escreveu para a primeira edição, publicada pela Livraria Cultura Editora em 1980. Posteriormente, Berta publicou também um livro dedicado aos povos do Rio Negro sob o mesmo título, “Os índios das águas pretas” (Cia. das Letras, 1995).

A grafia das palavras em desana que aparecem neste prefácio e em toda a edição de 1980, difere da grafia adotada no corpo do livro que é a mesma da 2ª edição revista por Dominique Buchillet de acordo com sua nota linguística na página 222.

Umúsin, cujo nome cristão é Firmiano Arantes Lana, e Tolamã, seu filho primogênito, batizado com o nome de Luiz Gomes Lana, iniciaram o trabalho em 1968. Numa entrevista gravada com Luiz Lana no povoado de São João, no Rio Tiquié¹, ele expõe as razões que o motivaram e a seu pai a levar a cabo essa empreitada:

“A princípio não pensei em escrever essas histórias. Foi quando vi que até rapazinhos de dezesseis anos, com gravador, começaram a escrevê-las. Meu primo-irmão, Feliciano Lana, começou a fazer desenhos pegando a nossa tribo mesmo, mas misturados com outra. Aí falei com meu pai: ‘Todo o mundo vai pensar que a nossa história está errada, vai sair tudo atrapalhado’. Aí ele também pensou... Mas meu pai não queria dizer nada, nem para o padre Casemiro, que tentou várias vezes perguntar, mas ele dizia só umas besteiras assim por alto. Só a mim é que ele ditou essas casas transformadoras. Ele ditava e eu escrevia, não tinha gravador, só tinha um caderno que eu mesmo comprei. Lápis, caderno, era tudo meu.

Quando estava na metade, aí eu escrevi uma carta ao padre Casemiro. Ainda não era amigo dele, mal o conhecia, mas disse que iria escrever tudo direito. Ele me respondeu e mandou mais cadernos. Fiquei animado... Não escrevia todo dia não, fui perguntando ao meu pai. Às vezes passava uma semana sem fazer nada. Quando terminei, quando enchi todo um caderno, mandei o caderno ao padre Casemiro, o original em desana, a história da criação do mundo até a dos Diloá. Continuei trabalhando, fazendo outro original, já em português. Aí pedi ao padre Casemiro para publicar, porque es-

1. Local de antiga maloca construída pelo pai de Umúsin Pantlõn Kumu, o povoado (no rio Negro não se diz aldeia) de São João (*Waru serakê* em desana; *Waru serakó* em tukano; ou *waru* = pintura, *serakê* = corpo) situa-se num trecho não encachoeirado do Rio Tiquié, afluente da margem direita do Rio Uaupés, a meia hora de barco a motor de Pari Cachoeira, sede da Missão Salesiana de mesmo nome. Contava, em 1978, com 54 habitantes, pertencentes todos ao clã *Tolamã Kenhíri* que, em português, tem o sobrenome Lana.

sas folhas datilografadas acabariam se perdendo, um dia podiam ser queimadas, por isso pedi que fosse publicado para ficar no meio dos meus filhos, que ficasse para sempre. Como ele conhecia o Márcio Souza, entregou essas cópias para o Márcio, acho que os desenhos também, os meus e os do Feliciano. Ai o Márcio me escreveu para que eu escrevesse à editora dizendo que eu era um índio autêntico, me mandou o endereço da editora. Eu escrevi mesmo, dizendo que era da tribo tal, das fronteiras, perguntei o dia, a data que ia ser publicado, escrevi para o endereço que me mandou mas não recebi resposta. Voltei a escrever três cartas e nada de resposta. Foi aí que a senhora chegou.

Umúsin ou Firmiano, filho de *ṭuxáua*, *kumu*² e *ṭuxáua* ele próprio até recentemente, não quis aprender o português. Mais ainda, fez questão de que seus sete filhos falassem o desana, a língua paterna, mas só Luiz, coautor deste trabalho, a domina por inteiro. A recusa em aprender o nosso idioma e a teimosia com que conserva a memória e se empenha na prática dos costumes tribais testemunham o vigor de sua identificação étnica. Comprova que décadas de doutrinação católica e de dominação não foram suficientes para erradicar o *ethos* tribal de um pequeno grupo indígena³, malgrado a pressão aculturativa sobre ele exercida. Isso não

2. Os *kumuá* exercem funções destacadas na estrutura social desana. É-lhes atribuído o poder de controlar os fenômenos da natureza, profetizar malefícios e executar ritos para obviá-los, dirigir os cerimoniais do ciclo vital e, em alguns casos, na ausência de pajés, realizar curas. Tal como os xamãs, têm profundo conhecimento da mitologia, dos ritos e costumes tribais.

3. É difícil calcular com exatidão a população desana do Brasil, uma vez que em várias aldeias existem índios desta e de outras tribos, principalmente Tukano e Pirá-tapuia. Uma estimativa aproximada daria um total de 820 índios, sendo 543 no Rio Tiquié (dezesseis povoados), 205 no rio Papuri (quatro povoados) e 72 no Rio Uaupés (dois povoados). (Dados de 1977/8).

impediu que os autores deste livro, assim como milhares de índios do Uaupés e do Içana, tenham absorvido inúmeros elementos que os agentes de nossa civilização lhes vêm impondo. Hoje sabem distinguir os seus aspectos positivos e negativos. No que se refere aos positivos, não podem nem desejam retroagir. Assim, existem na região cerca de oitocentos eleitores, alguns com documento de identidade e CPF; os velhos e inválidos estão se habilitando para receber aposentadoria do FUNRURAL; os professores índios procuram ser contratados pelo Município de São Gabriel para ter estabilidade. A maioria dos homens de menos de quarenta anos e a quase totalidade de crianças e adolescentes de ambos os sexos estão alfabetizados. Estes últimos frequentam cerca de três ou mais anos os internatos da Missão Salesiana, onde recebem, além de doutrinação religiosa, o ensino de primeiro grau, às vezes completo, cujo programa é o dos cursos oficiais desse nível adotado no Rio de Janeiro ou em qualquer outra cidade brasileira.

No entanto, quando voltam à aldeia (hoje chamada povoado), onde a antiga maloca foi substituída por casas familiares arruadas, têm de prover sua subsistência, praticamente da mesma forma que a proviam seus antepassados há quinhentos ou há mil anos. Embora haja uma capela em quase todas as povoações e, em muitas delas, escolas para o ensino até a quarta série, fora das aulas — tanto aí como nos internatos das missões — a língua falada é a tribal e o tukano, língua franca que vem absorvendo paulatinamente todas as outras.

Ao lado da capela, onde se reza todo domingo, ou mesmo nos dias de semana, continuam vigentes, secreta ou abertamente, as práticas de pajelança e alguns ritos ancestrais. Muitos destes, hoje em dia, têm mais o caráter de “festas folclóricas”, realizadas em grande estilo nas sedes das missões com o incentivo de seus diretores, para homenagear personalidades ilustres que as visitam ou festejar datas do calendário católico ou civil brasileiro. Mas para os índios que os protagonizam, envergando adornos tradicionais, entoando seus cantos e realizando suas danças, representam atos

de fé e formas de resistência à voragem aculturativa que os envolve e, inevitavelmente, os tragará, mais dia, menos dia. Os mais conscientes sabem, contudo, que na medida em que conservam a cultura ancestral se mantêm eles mesmos, fazendo jus à terra em que sempre viveram, que conhecem como a palma da mão, e na qual seus antepassados deixaram marcas indeléveis: as inscrições rupestres junto às suas cachoeiras.



Gravuras rupestres. Cachoeira de Uapuí, rio Airi, afluente do Içana.

II

Minha participação na feitura deste livro, tal como se apresenta, deveu-se a várias circunstâncias. Meu objeto de pesquisa nos altos afluentes do Rio Negro era o trançado indígena, feito de arumã e outras plantas, muito desenvolvido em todo o norte amazônico, especialmente nessa região. Esse estudo devia focalizar a variedade de formas e técnicas, o seu uso e função na economia da mandioca e da pesca, sistema de trocas intertribais e a especialização artesanal, o papel da cestaria no comércio com os brancos, bem como o discernimento da mensagem simbólica contida nos desenhos dos trançados. Para isto era preciso estudá-los no seu contexto social, mitológico e aculturativo. Eu já conhecia o livro de Reichel-Dolmatoff (1968) sobre a mitologia desana, em que o autor dá realce aos conteúdos simbólicos de elementos da cultura material. A leitura desse livro foi outro motivo que me levou a escolher essa área para realizar o estudo.

Ao chegar a Iauareté soube que, em São João, no Rio Tiquié, por incentivo do padre Casemiro Beskta, dois índios Desana, Firmiano e Luiz Lana, haviam escrito a mitologia de sua tribo, e outro, sobrinho de Firmiano, Feliciano Lana, feito os desenhos alusivos a essa mitologia. Soube também que o escritor amazonense Márcio Souza escrevera uma peça de teatro baseada no mito da criação desana, narrado por Feliciano, produzira um filme com os desenhos dele e estava agenciando a publicação do livro de Firmiano e Luiz Lana numa editora do Rio de Janeiro. Imaginei que os autores deveriam ter cópia desse manuscrito e me dariam acesso a ele. Em lugar de tentar colher eu própria mitos esparsos, achei mais prático consultar essa coletânea. Fui a Pari Cachoeira e mandei chamar Luiz Lana para expor-lhe meus propósitos e prontificar-me a ajudá-lo a publicar o livro, uma vez que, residindo no Rio, poderia acompanhar a edição mais de perto. Lembro que a conversa com Firmiano e Luiz, já no segundo dia de minha estada em São João, foi a princípio meio áspera. Ambos alegaram que

nós, antropólogos, vamos às suas aldeias, coletamos suas lendas, estudamos suas tradições e depois publicamos nossas obras “no Brasil e nos Estados Unidos”, enquanto eles, seus depositários, ganham uns míseros presentes. Dei-lhes toda a razão, enfatizando que o ideal seria que os próprios índios se tornassem antropólogos e escrevessem sobre si mesmos e até sobre nós, ditos civilizados. Por fim, convenci-os de que eu me utilizaria desse material como de qualquer fonte bibliográfica, citando seus autores, e que eles é que teriam os direitos autorais e os seus nomes na capa do livro. Além disso, já tendo lido algumas páginas do manuscrito, convenci-me de que como estava seria impublicável. Realmente, passadas duas semanas, o original foi devolvido pela editora. Propus-me a copidescá-lo, reescrevê-lo e redatilogá-lo.

Durante um mês e meio trabalhamos cinco a seis horas por dia, Luiz e eu, lado a lado, num quartinho que construí para mim junto à sua casa. Volta e meia vinha acompanhar o trabalho o velho *KUMU* Firmiano, rindo muito quando Luiz voltava a traduzir ao desana trechos que havíamos reescrito. Mas é preciso que se diga que peguei o bonde andando. O incentivo maior aos autores partiu do padre Casemiro Beskta, atualmente afastado, contra a sua vontade, da Missão de Pari Cachoeira e dos índios com quem conviveu durante vinte anos seguidos. Ele é que devia escrever este prefácio porque é quem mais os conhece e porque tem uma cultura etnológica e linguística muito mais profunda que a minha sobre os grupos dessa região. Recusou-se a fazê-lo, temeroso de que, com um prefácio seu, talvez não se cumprisse o objetivo mais alto que persegue: de que este livro volte ao Uaupés e se torne acessível aos índios.⁴

4. Este é também o desejo de Luiz Lana. Mas, ao ser entrevistado por mim a esse respeito, ficou indeciso, dizendo: *No meio das minhas histórias tem algumas que só os homens podem saber. Gostaria que todos as lessem, mas quem guarda as escolas são os padres mesmo. Se distribuir nos colégios, assim, eles não acharão bom. Eu penso que aqueles que se interessam em saber, poderão ler, os padres mesmo. Acho bom que fiquem assim os livros, que venham para cá.*

Consultando as bibliotecas das escolas missionárias, folheando os cadernos dos alunos e conversando com os adultos, verifiquei que os programas e textos de leitura tratam de Grécia, Roma, Idade Média, mas nada se lhes ensina sobre o povoamento da América, as altas civilizações autóctones, os grupos silvícolas americanos e brasileiros, nem, muito menos, se lhes dá uma noção sobre eles próprios. O livro do padre Alcionílio Bruzzi (1962), que tem indubitavelmente muitos méritos como compilação da bibliografia histórica e etnológica da área do Rio Negro e uma riqueza enorme de observações pessoais recolhidas ao longo de toda uma vida passada entre os índios do Uaupés, está eivado de tantos preconceitos contra eles, que sua leitura só poderia minar o orgulho tribal, fazendo-os introjetar a imagem que os brancos têm deles. A expectativa de todos que contribuíram para que este livro fosse editado é que seus leitores sejam, principalmente, os milhares de protagonistas desta história mítica.

Luiz Lana, que cursou a escola da Missão de Pari Cachoeira até a quinta série primária, começou o seu trabalho, como disse, transcrevendo em desana os mitos que seu pai lhe ia ditando. Uma página desse original está aqui reproduzida. Depois traduziu o texto ao português e fez alguns desenhos a lápis, que também foram incluídos aqui, redenhados e, em alguns casos, ampliados por Rodolfo Burgos. Só tive acesso a esse caderno depois de voltar da pesquisa, quando fui procurar padre Casemiro e Márcio Souza em Manaus para falar de minha participação na reelaboração do livro e de sua publicação.

Essa participação se resumiu em precisar passagens ininteligíveis ou obscuras; melhorar a redação, mantendo, dentro do possível, o espírito e o estilo do original; traduzir literalmente ao português, palavra por palavra, na ordem em que apareciam, as expressões em desana que Luiz Lana havia deixado no texto e pedindo-lhe para acrescentar outras, julgadas necessárias para afirmar a fidedignidade do testemunho.

A tradução literal permite, a meu ver, inferir a estrutura de pensamento dos Tukano falantes e o significado simbólico de expressões como *Tolamãñ Kenhíri ponlãñ*, o clã a que pertencem os autores.⁵ *Tolamãñ* = nome próprio; *Kenhíri* = flores ou desenhos que aparecem nos sonhos; *ponlãñ* = descendente. Anteriormente essa expressão havia sido traduzida por “filhos das flores do sonho”. Ou deduzir a estrutura da língua contida na expressão: *tatá mantlá mahsá nomé*: sapo, plural, gente, mulher. Ou ainda: *ngamu nomeá baríri*, que traduzido na ordem em que está escrito significa: menstruação, mulheres, rito, dia. Ou seja, o dia em que se celebra o rito de passagem da mulher quando tem a primeira menstruação. Ou também: *mahsá poté nihi sohpe*, que, literalmente, seria: gente, fertilidade, parto, porta, que indica simbolicamente a anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais femininos. Ou finalmente: *alun sali kuli* = beiju, colocar, balaio.; ou seja, balaio para colocar beiju, o que aclara, por sua própria designação, a função desse cesto.

Da mesma maneira, traduzimos as denominações das casas transformadoras, onde a humanidade, criada por um ato de vontade de *Yebá beló* (universo, avó), a partir de enfeites masculinos e femininos, foi amadurecendo e se transfigurando. Expliquei a Luiz Lana que, sem o entendimento do significado simbólico dessas designações, a sucessão desses nomes não faria sentido ao leitor, especialista ou não. Ainda assim, deixou de dar-me a tradução de algumas palavras cerimoniais que considera secretas, ou cujo equivalente em português desconhecia. Da mesma forma, agregamos os nomes e respectivos significados dos ritos, cerimoniais, acidentes geográficos, fenômenos naturais, elementos da flora, fauna e artefatos citados nos mitos, o que permite captar a consciência coletiva, a visão do mundo e o conhecimento da natureza dos Desana.

5. Atualmente, todos os *Tolamãñ Kenhíri* vivem em São João e usam o sobrenome Lana em vez da designação clânica.

(...) Entre outras alterações de redação, fiz, por exemplo, as seguintes: usei a expressão “ancestral” em lugar de “vovô”; “descendente” em vez de “filho”; “cataclismo” para substituir “desastre”; “enchente” em vez de “dilúvio”; “Criador” no lugar de “Deus”, explicando a Luiz Lana as razões dessas mudanças.

(...) A propósito do sequestro de *Boléka*, desejo contar um episódio que muito me comoveu e que elucida os elementos de fé contidos nas narrações míticas. Um dia, o velho kumu Firmiano mandou sua filha Madalena, professora primária do povoado maku, Nova Fundação, perguntar-me se eu havia encontrado ou ouvido falar do paradeiro de *Boléka*, ancestral supremo dos Desana. Já havia feito essa pergunta ao padre Casemiro, que não soubera contestar-lhe. Sendo eu brasileira e morando no sul, poderia dar-lhe uma resposta confiável. Ela deve ter notado meu embaraço quando lhe respondi que, no sul, no Rio de Janeiro, onde moro, vive muita gente. As casas são montadas umas em cima das outras e mal há espaço para as pessoas andarem nas ruas. No íntimo, *Umúsin Pantõn Kumu* estava buscando uma explicação, dentro do seu horizonte psíquico, ao extraordinário domínio do branco frente ao índio, no fato de terem os brancos sequestrado o criador de sua gente e, dessa forma, se apossado de sua sabedoria e poder.

A versão reescrita aqui apresentada foi lida a um dos autores, Luiz Lana, já que Firmiano não sabe português, e considerada correta por ele. No curso do trabalho, Luiz me pedia muitas vezes para enxugar o texto, tirando repetições e eliminando diálogos cansativos. Preocupou-se também com a transcrição fonética correta das palavras em sua língua e em tukano, que eu ia anotando. Com esse objetivo, gravamos um vocabulário a fim de que a transcrição fosse feita por um linguista, segundo as convenções internacionais. Isso não foi possível porque demandaria muito tempo. A chave dos sons vocálicos e consonantais me foi dada pela linguista Miriam Lemle, do Museu Nacional. Aconselhou-me a usar uma convenção gráfica que se aproximasse à internacional evitando o uso de sinais diacríticos para não dificultar a Impressão.

Por sugestão minha, Luiz Lana fez 32 desenhos que explicam e enriquecem o texto. A eles agreguei a maioria dos que havia feito no seu manuscrito. As legendas dessas ilustrações foram redigidas por mim, com a assistência de Luiz Lana, da mesma forma que as notas de rodapé. O subtítulo do livro, sugerido por mim, se justifica por se tratar, em sua maior parte, de narrações sobre os heróis míticos Desana.

III

A mitologia desana reunida neste livro espelha a natureza amazônica pela presença e, em alguns casos, a personificação de elementos naturais como o trovão, o raio, o relâmpago, as tempestades, as enchentes, os igapós, as cachoeiras e os seus caudalosos rios de águas pretas. A menção a diversos acidentes geográficos e as inscrições rupestres denunciam a antiguidade da ocupação da área, que representa o melhor argumento para a sua demarcação em nome de todas as tribos que a habitam, bem como o seu tombamento como patrimônio histórico e artístico nacional.



Figura de sobrenatural gravada na rocha. Uapuí-Cachoeira, Rio Aiari.

Reporta-se ainda à importância de animais predadores, da terra, das águas, do ar – a onça, a sucuri, o gavião –, ao mesmo tempo xamãs e ancestrais que matam, são mortos, se transfiguram em gente, voltam a ser bichos, ressuscitam e são ressuscitados a partir de partes do seu corpo, principalmente os ossos longos, e o seu papel de mediadores entre o mítico, o cósmico e o terreno.⁶

A cosmogonia desana espelha também, simbolicamente, a analogia entre a maturação da humanidade e a do feto. Ambos se desenvolvem em ambiente aquoso – a ontogênese repete a filogênese – e as várias fases dessa evolução são assinaladas pela passagem da humanidade por “casas transformadoras”. Seus nomes indicam etapas do crescimento humano: casa “dar volta para trás”, quando a criança começa a movimentar a cabeça; casa “engatinhar” etc.; ou do processo de socialização: as casas onde, respectivamente, as moças e os rapazes são iniciados, habilitando-se para as funções de reprodução.

Reflete, por igual, a vassalagem dos *MaKu*, dominados pelos grupos Tukano; a exogamia tribal, as relações intertribais, a hierarquização interna dos clãs e externa, das tribos; o papel social da mulher como “dona da roça”, ou seja, a responsável pela plantação, que constitui a base mais estável do provimento da subsistência; a natureza dos grupos Tukano como ribeirinhos, pelo fato, entre outros, de os dois heróis culturais terem nomes de peixe: o tukano *Doé tiro* = traíra, e o desana *Botéka* = uaracu; e de se dizerem *wáí mahsá*, ou seja, peixe-gente.

O trickster, ou o herói demiurgo, é caracterizado pelo gambá (ou mucura em língua geral), fedorento, feio, mas esperto e pelos gêmeos *Diloá*, cuja estória encerra o volume.

Retrata, por outro lado, a etiqueta e o comportamento de indivíduos e grupos durante os cerimoniais e na vida diária; o papel dos pajés, sua identificação com as onças (há um só termo para

6. Stephen Hugh-Jones chama atenção para essa simbologia ao analisar a mitologia barasana (1974:138).

designar onça e pajé, respectivamente *yé* e *yaí* em desana e tukanó); as funções sociais de outros membros destacados da organização social, como o *baíá*, mestre de canto e dono de maloca, o *kumu* (sábio), bem como as funções subalternas dos acendedores de cigarros e preparadores de coca.

Revela, por último, a importância dos artefatos como símbolos tangíveis de identidade étnica e seu caráter mágico-religioso. Assim, a avó do cosmo faz-se a si própria de seis “coisas invisíveis”, expressas em objetos e plantas com poder mágico: bancos, cuias, suportes de panela, cigarros, porta-cigarros, coca e tapioca. A humanidade é construída a partir de pares de enfeites: diademas, colares, brincos – masculinos e femininos – e objetos cerimoniais. O Sol é criado quando o bisneto do universo arroja seu bastão-maracá para o alto, cujos enfeites assumem feição humana e se transformam no astro-rei.

Na lenda da criação, o branco é retratado realisticamente, segundo as duas faces com que se apresentou aos índios rio-negrinos: a do padre missionário, doutrinador, empenhado em destruir as crenças ancestrais; e a do truculento negociante, recrutador de braços para a indústria extrativa. Por isso, na saída da humanidade dos buracos das pedras de Ipanoré, aparecem esses dois personagens, graficamente retratados por Luiz Lana (v. fig. p. 47) segundo traços que os caracterizam: o padre com um livro na mão e o “branco” com uma espingarda. Ambos são mandados para o sul, pelo Criador como elementos perturbadores do éden mítico original. Com igual realismo, os brancos são evocados como destruidores do guardião de *Botéka*, o criador dos Desana, possibilitando sua captura, e sedutores da mulher de *Botéka*, com quem coabitam em sonho.

Além do mérito maior de ser um livro de autoria de dois índios, ele tem a vantagem adicional de permitir um cotejo com os textos míticos colhidos por G. Reichel-Dolmatoff junto a Antonio Guzmán, desana de Macu-Paraná, afluente da margem esquerda do Rio Papuri, atualmente professor em Mitu, Colômbia. E

também com os coletados, mais recentemente, pelo antropólogo inglês Stephen Hugh-Jones, entre os Barasana, também da Colômbia, e o norte-americano Rubín Wright, entre os Hohódené, Baniwa do Rio Aiari. Tal cotejo será feito, certamente, um dia. Confesso não me sentir preparada para isso. Devo dizer, contudo, que durante um caxiri, em São João, Marcelino Lana, que conhece perfeitamente o espanhol, leu em voz alta alguns mitos do exemplar de Reichel-Dolmatoff que levei à aldeia. Luiz Lana os ia traduzindo ao desana para que seu pai e outros velhos presentes os comentassem. Discutiram muito e chegaram à conclusão de que, provavelmente, Antonio Guzmán devia pertencer ao sexto grupo dos ancestrais Desana citados no livro, os *Wali paia'* (nome, sobrenome) (v. p. 64).

As duas versões têm mais elementos divergentes que comuns. A de Dolmatoff é extraordinariamente elaborada, tornando sua leitura um verdadeiro deleite. Talvez isso tenha levado Lévi-Strauss a enaltecê-la, dizendo: “. . . depois dessa obra, a etnologia sul-americana já não será a mesma”.⁷

De minha parte, espero que a etnologia brasileira já não seja a mesma quando outros *Umúsin* e *Tolamãñ* tomarem em suas mãos a tarefa de escreverem eles próprios sobre si mesmos. A propósito, julgo pertinente transcrever outro trecho da conversa que tive com Luiz Lana:

“Eu fiquei pensando, já que eu comecei a trabalhar, de pegar todas as estórias que meu pai sabe, até terminar. Quero continuar. Enquanto eu viver, quero fazer isso. Agora vou pegar as estórias que os antigos contavam para as crianças. Quando terminar tudo isso quero escrever algumas rezas que os velhos têm, escrever em minha

* N.E. *Uari Paya* de acordo com a grafia adotada na presente edição.

7. Cf. orelha da tradução inglesa, 1971. *Amazonian Cosmos. The Sexual and Religious Symbolism of the Tukano Indians*. The University of Chicago Press, Chicago.

língua mesmo e traduzir ao português. Essas rezas são muitas, e vai dar mais trabalho que este livro. Eu não quero que elas se percam. E meu pai, que é kumu, é dos poucos que ainda se lembram, agora só tem kumu, não tem mais pajé. E quero publicar também, publicar esse livro. São as rezas que se faziam quando davam nome às crianças, quando as moças tinham a primeira menstruação, rezas da defesa antes da vinda dos pajés invisíveis, rezas contra dores de cabeça, febre, para as plantas crescerem, para se acalmar os inimigos, contra mau-olhado. Depois penso fazer isso com os Tukano e os Tuyuka”.

NOTA LINGUÍSTICA

Dominique Buchillet

O sistema de transcrição da língua desana adotado neste livro inspira-se na *Proposta para uma grafia da língua Tukano*, elaborada por um Grupo de Trabalho, formado por professores Tukano da região do Alto Rio Negro, em vários seminários sob a coordenação da linguista Odile Lescure.

O alfabeto compreende 21 letras: a, b, d, e, g, h, i, k, m, n, ñ, o, p, r, s, t, u, u, w, y. Há ainda dois signos gráficos: o til (˜) em cima de uma vogal indica nasalização (*mahsã* “gente”) e o acento agudo (´) em cima de uma vogal indica o tom alto (*diá* “rio”). As vogais nasais são escritas sem til quando ocorrem numa sílaba na qual a consoante é m, n ou ñ (*mahãna* “moradores”, *mani* “nós”, *ñahsã* “maracá”).

Algumas letras representam sons próprios em desana, como o u, vogal central, fechada, não arredondada (*pagu* “pai”) ou consoante glotal (*wi’i* “maloca”). Outras têm pronúncias diferentes do português, como por exemplo:

/g/ – pronuncia-se [g] quando vem acompanhado por uma vogal oral (*pagu* “pai”) e [ŋ] quando acompanhado por uma vogal nasal (*ñagĩ* “miçangas”);

/h/ – representa uma aspiração, sendo diferente da letra h do português. Essa aspiração tem várias realizações fonéticas: aspirada [h], como no exemplo *ũhtã* “pedra”, ou fricativa [x], como na palavra *yuhku* “pau”;

/ñ/ – sua pronúncia varia entre [ɲ] e [j];

/r/ – quando a letra r aparece em posição intervocálica, seguida por uma vogal nasal, sua pronúncia difere conforme as variações dialetais do desana, podendo ser pronunciada pelos locutores [r], [l] ou [n]; e

/w/ – pronuncia-se [w] quando é seguida pelas vogais a, e, o, u, ɰ; e [ɰ] quando acompanha a vogal i, como em *wahsu* “seringa” ou *wi’i* “maloca”.

cobra-canoa
gente do universo
Rio de Janeiro, dois mil e dezenove.

Antes o mundo não existia. A escuridão cobria tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio da escuridão. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto estava aparecendo, ela cobriu-se com seus enfeites e fez como que um quarto. Esse quarto chama-se *Uhtãboho taribu*, o “Quarto de Quartzo Branco”. Ela se chamava *Yebá Buró*, a “Avó do Mundo”, ou também “Avó da Terra”

Enquanto ela estava pensando no seu Quarto de Quartzo Branco, começou a se levantar algo, como se fosse uma esfera e, em cima dela, apareceu uma espécie de pico. Isso aconteceu com o seu pensamento. A esfera, enquanto estava se levantando, envolveu a escuridão, de maneira que esta toda ficou dentro dele. A esfera era o mundo. Não havia ainda luz. Só no quarto dela, no Quarto de Quartzo Branco, havia luz. Tendo feito isto, ela chamou a esfera de *Umuko wi* “Maloca do Universo”.

Umusi Pārōkumu e Tōrāmü Kēhíri

